

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ELLE BEETHOVEN DOS SANTOS RESENDE

**A FIGURA DA BRUXA NO CONTEXTO DAS VISITAÇÕES NO BRASIL
SETECENTISTA: um contributo do imaginário de Gilbert Durand**

JOÃO PESSOA
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ELLE BEETHOVEN DOS SANTOS RESENDE

**A FIGURA DA BRUXA NO CONTEXTO DAS VISITAÇÕES NO BRASIL
SETECENTISTA: um contributo do imaginário de Gilbert Durand**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, na linha Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Carlos André Cavalcanti

Coorientadora: Prof.^a. Dr^a Danielle Ventura de L. Pinheiro

JOÃO PESSOA
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R433f Resende, Elle Beethoven Dos s.

A FIGURA DA BRUXA NO CONTEXTO DAS VISITAÇÕES NO BRASIL
SETECENTISTA: um contributo do imaginário de Gilbert
Durand / Elle Beethoven Dos s Resende. - João Pessoa,
2019.

106 f. : il.

Orientação: Carlos André Cavalcanti.

Coorientação: Danielle Ventura de L Pinheiro.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/PPGCR.

1. Mito. Medo. Clérigo. Bruxa. Inquisição. I.
Cavalcanti, Carlos André. II. Pinheiro, Danielle
Ventura de L. III. Título.

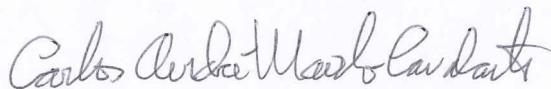
UFPB/BC

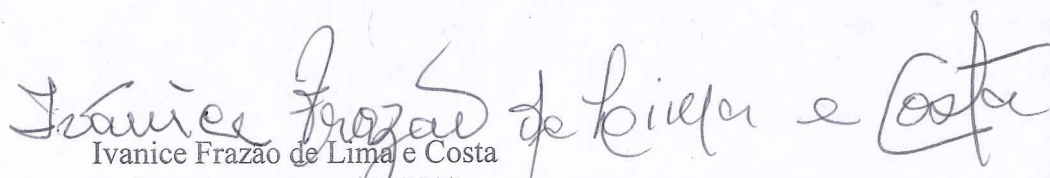
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

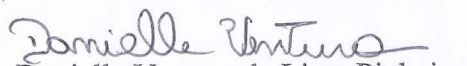
*A FIGURA DA BRUXA NO CONTEXTO DAS VISITAÇÕES NO BRASIL SETECENTISTA: um
contributo do imaginário de Gilbert Durand.*

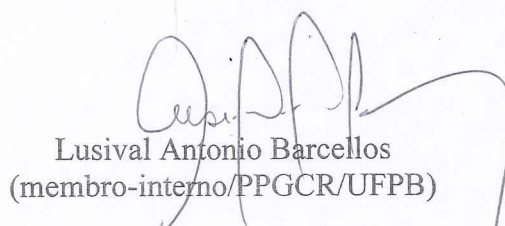
Elle Beethoven dos Santos Resende

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.


Carlos André Macedo Cavalcanti
(orientador/PPGCR/UFPB)


Ivanice Frazão de Lima e Costa
(membro-externo/UEVA)


Danielle Ventura de Lima Pinheiro
(membro-externo/FIP)


Lusival Antonio Barcellos
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 31 de julho de 2019.

DEDICATÓRIA

A Deus, que na sua infinita bondade me permitiu fazer parte da sua seara.

À memória dos meus avós Antônio José dos Santos e Maria Viana dos Santos, mesmo tendo pouca instrução, sempre incentivaram a minha formação acadêmica.

Ao meu pai Bento José Resende de Sousa (*in memoriam*), por ter sido um homem bom para com a sua família.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar à conclusão desse ciclo, reconheço que sou devedor a muitas pessoas que com seu carinho, conselhos e orientações foram essenciais nessa caminhada.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES pelo apoio financeiro.

Ao programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões na UFPB, através da pessoa do seu coordenador, o professor Dr. Fabrício Possebon, extensivo aos funcionários Avanir e Felipe.

Ao meu orientador, Professor Dr. Carlos André Macêdo Cavalcanti. Um exemplo de hombridade, humanidade e dedicação no ensino e pesquisa. Tem me acompanhado de perto desde o princípio desse trabalho. Muitíssimo obrigado.

Aos professores do mestrado: Dr. Carlos André Macêdo Cavalcanti, Dr^a. Dilaine Soares Sampaio, Dr^a Elisa Pereira Gonsalves, Dr. Fabrício Possebon, Dr^a. Maria Lúcia Abaurre Gnerre e Dr. Marinilson Barbosa da Silva.

Aos meus amigos de sala de aula: Raquel Carmona, Ricardo Sobral, Marcos Paulo, Cassiano Augusto Oliveira da Silva, Jeanne Cavalcanti e Themis Lessa.

À minha mãe: Ivanilda Célia, exemplo de dedicação à família e referência para os filhos. Aos meus irmãos que tanto amo: Eid Charles, Ivair Lucas e Djair Cabral.

À minha amada esposa Samara Resende que sempre esteve presente ao meu lado e aos meus amados filhos Ana Gabriela e Arão Benjamim.

Começo simples e tocante das religiões e das ciências! Mais tarde, tudo se dividirá; veremos aparecer o homem especial, prestidigitador, astrólogo ou profeta, necromante, sacerdote, médico. Mas, no início, a mulher é tudo (MICHELET, 1992, p. 18).

RESUMO

O presente trabalho é o desenvolvimento da pesquisa acerca de como se deu a construção clerical da figura mítica da bruxa. Para tal estudo, foram analisadas fontes da historiografia inquisitorial, objetivando a compreensão dos diversos contextos nos quais o gênero feminino é absorvido pelo simbolismo mítico, oriundo do empoderamento clerical vigente que proporcionou a essas mulheres momentos de afrontamentos de caráter misógino, através do desrespeito e da criminalização durante séculos. Partindo em busca do entendimento de quando essa mitologia foi alargada e firmada, sobretudo, a partir do período no qual atuou a Inquisição Portuguesa (1536-1821), quando a intolerância foi estabelecida como consequência das vivências cosmogônicas do seu cotidiano. Assim foram privilegiados, neste estudo, os possíveis nascedouros míticos da bruxa; o entendimento da sua consolidação simbólica na mentalidade coletiva e, por fim, promover uma releitura da relação existente entre o poder clerical e a pedagogia do medo. Para tal, serão averiguados diferentes pareceres que fazem parte do arcabouço teórico fundante dessa dissertação, que proporcionará um entendimento perspicaz do universo simbólico da bruxa e sua construção mítica nascentes nas vozes angelicais pós-apostólicas e adentraram na imagética da credulidade popular como verdades inabaláveis. Tripartidamente serão abordados em primeiro lugar Jean Delumeau (1989), em sua obra, *História do medo no ocidente: 1300-1800*, que toma com objeto de estudo a multiforme do medo presente no indivíduo e na coletividade. Em sequência utilizaremos Gilbert Durand (1995), *A imaginação simbólica* e *A fé do sapateiro*, a partir da concepção de como as imagens são produzidas, transmitidas e como se dá o seu recebimento. Por fim, nas lentes de Michel Foucault (2018) em sua obra, *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, percebe-se a disciplina e o aprisionamento do ser humano em regimes autorizativos.

PALAVRAS-CHAVE: Mito. Medo. Clérigo. Bruxa. Inquisição.

ABSTRACT

The present work is the development of research on how the clerical construction of the mythical figure of the witch occurred. For this study, were analyzed sources of inquisitorial historiography, aiming to understand the various contexts in which the female gender is absorbed by the mythical symbolism, deriving from the current clerical empowerment that provided these women moments of misogynist confrontation, through disrespect and criminalization for centuries. Starting in quest of the understanding of when this mythology was broadened and stated, specifically, from the period in which the Portuguese Inquisition (1536-1821) acted, when intolerance was established as a consequence of the cosmogonic experiences of its daily life. Thus, the possible mythical birthplaces of the witch were privileged in this study; understanding its symbolic consolidation in the collective mentality and, finally, promoting a rereading of the relationship between clerical power and the pedagogy of fear. To this end, it will be ascertained distinct opinions that are part of the founding theoretical framework of this dissertation, which will provide insightful understanding of the symbolic universe of the witch and its mythical construction becoming visible in post-apostolic angelic voices and entered the imagery of popular credulity as steadfast truths. As a triad, Jean Delumeau (1989), in his work, *La peur en Occident (XIV^e – XVIII^e siècles): une cité assiégée*, will be approached first, which takes as its object of study the multiform of fear present in the individual and the collective. We will then use Gilbert Durand (1995), *L'imaginaire symbolique* and *La Foi du Cordonnier*, from the conception of how images are produced, transmitted and how they are received. Finally, in the lens of Michel Foucault (2018) in his work, *Surveiller et punir*, one perceives the discipline and imprisonment of the human being in authoritative regimes.

Key Words: Myth, Fear, Cleric, Witch and Inquisition.

LISTA DE ABREVIATURAS

ITEBES	Instituto Teológico Batista de Ensino Superior
FACULTE	Faculdade Teológica Emaús
MS-DOS	Sistema Operacional em Disco da Microsoft
UNITINS	Universidade Estadual de Tocantins
UVA	Universidade Vale do Acaraú
UEPB	Universidade Federal da Paraíba
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UEM	Universidade Estadual de Maringá
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UFBA	Universidade Federal da Bahia
ANPUH	Associação Nacional de História
UNIABEU	Centro Universitário da Baixada
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
PPGHIS	Programa de Pós-Graduação em História Social

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro com ilustrações de desenhos infantis e histórias em quadrinhos - HQ, nos quais aparecem a bruxa (nas ilustrações 1, 2, 3 e 4, respectivamente assinaladas).....	95
Figura 2 - Pintura do espanhol Francisco de Goya, o Sabbath das Bruxas ou El Aquelarre, 1798	96
Figura 3 - Ilustração, da série popular nas décadas de 70 e 80 - A Feiticeira	97
Figura 4 - Fotografia na qual se vê o casal protagonista da série americana, popular na TV brasileira nos anos 70-80 - Jennie é um Gênio.....	98
Figura 5 - Fotografia da personagem principal do filme Elvira a Rainha das Trevas.....	99
Figura 6 - Fotografia ilustrativa de uma cena do filme A Convenção das Bruxas.....	100
Figura 7 - Capa ilustrativa do conto clássico João e Maria, em uma das suas inúmeras versões	101
Figura 8 - Gravura mostrando uma cena de tortura utilizado contra as mulheres com o instrumento conhecido como “fura-bruxas”.....	102
Figura 9 - Gravura mostra a obra Bruxas em óleo sobre tela do pintor alemão Hans Baldung	103
Figura 10 - Pintura mostra o “Vôo das bruxas” em óleo sobre tela do espanhol Goya.	104
Figura 11 -Pintura mostra a bruxa: Partida para o sabbat em óleo sobre tela do pintor Antoine Wiertz.	105
Figura 12 - Gravura mostra que os cristãos adoravam a um asno crucificado.....	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Levantamento na base de dados Domínio Público – Pesquisas Teses e Dissertações.....	30
Quadro 2 - Levantamento na base de dados SciELO - Scientific Electronic Library Online.....	33
Quadro 3 - Levantamento no Google Acadêmico.....	37
Quadro 4 - Processos femininos no Brasil Colônia dos Arquivos da Torre do Tombo.....	66
Quadro 5 - Degredo para o Brasil	69

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A FIGURA DA BRUXA NO CONTEXTO DAS VISITAÇÕES NO BRASIL SETECENTISTA	18
2.1 O nascedouro das indagações e o caminho traçado em busca de respostas	19
2.2 As fontes	24
2.3 O contributo de Gilbert Durand e de Mircea Eliade para a teoria do mito e do imaginário coletivo	39
2.4 As Ciências das Religiões e as fontes inquisitoriais	42
3 A CONTRIBUIÇÃO DE GILBERT DURAND NO IMAGINÁRIO COLETIVO	46
3.1 O retrato estrutural da bruxa no aspecto sociocultural e religioso	47
3.2 A figura mítica da bruxa no imaginário coletivo	61
4. AS PRERROGATIVAS PROCESSUAIS CONTRA AS MULHERES NO BRASIL	66
4.1 As práticas religiosas das mulheres no contexto das visitasões	69
4.2 O poder clerical e a pedagogia do medo: o discurso da inquisição.....	72
4.3 A retratação mitológica da bruxa na obra de arte	78
4.4 Os processos inquisitoriais contra mulheres acusadas de feitiçarias nas visitasões do Santo Ofício ao Brasil	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	94

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho mostra o interesse sobre a História da Inquisição e a figura mítica da bruxa. A crença nos poderes mágicos, sortilégios e malefícios, possibilitaram ao inquisidor ferramentas de extermínio de uma religiosidade mal compreendida, cuja essência esteve atrelada milenarmente a um relacionamento entre o universo feminino e a natureza. É notório que as considerações acerca desse assunto, suscitam sempre grande curiosidade. Decerto, induz a imaginação popular e atrai para si, progressivamente, olhares e ponderações que culminam em acaloradas discussões e encontros, os quais deixando os limites da academia ganhando vida e se amalgamam à tradição popular.

Expressões como *bruxaria*, *feitiçaria*, *mandinga*, *magia* são expressões utilizadas que estão ligadas às manifestações sobrenaturais, que por gerações tem povoado o imaginário coletivo da Europa Ocidental Cristã, imprimindo e delimitando condutas e crenças. Essa vivência mística foi tão enraizada que atravessou fronteiras intercontinentais a partir das grandes navegações.

É inevitável que para se entender bem o presente se faz necessário antes conhecer o passado. Olhar para trás é justamente um convite reflexivo de como se deu meu encontro com a temática. É permitir-me mergulhar em minhas mais remotas lembranças no intuito de reconstruir um cenário límpido do momento exato de sua gênese.

Nasci em berço de classe média baixa no ano de 1976, na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Minha mãe, mesmo com a ausência do meu pai, fez de tudo para que eu e meu irmão pudéssemos ter a melhor educação de acordo com seu entendimento e recursos. Nas fases iniciais estudei no Colégio Dom Aauto e posteriormente no Colégio Nossa Senhora das Neves, instituições catequéticas, gratuitas de ensino público. Logo em seguida fui matriculado no Colégio João Paulo II, pois ganhei um desconto razoável por ser matriculado juntamente com meu irmão caçula na mesma escola. Nela conheci o senhor José “Zé” Paulino, ex-padre, natural da cidade de Guarabira e proprietário da instituição. Recordo que, por vezes, aquele digníssimo senhor, adentrava em nossa sala de aula para narrar histórias sobre Helena, Aquiles, Agamenon e tantos outros personagens contidos na Ilíada e Odisseia. Seu entusiasmo me despertou a curiosidade de buscar na biblioteca da escola as referidas obras de Homero as quais ao encontrá-las li com muito gosto.

Meu pertencimento religioso, quase sempre foi muito bem definido, inicialmente à luz de instruções familiares nutridas por princípios bíblicos. Posteriormente sofri influência

advinda de tais instituições de ensinos seculares que eram estritamente catequéticas. Naquela época (década de 80), não recorro nenhuma alusão aos termos que no futuro seriam relevantes para um aprofundamento de estudo e pesquisa. A figura mítica da bruxa foi apresentada a mim através de livros infantis, revistas em quadrinho e programas televisivos assistidos na juventude. Séries, desenhos, revistas e filmes estavam repletos pela magia, mitos e mitologemas¹. Hoje, percebo o quanto a sociedade capitalista nutria e divulgava em grande escala a figura mítica da bruxa, todavia esta dualidade sempre esteve presente em seu simbolismo. Algumas feiticeiras exibidas midiaticamente no final do século XX não despertava maldade e medo como outrora, algumas delas eram até lúdicas. Lógico que com a chegada do século XXI outros aspectos míticos foram resgatados e explorados pelas empresas de “entretenimento”.

Reconheço e valorizo o excelente papel que meus professores, em particular os mestres no ensino de História tiveram na construção e formação do saber historiográfico em minha vida. Entretanto, em suas preleções em sala, mesmo em assuntos ligados a História Medieval ou Moderna não consigo recordar que eles tenham feito algum tipo de referência à bruxa. Certamente, devido ao comprometimento em expor um grande conteúdo. Gostaria de ter tido a oportunidade de poder argui-los sobre a temática que já despertara curiosidade.

Em meados da década de 90, concluí o Ensino Médio e matriculei-me no Instituto Teológico Batista de Ensino Superior (ITEBES) e por recomendações de meus líderes espirituais tive que concluir o Bacharelado na Faculdade Teológica Emaús (FACULTE), tal mudança consistia apenas por questões dogmáticas. Com o passar do tempo concluí duas disciplinas que contemplavam a História da Igreja Cristã I e II, todavia nosso ilustre professor privilegiou outros assuntos. No final da mesma década, o mundo estava geometricamente em constantes avanços tecnológicos. João Pessoa seguia o fluxo deste avanço e foi neste cenário computacional, onde para acessar o sistema operacional do Windows, era necessário digitar no *prompt* do MS-DOS (Sistema Operacional em Disco da Microsoft) o comando *win* e nesse ambiente fui absorvido no mercado de trabalho primeiramente como professor de Informática e em seguida como programador de sistemas. Essa profissão permitiu que me graduasse em Análises e desenvolvimento de sistemas pela Universidade Estadual de Tocantins (UNITINS).

Nos primeiros anos deste novo milênio e seu tão esperado e temido “bug do milênio”, conquistara a chefia do Setor de Processamento de Dados no Serviço Social do Comércio na

¹ A palavra mitologemas remete-se ao elemento mínimo comum na maioria das mitologias do mundo.

Paraíba. Uma das minhas atribuições consistia no gerenciamento do parque tecnológico (computadores, redes, sistemas operacionais, banco de dados e aplicativos corporativos) da Administração Regional e demais Unidades Operacionais no Estado. Ocupei este cargo durante quase duas décadas. O mundo tecnológico e virtual abriu as portas do conhecimento. Ironicamente, foram nos anos dois mil que tive acesso a outros tipos de conteúdos a princípio cinematográficos e documentários que abordava sobre a temática inquisitorial. Compreendo agora que eram produções meramente midiáticas em um sistema capitalista. Todavia, fiquei novamente desejoso em saber mais sobre a figura feminina que tinha sido reinventada na figura da bruxa. Esse assunto floresceu novamente e despertou-me o desejo em fazer a graduação em História, desta vez pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). Descobri nesta graduação mais uma grande paixão.

Em 2017, logrei êxito na seleção para o Mestrado em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tive a oportunidade de estudar com excelentes professores que me possibilitou um entendimento mais límpido sobre diversas espiritualidades e religiões existentes e que em dados momentos confluem entre si. A temática para este trabalho foi sendo forjada ao longo dos anos e tem sido um desafio compreender em sua totalidade como se deu: *A figura da bruxa no contexto das visitas no Brasil setecentista: um contributo do imaginário de Gilber Durand*.

Essa dissertação nasce em um ambiente que propõe contribuir e promover uma reflexão a cerca dessa temática que ainda está viva no terceiro milênio e por vezes, suscitada calorosas discussões aonde ela venha surgir. A Pós-Graduação em Ciências de Religiões e em particular na linha de pesquisa Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos possibilitou subsídios para se estabelecer um novo olhar, não de intolerância e pré-conceitos, mas procurando enxergar no teor mítico-simbólico que muitas vezes não bem compreendido é fundante para a ressignificação do papel da mulher esvaídos de máculas.

Para tal, serão averiguados diferentes pareceres que fazem parte do arcabouço teórico fundante dessa dissertação, que proporcionará um entendimento perspicaz do universo simbólico da bruxa e sua construção mítica nascentes nas vozes angelicais pós-apostólicas e adentraram na imagética da credulidade popular como verdades inabaláveis. Tripartidamente serão abordados em primeiro lugar Jean Delumeau (1989), em sua obra, *História do medo no ocidente: 1300-1800*, que toma com objeto de estudo a multiforme do medo presente no indivíduo e na coletividade. Em sequência utilizaremos Gilbert Durand (1995), *A imaginação simbólica* e *A fé do sapateiro*, a partir da concepção de como as imagens são produzidas, transmitidas e como se dá o seu recebimento. Por fim, nas lentes de Michel Foucault (2018)

em sua obra, *Vigiar e punir*: nascimento da prisão, percebe-se a disciplina e o aprisionamento do ser humano em regimes autorizativos.

Essa dissertação, intitulada: *A figura da bruxa no contexto das visitas no Brasil setecentista: um contributo do imaginário de Gilbert Durand* foi dividido em três partes. Assim, tem por objetivo mostrar o pensamento clerical português no que diz respeito ao entendimento da construção da figura bruxesca na historiografia a partir fontes inquisitoriais. Para tal serão verificados os possíveis nascedouros míticos da bruxa; também se buscou compreender o caminho da consolidação simbólica do mito da bruxa na mentalidade coletiva do Brasil colonial e por fim, relacionar o poder clerical e a pedagogia do medo, sua importância no discurso da Inquisição portuguesa no Brasil.

2. A FIGURA DA BRUXA NO CONTEXTO DAS VISITAÇÕES NO BRASIL SETECENTISTA

Faz-se necessário distinguirmos inicialmente a diferença existente entre as expressões que foram utilizadas por vezes as mulheres, sejam elas intituladas por: bruxas ou feiticeiras. Carlos Roberto Figueiredo Nogueira em sua obra, *Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão* propõe uma definição:

O termo feitiçaria traz consigo a ideia de “algo feito”, para alguns autores estando relacionado ao latim *fatum* = destino. Sua origem europeia parece estar ligada à magia amatória ou erótica, desenvolvida na Grécia, ou, melhor dizendo, às operações mágicas vinculadas aos desejos e paixões amorosas, o que faz com que a feitiçaria, além de efetuar elocubrações mágicas da observação e de técnicas comuns e correntes às práticas amorosas (NOGUEIRA, 2004, p. 42).

No Medievo a figura da boa feitiçeira estava presente como terapeuta de males físicos e sociais. Sua área de atuação abrangia a Aldeia, ao castelo do nobre, ao palácio do bispo e inclusive ao próprio paço real. Na visão popular, e até mesmo na erudita, empregava seus conhecimentos resultantes de uma tradição pré-cristã, acumulava a essa feitiçeira instruções que ao serem utilizadas poderiam curar ou amenizar doenças.

A conclusão de Macfarlane é que as palavras bruxaria e feitiçaria foram utilizadas em diferentes sentidos na Inglaterra do século XVII, e propõe, para evitar confusão, que uma vez comparados meios e propósitos, utilize-se o termo bruxaria fundamentalmente para designar a busca de fins malévolos por meios de implícitos internos. A feitiçaria combinaria fins malévolos com meios explícitos e a “bruxaria branca” a utilização de recursos explícitos com intenções benéficas (NOGUEIRA, 2004, p. 53).

Para os historiadores a controvérsia por uma distinção entre feitiçaria e bruxaria está longe de ser resolvida. Como observa Keith Thomas, a distinção antropológica é de limitado uso quando aplicada à Inglaterra, mas concorda que o feitiçeiro utiliza objetos materiais, enquanto a bruxa não (NOGUEIRA, 2004, p. 51). A definição elaborada pelos antropólogos de que as feitiçerias existem, enquanto as bruxas são frutos imaginação.

A figura da bruxa recebe novo significado e são ilustradas ricamente pelos meios de comunicação² na contemporaneidade.

² Revistas em quadrinhos, desenhos animados, séries de televisão e livros de história infantil, são exemplos do quanto à temática da bruxa tem ganhado força e sendo conhecido pelo número cada vez maior de pessoas.

2.1 O nascedouro das indagações e o caminho traçado em busca de respostas

As programações da televisão brasileira em meados da década de 1980 fascinavam a juventude. Em 1985 a série de desenhos da Pantera cor de rosa faziam parte do programa Bozo e nos anos seguintes chegaram a ser transmitidos em diversos outros canais de televisão³. O episódio de número cinquenta e seis, “a varinha mágica”, exibia a personagem de uma bruxa rasgando o céu sentada em sua vassoura. A bruxa poderia ser encontrada ainda nos desenhos do Pica-Pau, reconhecida como uma velha bruxa má que navega pelos sete mares em seu navio, roubando tudo o que encontra em seu caminho. E ainda na animação da branca de neve. Neste, a imagem era patologicamente perversa e má, conhecida ainda como “A rainha má” ou “Rainha feiticeira” que faz uso de magia negra para se transformar em uma bela mulher. Em um cenário infantil estão presentes e interconectados figuras medievais, tais como: castelos, cavaleiros, príncipes e donzelas, magia e bruxa.

A arte não é apenas o fruto da imaginação humana, ela é mística, transcende o físico e se concretiza por meio de imagens, pinturas, esculturas e poesias. A imagem simbólica foi vituperada pelo racionalismo cartesiano⁴ que perdurou por dois séculos tendo sua imagem desmitologizada. Assim:

Durante dois séculos a imaginação é violentamente anatemizada. Brunschvig considera-a como ainda “pecado contra o espírito”, enquanto Alain não consegue ver nela mais do que mais do que a infância confusa da consciência. Sartre só descobre no imaginário “nada”, “objeto fantasma”, “pobreza essencial” (DURAND, 1995, p. 22).

É visível que o ser humano, desde o período neolítico, legou às futuras gerações uma grande produção cultural e imaginária que foi vivenciado e por vezes incorporado em várias tradições religiosas pré-cristãs. Mas o pensamento existencialista do filósofo Sartre promoveu

³ O desenho estreou no Brasil sendo exibida pela extinta TV Tupi, no Rio de Janeiro, São Paulo e no resto das afiliadas de Rede Tupi de Televisão no período de 1973 a 1978. De 1979 a 1981 foi exibida na TV Record. A Partir de 1982 a série foi exibida pela extinta TVS, atual SBT. No início da década de 1990 passou para a Rede Globo onde começou a ser exibida no Show da Xuxa. Na Figura 1 dos anexos, há um conjunto de gravuras alusivas.

⁴ “A mais evidente depreciação dos símbolos que a história da nossa civilização nos apresenta é certamente a que se manifesta na corrente cientista saída do cartesianismo. É certo que, como escreve de forma excelente um cartesiano contemporâneo, isto não acontece porque Descartes recusa utilizar a noção de símbolo. Para Descartes da III Meditação, o único símbolo é a consciência, ela própria “a imagem e a semelhança de Deus” [...] O cartesianismo assegura o triunfo signo sobre o símbolo [...] É certo que, para Descartes, só o Universo material é reduzido ao algoritmo matemático graças à famosa analogia funcional: o mundo físico é apenas forma e movimento, isto é, res extensa e, em seguida, qualquer figura geométrica é apenas equação algébrica” (DURAND, 1995, p. 20-21).

uma crise do pensamento simbólico, que, gradativamente foi sendo substituída pelo pensamento cartesiano, instalado como forma racional e hegemônica do pensamento.

Percebe-se que houve a reconquista simbólica dos dois últimos séculos que nas lentes de Gilbert Durand afirma:

A imagem, não mais do que a superestrutura, é o adorno de uma história dada como objetiva. Assim aparecem na mesma perspectiva essas três fontes, três “estados” da repressão da imagem na mentalidade ocidental: a redução “positivista” da imagem a signo; a redução “metafísica” da imagem a conceito; e a redução “teológica” da imagem às servidões temporais e deterministas da história e às justificativas didáticas (DURAND, 1995, p. 29).

A imagem para Gilbert Durand possui dentre suas características o dinamismo, responsável pela formação de todas as expressões humanas. O imaginário pode ser visto como uma ponte que proporcionará a conexão do homem ao mundo da imagética. Desenhos em quadrinhos de outrora incorporaram aspectos simbólicos da figura mítica da bruxa, certo é que das histórias medievais e modernas, ela reaparece com detalhes das narrativas antigas. Na Figura 9⁵ percebe-se o resgate dos seguintes mitemas⁶: 1º A bruxa possuía roupas negras⁷ e sobre a cabeça usava uma mitra⁸; 2º O aspecto idoso da mulher; 3º A porção mágica que está sendo ingerida, provavelmente feita para a ritualística do sabbat⁹ das bruxas; 4º A embriaguez presente nas festividades noturnas e 5º a vassoura que era utilizada como meio de transporte¹⁰.

⁵ Veja-se no anexo, segundo a lista de figuras.

⁶ O mitema é a menor unidade significativa do mito.

⁷ “Essas roupas negras geralmente eram chamadas de Sambenito. No dia do auto, às seis horas da manhã reuniam-se os presos no pátio do edifício inquisitorial. Iam descalços e eram vestidos especialmente para o ato; roupas negras, sobre as quais envergavam o escapulário de beata amarela – o sambenito ou samarra – em que estava pitada uma cruz – a cruz – de Santo André. O uso desses sacos penitenciais tinha sua origem no costume da Igreja primitiva em que os pecadores públicos iam pedir perdão dos seus pecados e das censuras em que haviam incorrido, vestindo hábitos penitenciais. Também reivindicando costume antigo, cortavam aos réus a barba e cabelo como sinal de humilhação e penitências. A cintura era cingida por uma corda, símbolo da heresia, pois indicava que prendia suas vítimas com os liames do orgulho e cadeias da paixão” (SIQUEIRA, 2013, p. 619).

⁸ A mitra era um objeto colocado na cabeça do réu que denotava zombaria.

⁹ “Em processos intentados contra feiticeiras de Toulouse no decorrer dos anos 1330-1340, aparece pela primeira vez à palavra sabá. Habitados a combater o dualismo cátaro, os inquisidores do Languedoc colocam diante de si, graças às confissões obtidas sob tortura, uma anti-Igreja, noturna, que adora Satã encarnado em um bode, renega a Cristo, profana a hóstia e a paz dos cemitérios e se entrega a libertinagens execráveis. As reuniões diabólicas identificadas no século XIII por Conrad de Marburgo levam agora esse nome odioso: sabá” (DELUMEAU, 1989, p. 352).

¹⁰ “Eis, enfim, o seu método de transporte pelo ar. De posse da pomada voadora, que como dissemos, tem sua fórmula definida pelas instruções do Diabo e é feita dos membros das crianças, sobretudo daquelas mortas antes do batismo, ungem com ela uma cadeira ou um cabo de vassoura; depois do que são imediatamente elevadas aos ares, de dia ou de noite, na visibilidade ou, se desejarem, na invisibilidade” (KRAMER; PRENGER, 2015, p. 237).

Já na Figura 5¹¹ podemos destacar um detalhe singular nos lábios da bruxa. Nota-se um delineamento detalhado no uso do batom vermelho¹², essa cor, remetem as sensações como alegria, força, coragem, luxúria, pois em si, é classificada como cor quente. Tem ainda o significado que vai do proibido ao estímulo da procriação, que por vezes atraía para seus braços homens sejam eles casados ou clérigos.

A Figura 3¹³ é um contraposto ao lúdico e cômico. Incorporando ao compêndio simbólico já mencionado, verificamos o aspecto maléfico da bruxa que neste caso trás consigo seu animal de estimação, um urubu, que tem como característica comer carne em estado de putrefação de animais mortos, inclusive seres humanos.

Por fim, a Figura 1¹⁴ remonta a personagem da rainha má do desenho da branca de neve e os sete anões. A imagem simbólica da figura da bruxa expressa nessa cena propõe enfocar o feio e o malévolo. Suas mãos esqueléticas seguram a maçã enfeitiçada¹⁵, o fruto que não poderia ser comido. Lembra-nos a referência do pecado original que veio pelas mãos da mulher, segundo o pensamento judaico-cristão. A maldade que outrora estava disfarçada na beleza da madrasta malvada, agora utiliza vestes que possuem tonalidades roxas ou pretas que se remetem ao sombrio e o obscuro, o oposto da branca de neve. O antropomorfismo¹⁶ também foi empregado nesse desenho aludindo e resgatando a tradição mítica dos poderes sobrenaturais da bruxa. Esse resgate contemporâneo ao simbólico é reinventado nessas cenas de desenhos e pode ser entendida como um desdobramento fenomenológico nas transformações operadas na imagem simbólica.

Compreendemos que a simbologia da bruxa também foi observada pelo pintor Francisco de Goya (final do século XVIII), retrata uma coletânea de elementos que são associados às representações mágicas que adentraram ao imaginário popular da época. Essa

¹¹ Vide anexo p. 5.

¹² “Lábios vermelhos vivos, por exemplo, constituem um objeto de desejo primário para os homens. Nos anos 20, uma época de crescente liberdade para o sexo feminino, as mulheres pintavam a boca com um exuberante vermelho puro-shocking para expressar a sexualidade recém-liberada. A boca viçosa, viva, de Marilyn Monroe provocava nos homens arrepios de volúpia, enquanto que os lábios vermelhos rosados de Grace Kelly simbolizando classe e refinamento invocavam reverência, por sua beleza tranquila” (FISHER-MIRKIN, 2001, p. 55). Cf. FISHER-MIRKIN, Toby. O código do vestir: os significados ocultos da roupa feminina. Tradução de Angela Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

¹³ Vide anexo p. 79.

¹⁴ Vide anexo p. 80.

¹⁵ “Ora não há enfermidade do corpo, nem mesmo qualquer forma de lepra ou de epilepsia, que não possa ser causada pelas bruxas com a permissão de Deus” (KRAMER; PRENGER; 2015, p. 283).

¹⁶ “No país Basco, por exemplo, em todas as herdades se conta a anedota do gato que vinha todas as noites beber no peitoral da janela o leite que se acabava de mungir, e que, ferido numa pata por uma mulher, lançou um grito humano. E soube-se, no dia seguinte, que uma velha vizinha, suspeita de bruxaria, tinha sido ferida numa perna” (BAROJA, 1978, p. 389).

obra de arte é denominada como o *Sabbat das bruxas* ou *El Aquelare*¹⁷. Nela percebe-se uma riqueza em detalhes, exibe o céu noturno iluminado pela luz da lua. É claro ainda a presença de aves noturnas que parecem ser morcegos. Ao centro encontra-se um enorme bode sentado com uma coroa de louros entre seus chifres, este animal denota a encarnação do próprio demônio. Em torno dele aparecem dez bruxas sendo algumas novas e outras anciãs¹⁸. Duas delas estão com os seios à mostra. Nessa celebração, crianças estão sendo oferecidas em sacrifício. Três crianças estão sendo entregues ao demônio, enquanto uma já se encontra sem vida e está deitada no chão. Por trás do bode encontramos mais três corpos infantis sem vida. É provável que esse número remeta-se a morte da trindade divina para o credo Cristão.

Durante tais celebrações noturnas, conhecidas assim por *Sabbat*, era exibida a bruxa trazendo consigo seu corpo besuntado com unguentos especiais geralmente era feito com a gordura de crianças e outros ingredientes. Escarneciam dos sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana e honravam o diabo que geralmente estava presente seja assumindo a forma humana seja ainda como animal ou semianimal. Posteriormente seguiam-se os banquetes, danças e orgias sexuais. Muitas crenças eram difundidas afirmando que naquelas reuniões, matavam e devoravam crianças ou recém-nascidos. Obviamente tais encontros nada se passaram de um mito, construído e devidamente costurado à credence popular medieval, sendo os seus elementos fundamentais repetidos nas no *sabbat*, que se remetiam aos cultos da colheita (GINZBURG, 2010, p. 11).

No interior dessa nova intolerância, a crença aterrorizada numa alucinante prática de bruxarias, o *Sabbat*, introduziu uma nota tão mais espetacular porque inspirava facilmente a iconografia. Uma Europa da perseguição às bruxas, uma Europa do *Sabbat* tinha nascido (GOFF, 2007, p. 235).

Algumas séries¹⁹ exibidas ainda na mesma década continuam trazendo elementos simbólicos associados à figura simbólica da bruxa medieval e moderna. A lua, a vassoura, o

¹⁷ Vide anexo p. 80.

¹⁸ “É muitas vezes difícil conhecer com exatidão a idade dos acusados. No entanto, E. W. Monter calculou a partir de 195 amostras (entre as quais 155 mulheres) escolhidas nos processos suíços, ingleses e franceses, uma idade média de 60 anos: vê-se assim confirmado o estereótipo da velha feiticeira tal como época o imaginou de alto a baixo da sociedade” (BAROJA, 1978, p. 364).

¹⁹ A Feiticeira estreou no Brasil em 1965 pela TV Paulista. Em 1968, a série passou a ser veiculada pela TV Excelsior e logo depois passou para a TV Record. Na década de 1970, a TV Globo exibiu reprises da série na programação matutina. Com a massificação da TV a cores, as duas primeiras temporadas geralmente eram ignoradas pelas emissoras, assim como ocorreu nos Estados Unidos. Em 1999, a recém-inaugurada RedeTV! passou a exibir a série às 20h30, juntamente com Jeannie é um Gênio. Em 2001, a emissora também passou a exibir as duas primeiras temporadas, colorizadas por computador e com dublagem original. [8] Foi exibida também na Rede 21, do Grupo Bandeirantes, entre 2004 e 2006. Entre 2008 e 2013, foi exibida pela Rede Brasil de Televisão na TV Aberta.

chapéu pontiagudo, gatos pretos, caldeirões, poções e varinha mágica. As figuras, respectivamente, de número seis e sete²⁰ reportam aos personagens “A feiticeira” e “Jeannie” é um gênio. Em seus enredos as personagens se destacavam por sua bondade e beleza, utilizando dos seus poderes sobrenaturais para facilitar a vida dos que as cercavam.

Alguns filmes²¹ fez muito sucesso nos anos noventa e perpassaram para anos posteriores. Todavia sua representação simbólica busca nas narrativas míticas o aspecto sensual da bruxa para atrair e envolver os homens. Nesse diapasão, o *Martelo das Feiticeiras* “[...] diz que se as bruxas são capazes de virar o intelecto do homem para o amor ou para o ódio” (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 259), tal o poder sugestivo dela.

As protagonistas retratadas como bruxas nos respectivos filmes: *Elvira a Rainha das Trevas* e a *Convenção das bruxas*²² são produções cinematográficas que flerta da comédia ao terror e da fantasia a aventura. Elvira é uma apresentadora de um programa de baixo orçamento sobre filmes de terror, mas tem sua vida mudada quando herda de sua tia Morgana uma velha mansão em Fallwell, Massachusetts, uma pequena cidade de 1313 habitantes. Ela sonhava em vender seu patrimônio para ir a Las Vegas, todavia encontra alguns problemas. O primeiro são os adultos da cidade fica estupefata como ela se veste e se comporta. O segundo problema é que o tio (Talbot) de Elvira, que não herdou nada, deseja obter o “livro de receitas” que também estava na pose de Elvira, que dará a ele poderes imensos, pois possibilitaria efetuar vários tipos de bruxarias. Já no filme *Convenção das bruxas*, narra a história de uma criança Luke que após a morte de seu pai é levado por seu avô para um hotel na Inglaterra. Estando no hotel, o garoto descobre que um grupo de bruxas está fazendo uma convenção e que pretende transformar todas as crianças do mundo em ratos. Assim que ele é descoberto, ele acaba virando um roedor juntamente com outro garoto, todavia não desiste de abortar o plano da senhorita Eva Ernst, a líder das bruxas.

A figura da bruxa também foi registrada no conto para crianças na história de João e Maria²³, irmãos que se perdem na floresta, até que encontram uma bela casa construída por diversos doces. O que eles não contavam é que a casa pertencia a uma bruxa malvada. Essa narrativa é ilustrada com frequência. Essa versão do livro de João e Maria traz em si um design bonito e alegre. Por ser um escrito lúdico nota-se uma dedicação expressiva na utilização das cores e nas imagens com o objetivo de aguçar a imaginação das crianças. O

²⁰ Vide anexo p. 81.

²¹ *Convenção das bruxas* (1990), *Abracadabra* (1993), *Jovens bruxas* (1996), *As bruxas de Salém* (1996) e *A bruxa de Blair* (1999).

²² Vide anexo p. 81.

²³ Vide anexo p. 83.

título foi escrito com uma fonte decorativa fortalecendo a unidade temática da arte e criando uma harmonia atrativa para o público infantil.

No decorrer dessa reflexão, é evidente que a construção simbólica da bruxa é versátil. Partindo de uma tradição que procura enfocar que ela existe e devem ser combatidas, suas histórias foram registradas em livros/tratados como o *Malleus Maleficarum*²⁴ e o *Directorium Inquisitorium*²⁵. Na contemporaneidade ela é reinventada e assim, apresentada em uma mistura simbólica da tradição à ficção. Abordaremos na sequência como a figura da bruxa enquanto temática de reflexão nesse trabalho de dissertação foi sendo adensada na medida em que vários olhares de escritores investiram tempo na pesquisa de campo e documental.

2.2 As fontes

O referencial teórico metodológico utilizado em nossa pesquisa foi sendo integralizado no decorrer da graduação de História. Em cada oportunidade obtida, mesmo em conversas informais com os mestres, novas obras eram adensadas à bibliografia. Percebi a existência variada de autores que escreveram sobre a temática Inquisitorial, por exemplo: Francisco Bethencourt (1995), Alexandre Herculano (2011), Carlos André Cavalcanti (2015), Sonia Siqueira (2013), Michelet (1992), Julio Carlo Baroja (1978), João Bernardino Gonzaga (1994), Anita Novinsk (1972), Carlos Roberto F. Nogueira (1995), Ruston Lemos de Barros (1995), Geraldo Pieroni (2003), Carlo Ginzburg (2010), Laura de Melo e Souza (1986), esses foram os primeiros livros que deve fazer parte indispensável à construção do conhecimento do Tribunal do Santo Ofício.

Na leitura desses exemplares, percebi que mesmo sendo laborado o mesmo escopo temático inquisitorial existem entendimentos diferentes. É notório que a figura da bruxa foi concebida como fruto de seu tempo histórico, e por isso, marcado e influenciado diretamente pela mentalidade antiga e medieval cristã de sua época, por vezes agia de forma inimaginável e intolerante se assim compararmos a visão de mundo contemporâneo. Lendas negras e brancas foram produzidas na tentativa de se compreender a Inquisição.

A expressão *lenda negra* vai contribuir para que a Inquisição se apresente como ainda mais maléfica, atrasada e fanática, muito embora na história contemporânea, sobretudo no Brasil, tenha tentado rever essa imagem exagerada e busca descobrir no discurso daqueles que

²⁴ Escrito em 1487 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, o livro também é conhecido por Martelo das Feiticeiras.

²⁵ Escrito em 1376 por Nicolau Eymerich, o livro também é conhecido também por Manual dos Inquisidores.

empreendem campanha negativa os interesses velados. Tais historiadores são marcados por sua postura que reduz a Inquisição ao seu lado intolerante e cruel. Vejamos:

No final do século XV, a Inquisição já era uma máquina bem lubrificada e rodada para eliminar os hereges. **O sucesso e a carreira dos inquisidores dependiam do número de processos julgados e das condenações executadas.** Também se acreditava que o povo devia se sentir constantemente ameaçado pela visão dos castigos exemplares, para não ousar sair do recinto da verdadeira fé. As fogueiras e as mortes em praça pública serviam de exemplo (MALUCELLI; TOMAT; FO, 2007. p.151, grifo nosso).

Sabe-se que a Inquisição nasce com o intuito de sufocar os princípios heréticos que estavam minando a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana. As novas crenças, como os Cátaros²⁶ ou Valdenses²⁷, que muito se expandiu e que investia contra os poderes civil e religioso. Os inquisidores criam no seu papel indispensável para trazer de volta a harmonia no seio da cristandade Europeia que estava à mercê de novas doutrinas que se colidiam à regra da Igreja Romana. Para cada execução ou processo julgado era a personificação que seu labor estava logrando êxito.

O Padre Estêvão Tavares Bettencourt, expressa que o inquisidor deve ser zeloso pela verdade apregoada pela Igreja Apostólica Romana que zela para a salvação das almas dos seres humanos. Para tal, é imprescindível aniquilar toda e qualquer heresia.

De modo especial, o senso metafísico dos medievais se revelava na valorização da alma e dos bens espirituais. Tão grande era o amor à fé (esteio da vida espiritual) que se considerava a deturpação da fé pela heresia como um dos maiores crimes que o homem pudesse cometer [...] Isso não

²⁶ “Os cátaros ou albigenses, assim chamados porque foram mais numerosos em Albi, no sul da França, usavam o Novo Testamento como base para suas doutrinas; as ideias heréticas que nutriam se assemelhavam mais com as doutrinas dualistas e ascéticas dos movimentos gnósticos e maniqueístas da Igreja primitiva. Os albigenses criam na existência de um dualismo absoluto entre o Deus bom, que fez as almas dos homens e o deus mau, que recebeu um corpo material, depois de ter sido expulso dos céus. Expulso, o deus mau formou o mundo visível. Logo, a matéria é má. Os cátaros (literalmente, os puros) se opunham à reprodução da espécie, rejeitavam os sacramentos, especialmente a missa com sua ênfase sobre a presença física de Cristo nos elementos, a refutavam as doutrinas do céu e do purgatório e da ressurreição física [...] Ao tornarem o Novo Testamento a expressão legítima de sua fé, os albigenses representaram um desafio à Igreja Romana, que se apresentava com autoridade, através da sucessão papal, concedida pelo próprio Cristo. A resposta da Igreja Romana ao desafio à sua autoridade foi à perseguição e a cruzada albigense comandada por Simão de Montfort e apoiada por Inocêncio em 1208” (CAIRNS, 1995, p. 185).

²⁷ “Muito mais próximo dos movimentos protestantes e puritano esteve o movimento valdense, aparecido no último quartel do século XII. Em 1176, Pedro Valdo, um rico comerciante de Lion, leu uma tradução do Novo Testamento e ficou tão impressionado com os ensinamentos de Cristo que abandonou todos os seus bens, exceto os necessários para o sustento de sua família. Organizou, então, um grupo conhecido como os “Pobres de Espírito”. Valdo e seus seguidores desejavam pregar como leigos, mas o papa proibiu de fazê-lo. Em 1184, foram excomungados por sua recusa de parar de pregar [...] Os valdenses criam que todos os homens deveriam possuir a Bíblia em sua própria língua, devendo ser ela a autoridade final para a fé e para a vida. Aceitavam as confissões ecumênicas modelares, a Ceia do Senhor e o batismo, além da ordenação leiga para a pregação e para a ministração dos sacramentos” (CAIRNS, 1995, p. 185).

quer dizer que os medievais fossem insensíveis ou bárbaros. Dentro da sua fidelidade à verdade e das suas categorias culturais, procuravam cultivar a justiça e a benevolência. Um dos textos mais típicos a propósito é o retrato do Inquisidor traçado por Bernardo de Gui (século XIV), tipo como um dos mais severos inquisidores: O inquisidor deve ser diligente e fervoroso no seu zelo pela **verdade religiosa, pela salvação das almas e pela extirpação das heresias** (GONZAGA, 1994, p. 12, grifo nosso).

A *lenda branca*, por sua vez, é defendida por seus apologistas do dogma católico os quais enxerga a Inquisição como um empreendimento digno de louvor onde serviu para a evolução da civilização. Ela seria aquela, pautada pelo entendimento por base religiosa católica de empreender a justificativa dos Inquisidores como homens da Fé do seu tempo. Para o autor João Bernardino Gonzaga, a Inquisição, enquanto instituição humana nasceu e permaneceu imersa no mundo que a envolvia, que a explica e que a modelou. Logo, sem conhecer esse mundo, não poderemos julgá-lo. Portanto acerca do entendimento da justiça e dos meandros por ela percorridos, pode ser dito que:

Como o Santo Ofício integrou a Justiça Criminal da sua época, torna-se preciso saber de que modo se comportava essa Justiça. Em seguida, verifica-se que a inteira Justiça, tanto a comum como a eclesiástica, esteve sob a influência de um complexo de fatores, que criavam toda uma peculiar formação cultural. Eram condições culturais, políticas, sociais, econômicas, religiosas, científicas, que moldavam certo estilo de vida, muito diferente do nosso (GONZAGA, 1994, p. 24, grifo nosso).

Destarte a posição da justiça, era preciso ainda manter o controle sobre o que era dito e publica, sobretudo em se tratando de conteúdo doutrinário, o Tribunal do Santo Ofício cerceou e vigiou as leituras permitidas aos clérigos, como visto, que:

O novo Tribunal **vigiou as leituras permitidas aos eclesiásticos, incluindo os bispos**, que acabaram por ver submetidos à censura inquisitorial as obras por eles escritas, quer se tratasse de textos doutrinários (como tratados de teologia), quer instrumentos destinados ao governo das dioceses (como cartas pastorais ou constituições das dioceses). Tal significava que dois dos pilares estruturadores da autoridade e supremacia episcopal face ao restante clero, isto é, o seu poder de magistério e disciplina, acabaram de ficar constrangidos, se não mesmo, subordinados, pela ingerência de uma instância que, com o decorrer do tempo, veio a obter um estatuto de supremacia neste domínio: A Inquisição (PAIVA, 2011, p. 93, grifo nosso).

Contrário ao discurso de Bernardino (1994) pode ser lido o discurso da vítima, na voz de Leonardo Boff, ao prefaciá-la obra de Eyemerich, *O Manual do Inquisidor* (1993) vai apontar que: a Santa Inquisição é expressão de um componente neurótico-obsessivo do corpo

clerical e cristaliza a dimensão de pecado existente nas relações internas da Igreja. Pois, a própria igreja-comunidade-de-fiéis se confessa santa e pecadora (BOFF, 1993, p. 27).

A Inquisição na Europa cristã nasce na baixa Idade Média e perpassa, nesse modelo, até o século XIX. Nessa atmosfera medievalista, é impossível se esconder dos desígnios de Deus e sua onipresença. Ele é o centro no mundo judeu, cristão e mulçumano. Procurar entender o pensamento medieval permite-nos concatenar o caminho que foi traçado e encarnado da figura da bruxa. Uma nova mulher estava sendo reinventada.

Jacques Le Goff, exímio historiador medievalista, nascido na França e membro da Escola dos Annales²⁸, contribuiu para a historiografia com trabalhos que são excelentes referências para o estudo da antropologia histórica do Ocidente medieval. Obras como *As raízes medievais da Europa*; *Histórias maravilhosas da Idade Média*; *A Civilização do Ocidente Medieval - volumes I e II*; são leituras indispensáveis neste primeiro momento, mas foi na obra intitulada: *O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier*, expressa tacitamente à importância de Deus na mentalidade medieval:

A imagem de Deus numa sociedade depende sem dúvida da natureza e do lugar de quem imagina Deus. Existe um Deus dos clérigos e um Deus dos leigos; um Deus dos poderosos e um Deus dos humildes; um Deus dos pobres e um Deus dos ricos. Tentaremos apreender esses diferentes “Deus” em torno de alguns dados essenciais: o Deus da Igreja, Deus da religião oficial; o Deus das práticas, que na Idade Média são fundamentalmente religiosas, antes que emergam aspectos profanos. São os dogmas, as crenças, as práticas que nos interessam, na medida em que definem e deixam entrever a atitude dos homens e das mulheres da Idade Média em relação a Deus (GOFF, 2007, p. 11).

Na Idade Média a descrença era impensável. Deus era testemunha de qualquer compromisso, todas as atividades deveriam ser abençoadas, as distrações deveriam ter um pretexto piedoso até o tempo era medido pelas horas da religião e a vontade de Deus era expressa em todas as camadas sociais. Os clérigos num processo de autoritarismo se portavam como arautos da verdade, escolhidos pelo próprio Deus para evangelizar as ovelhas perdidas do seu aprisco por meio da única e verdadeira religião. O que tais homens falavam ou prescrevessem deveria ser seguido sem questionamento, estávamos às portas do fenômeno das “caça as bruxas”.

Documentos como *Directorium Inquisitorum* e *Malleus Maleficarum*, escritos por teólogos cristãos são exemplos de como em uma mesma instância era possível acusar, julgar e

²⁸ A escola dos Annales foi um movimento do século XX que se firmou em um periódico francês Annales. Destacou-se por integrar métodos das Ciências Sociais à História.

punir todos aqueles que afrontavam ao dogma da Igreja, os hereges. Heinrich Kramer e James Sprenger, monges dominicanos, foram responsáveis pela elaboração da obra intitulada *Martelo das Feiticeiras* (das Bruxas), cujo título original em latim é *Malleus Maleficarum*, publicado pela primeira vez em 1487. Na leitura acurada deste tratado, um questionamento recorrente era até que ponto esses doutores da Igreja se permitiram historiar a figura feminina menosprezada? Certo é que a escrita do *Malleus Maleficarum* serviu de base inspiradora para todos os discursos e registros posteriores que enxergavam na mulher um ser maléfico transfigurada na figura da bruxa. De certo, tal conceituação se verbalizou por meio de uma retórica e escrita marcada pela dogmática católica em seu mais alto nível de intolerância.

A obra de Kramer e Sprenger vai demonizar a figura da bruxa atribuindo-lhes um pacto com o próprio Satanás, além de abandonar a fé católica, seus credos, ritos e símbolos que pertencem ao universo sagrado da Igreja Católica Apostólica Romana. A partir de então, dedicaram-se de corpo e alma a todos os males. Dentro desse entendimento e sob esse ponto de vista, tornava-se imperativo que fossem extirpadas do meio social.

A obra que marca o período de transição, na qual a Igreja Romana já ouve a polifonia das vozes pré-reformadoras de John Wyclif (1330-1384) na Inglaterra, Jan Huss (1369-1415) na Boêmia e Girolamo Savonarola (1452-1498) na Itália, o que, a partir de então se compreende a histeria em torno da construção da figura mítica da bruxa. Para o historiador Ruston Lemos (1995), o *Malleus Maleficarum* é um manual de ódio à figura feminina. Por assim dizer:

Esta obra se constitui num manual de ódio à mulher. Por outro lado, desmistifica, incontestavelmente, a deformação psicótica do Cristianismo, enquanto religião baseada na salvação pelo amor. Seus autores afirmam, textualmente, que a crença na bruxaria era essencial à fé católica, e negar este princípio constituía uma “heresia”. Em relação às acusadas ou suspeitas do “delito”, determinam que devam ser processadas, torturadas, julgadas e punidas por tribunais diocesano ou civil (BARROS, 1995, p. 231).

A citação seguinte demonstra sucintamente a proposta fundante do *Malleus Maleficarum*. Esse tratado tinha como premissa comprovar a existência da bruxa e sua ligação sexual com os demônios. Em segundo momento afirmava-se que realizavam malefícios. E por fim, quais seriam as medidas judiciais tomadas pelos inquisidores.

Caso semelhante deu-se na diocese da Basileia, num vilarejo chamado Buchel, próximo à cidade de Gewyll. Lá existiu uma mulher que durante seis

anos copulou com um íncubo, mesmo quando deitada ao lado do marido. Com o Demônio copulava três vezes por semana: aos domingos, as terças e às quintas. E também em certas noites mais sagradas. Mas o juramento que ela fizera ao Demônio fora o de a ele se entregar de corpo e alma para sempre, depois de um período inicial de sete anos. No entanto, Deus foi misericordioso: a mulher foi capturada no sexto ano e condenada à fogueira. E como tivesse de fato e verdadeiramente confessado o seu crime, acreditasse que ela tenha conseguido o perdão de Deus. Pois foi para a morte com maior alegria no coração, dizendo-se feliz em sofrer mesmo a punição mais terrível, pois que através dela havia de se livrar e de escapar do poder do Diabo (KRAMER; SPRENGER; 2015, p. 231-232).

É óbvio nessa narrativa o quanto a mulher pode ser infiel, mesmo deitada ao lado do marido copulou com o demônio várias vezes na semana. As referências ao ato sexual são recorrentes na leitura do *Malleus Maleficarum*. O inquisidor é o instrumento de Deus para promover misericórdia e perdão. A mulher pecadora se confessa está livre de seu delito, abraçando a morte com alegria de coração é conduzida à fogueira. Perceba que a figura da bruxa estava associada ao diabolismo, e, estando ligada ao Diabo suscitava horror e repugnância.

Em 2015, participando do grupo de pesquisa, iniciei a leitura de obras de Mircea Eliade (*Origens: História e sentido na religião* - 1997; *O Sagrado e o Profano* - 1992; *Imagens e Símbolos: Estudos sobre o Simbolismo da Religião* - 1979) e Gilbert Durand (*Ciência do homem e tradição* – 2008 e *A imaginação Simbólica e a fé do sapateiro* - 1995). Matriculei-me no mesmo ano como aluno especial nas disciplinas: Literatura e Sagrada ministrada pelo Prof. Dr. Fabricio Possebon e na sequência a disciplina Sexo para Cristãos: cesarismo moral e fixação genitália, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos André Cavalcanti. Nessa última disciplina tive acesso à leitura do livro da teóloga alemã Uta Ranke-Heinemann e sua obra, *Eunucos pelo Reino de Deus* – (1996), que trata o problema que não tem nome: a sexualidade.

A obra *Inquisidores e Inquisitoriados: os santos mártires, o maçom e o mandingueiro*, de Carlos André Cavalcanti (2016), além dos livros *O momento da Inquisição* (2013) e *Inquisição Portuguesa e a Sociedade Colonial* (2016), da pesquisadora Sonia Siqueira, propõe uma reflexão acerca da inquisição portuguesa no Brasil como também procura compreender o significado do Santo Ofício no tocante do julgamento, condenação e justificação. Siqueira, externa que todo o estudante da Inquisição deve conhecer: *Magistrados e feiticeiras na França do século XVII*, de Robert Mandrou (1968); *Medo do feitiço. Relações entre magia e poder no Brasil*, de Yvonne Maggie (1992); *A feiticeira na Europa moderna*, de Laura de Melo e Souza (1987) e *Chacina de feiticeiras*, de Anne Llvellyn (1995). São

trabalhos de pesquisa acadêmica e estilo acessível que dentre suas características é a presença de uma longa investigação pelos arquivos judiciais e pelos trabalhos consagrados à caça as bruxas, em particular na França no século XVII.

Com o desenvolvimento do cristianismo e a tentativa dessa nova religião missionária e de pretensões Imperiais, a qual propunha por sua oficialidade calar todas as outras vozes contrárias ao dogma vigente. É importante assinalar que a Igreja Cristã acreditava que sua tarefa era investida de uma missão divina e sobrenatural. Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, veio ao mundo para revelar o verdadeiro caminho. Portanto, opor-se a Igreja era opor-se ao próprio Filho de Deus para ficar no erro, era destinar a sua alma na danação eterna. Por isso os hereges, os apóstatas e as bruxas causavam profunda aflição à igreja, não só renegavam a Cristo, arrebatavam outras ovelhas do “redil do bom Pastor”. Essas mulheres certamente seriam retaliadas por terem sido influenciadas em uma tradição do paganismo antigo pré-cristão²⁹.

Para melhor fundamentar este estudo, foi necessária uma exaustiva busca nas produções acadêmicas e científicas desenvolvidas nos últimos quinze anos. Esse período trará uma visão panorâmica das pesquisas realizadas em uma década e meia e aos estudos que foram produzidos, que de certo estão ligados à temática proposta nesse trabalho de dissertação. Para tal, usamos os portais e ferramentas disponíveis na internet no processo de pesquisa e análise de dados. Foram executados os comandos para melhor parametrizar e refinar a busca nas respectivas bases de dados: Portal Domínio Público, SciELO - Scientific Electronic Library Online e o Google Acadêmico.

Quadro 1 - Levantamento na base de dados Domínio Público – Pesquisas Teses e Dissertações

TÍTULO	AUTOR	ANO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
A bruxa nos contos de fadas	Nancy Rabello de Barros Trindade	2008	UPM / Educação Artes e História da Cultura - Mestrado

²⁹ “O triunfo do cristianismo provocou, logicamente, uma nova interpretação das crenças que tinham existido antes na Europa. Em primeiro lugar, ao condenar toda e qualquer forma de paganismo, a nova religião, através dos seus ministros, comportou-se em relação às outras doutrinas do mesmo modo que estas o tinham anteriormente feito em relação a ela: as religiões pagãs foram, pois, desnaturadas para melhor fazer delas meras representações do mal [...] Os cristãos puderam acusar com mais justeza os pagãos, sublinhando o caráter insensato de certos mitos e ritos, cuja obscenidade, brutalidade e aspecto grotesco chocavam já os moralistas e os filósofos antigos” (BAROJA, 1978, p. 68).

Bruxas, bruxos, fadas, princesas, príncipes e outros bichos esquisitos... As apropriações infantis do belo e do feio nas mediações culturais	Luciane Abreu	2010	UFRGS / Educação - Mestrado
Bruxas e feitiçarias em novelas de cavalaria do ciclo arturiano: o reverso da figura feminina?	Cristina Helena Carneiro	2006	UEM / Letras Mestrado
Cotidiano, imaginação e memória: bruxaria no Brasil meridional na primeira metade do século XX.	Arno André DIAS de Souza	2005	PUC / RIO – História Mestrado
Paradoxos da modernidade: a crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre	Susana de Azevedo Araújo	2007	UFRGS / Antropologia Social Doutorado
Magia e feitiçaria no império do Brasil: o poder da crença no Sudeste e em Salvador	Luiz Alberto Alves Couceiro	2008	UFRJ / Sociologia e Antropologia Doutorado
Malungos do sertão: cotidiano, práticas mágicas e feitiçaria no Mato Grosso setecentista	Mario Teixeira De Sa Junior	2008	UNESP / ASS / História Doutorado
Rio das Rãs e Mangal. Feitiçaria e poder em territórios quilombolas do médio São Francisco	Valdelio Santos Silva	2010	UFBA / Estudos Africanos Doutorado

Fonte: Dados da Pesquisa (RESENDE, 2018)

Na base de dados do Portal Domínio Público (Biblioteca digital desenvolvida em software livre) efetuamos os seguintes filtros para o refinamento do resultado na busca. Em “Tipo de Mídia” selecionamos a opção “Texto”; no campo “Categoria”, foi selecionada a alternativa “Teses e Dissertações” e por fim no campo “Título” foi inserido as seguintes palavras-chave: bruxa, bruxo, bruxaria, feitiço e feitiçaria. Ao final destas seleções foram listados vinte e oito itens, contudo apenas oito fazem alusão à proposta dessa dissertação,

mesmo que em alguns casos de uma forma mínima. Ressaltamos ainda que foram elencadas quatro dissertações e quatro teses. Todavia nenhuma delas se alinha na área das Ciências das Religiões.

Na base de dados SciELO - Scientific Electronic Library Online, foram pesquisados artigos científicos com a parametrização utilizando o “índice de assuntos”. Para apurar o refinamento do resultado foram utilizadas as seguintes palavras-chave: bruxa, bruxaria e bruxas. O retorno da seleção trouxe a visualização de vinte e quatro itens. Contudo apenas dois artigos estavam ligados à temática dessa dissertação.

O primeiro artigo que o sistema de busca trouxe do banco de dados SciELO foi gravado como, *Bruxas e índias filhas de Saturno: arte, bruxaria e canibalismo*, publicado na Revista Estudos Feministas, versão impressa de código do ISSN 0104-026X e versão online ISSN 1806-9584. Onde registra que é um trabalho que:

Questiona a representação da mulher nas pinturas e gravuras dos séculos XVI e XVII, procurando estabelecer uma tipologia iconográfica e percorrendo a construção de estigmas negativos imputados no corpo feminino e na sua degradação natural. Enfoca ainda como as indígenas do Novo Mundo foram associadas com as bruxas da Europa e com o deus clássico Saturno, através do mito do canibalismo (YOBENJ; SAWCZUK, 2009, p.1).

O segundo artigo que estava em consonância com a temática foi intitulado, *Bruxas: figuras de poder*, publicado na Revista de Estudos Feministas, possui a versão impressa de código do ISSN: 0104-026 e a versão on-line cujo código de ISSN 1806-9584. Esse artigo objetiva mostrar:

Como a figura da mulher foi mitificada tanto na história quanto na imaginação popular como bruxas, constituindo assim um ser que expurgavam fobias da contra Reforma. Parteiras, curandeiras e carpinteiras, as bruxas misturam em seu caldeirão os mistérios da vida e da morte herdados das tradições pagãs. Tem como premissa percorrer textos de historiadores, em especial a de Jules Michelet, que no século XIX construiu a imagem romântica e martirizada da bruxa, e o manual dos inquisidores do século XIV, o *Malleus Maleficarum*, que descrevem os poderes da bruxa. Os discursos instaurados por tais textos constroem tanto a imagem que glorifica a bruxa quanto aquela que a execra, mostrando ambos, os potenciais de suas práticas e de sua ligação com a sexualidade. Fêmea inebriante ou velha decrepita, a afigura da bruxa exprime alguns conceitos que o pensamento ocidental legou ao que se entende por feminino. Trata-se de uma imagem construída por diferentes discursos, um romântico, propagado ao longo do século XIX, e outro eclesiástico, expresso nos enunciados da cristandade contra arcaicas práticas pagãs (ZORDAN, 2005, p.2).

Quadro 2 - Levantamento na base de dados SciELO - Scientific Electronic Library Online

TÍTULO	AUTOR(ES)	ANO
Bruxas e índias filhas de saturno: arte, bruxaria e canibalismo,	Chicangana-Bayona, Yobenj Aucardo and González Sawczuk, Susana Inés	2009
Bruxas: figuras de poder.	Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan	2005

Fonte: Dados da pesquisa (RESENDE, 2018)

Na pesquisa realizada através da plataforma do Google Acadêmico, utilizamos o recurso de filtragem, para refinamento do resultado na busca, os filtros: “período específico”; “classificar por relevância”; “pesquisar página em português”. A partir disso e sabendo que a base de dados do Google Acadêmico abrange uma gama inesgotável de informações, optamos por empregar os seguintes critérios para seleção das amostras: todas as classes de monografia, artigo, dissertação e tese, deveriam conter em seus títulos as seguintes informações: Bruxaria na Colônia, Bruxaria na Idade Média e Feitiçaria.

Para a associação de palavras-chave: “Bruxaria na Colônia”, encontramos apenas uma referência correspondente publicada no período entre 2003 e 2018. Já na associação de palavras-chaves: “Bruxaria na Idade Média”, foram encontramos cinquenta referências publicadas entre 2003 e 2018. Por último, na associação da palavra-chave: “Feiticeira”, foram listadas quatro mil novecentos e trinta arquivos. Devido à quantidade extensa dos trabalhos elencados escolhemos aleatoriamente dez trabalhos que mais se aproximaram do nosso objeto de estudo.

O artigo *Bruxas e contos de fadas: mito e representações*, publicado pela ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História, em João Pessoa, foi escrito por Eliana Alda de Freitas Calado. O artigo objetiva:

Analisar os elementos unificadores que definem a bruxa, tais como: a constante disposição para com o mal; a esconjuração no sentido de lançar uma maldição; a necromancia; o pacto diabólico e a capacidade de voar. Propõe uma reflexão dos contos de fadas e suas representações. Verifica-se nos contos abordados que as três bruxas apresentadas nas histórias infantis possuem algumas características comuns: a maldade, a ligação com a floresta, à aparência de camponesa e a idade avançada. Mesmo se a Rainha Má de Branca de Neve é jovem e bonita, ela assume a forma de uma senhora

idosa e humildemente vestida, para realizar seus malefícios (CALADO, 2003, p.3).

O artigo *Misoginia & bruxaria: mulher e estereótipos na colônia americana*, artigo publicado na revista *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU* cuja versão impressa é ISSN 2238-2127, teve como objetivos:

Abordar a temática “Mulher & bruxaria no Brasil colônia”. A reflexão têm como base os relatos da historiografia enfocando discursos misóginos que apresentam a mulher como sendo agente do mal e bruxas, no contexto colonial brasileiro, girando em torno das associações entre as mulheres e práticas de bruxaria (LEOPOLDO, 2012, p. 141).

O seguinte artigo, denominado por *A superstição e a magia na religião da idade média*, foi publicado na Revista Labirinto, versão impressa ISSN 1519-6674, teve como objetivo:

Estabelecer uma visão geral do período de conversão dos pagãos em cristãos. Portanto, o que se quer mostrar é como os cultos populares se tornaram, em contato com a religião cristã, superstições. No mesmo tempo, quer demonstrar como é que o folclore pagão entrou a fazer parte da religião monoteísta mediante uma alteração daquelas características que diferenciavam nas duas religiões, ou seja, a passagem de ritos e figuras míticas em superstições e criaturas demoníacas (RINALDI, 2014, p.5).

O artigo de Ludmila Noemi Santos Portela, intitulado “*Os pilares da fogueira*”: *a construção do discurso cristão contra a bruxaria na Idade Média (séc. XIV)*, foi publicado pela revista Dimensões, cuja versão impressa é ISSN 2179-8869. A proposta desse artigo foi:

Mostrar que nos fins da Idade Média, manuais inquisitoriais tornaram-se instrumentos de poder que condenaram milhares de almas à fogueira. Alguns destes manuais dedicaram-se em grande parte a esmiuçar e combater a bruxaria como prática mágica demonolátrica, imputando, sobretudo às mulheres o estigma de agenciadoras do diabo em um plano maligno de ataque à cristandade. Este discurso contra a bruxaria foi construído paulatinamente como um contraponto de alteridade à identidade cristã enquanto grupo majoritário de poder (PORTELA, 2017, p. 197).

Outro artigo relata *Para onde foram as bruxas? Os estudos históricos sobre a bruxaria tardo Medieval*, publicado nos Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST propõe uma análise reflexiva sobre os aspectos estudados e relacionados à bruxaria.

Percebe-se que tais estudos são variados e numerosos, tanto no campo historiográfico quanto em outras Ciências Humanas – em especial, a Antropologia. As contribuições agregadas pelos aportes teóricos e metodológicos das diferentes áreas do conhecimento que, pouco a pouco, se

associaram à História a partir da primeira metade do século XX com o programa desenvolvido pela Escola dos Annales, permitiram a elaboração de diferentes correntes de interpretação acerca do fenômeno da bruxaria. No âmbito acadêmico, dentre os principais arcabouços interpretativos da bruxaria europeia encontram-se as vertentes liberal e folclórica. Embora conflituosas, ambas as correntes nos permitem compreender a bruxaria enquanto objeto de demonização, na medida em que discutem a apropriação e ressignificação de elementos tradicionais do paganismo pela doutrina e instituição eclesiástica sob a luz dos novos tempos e concepções que emergiam no contexto medieval (TOMAZELLI, 2016, p. 940).

O trabalho de conclusão de curso de (graduação) defendida na Universidade de Brasília – Instituto de Ciências Humanas – Departamento de História, intitulada *Malleus Maleficarum: a imagem da mulher no manual da caça às bruxas*. Tal trabalho objetivou:

Explicar como os espaços de atuação feminina sofreram mudanças na Idade Média, tomando por base o conceito de política sexual, a fim de demonstrar não somente como ocorriam as relações entre os sexos no período medieval, mas também o conteúdo do *Malleus Maleficarum*. Esse manual foi utilizado como principal norteador do movimento da “caça as bruxas”, trazia instruções sobre como identificar e eliminar praticantes de feitiçaria, sendo um essencial instrumento para a perseguição. Pretende-se demonstrar como a imagem feminina foi demonizada, permitindo assim que a caça às consideradas bruxas fosse direcionada principalmente às mulheres (GOMES, 2017, p.3).

A dissertação intitulada como: *Queimem a bruxa – caça às feitiçadeiras na transição da Idade Média para a Idade Moderna*, trabalho apresentado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora. Nasce com intuito de objetivar como:

Fazer um exame da presença da feitiçeira na literatura brasileira do entres séculos, focando-nos no período entre 1881 e 1904. Levando em consideração as mudanças políticas e sociais do período, buscamos analisar a relevância que essa figura ganha na literatura nacional entre os anos de 1865 e 1920. A análise leva em conta, em perspectiva histórica, a evolução do conceito e da figura da bruxa na Europa e no Brasil, a delimitação do estereótipo de feitiçaria como predominantemente feminino e a presença mais ou menos proeminente da bruxa ao longo da história da literatura, demandando-nos uma abordagem interdisciplinar que se apoia na discussão sobre a própria constituição da história, nas reflexões sobre a presença de culturas populares e eruditas, no pensamento feminista contemporâneo e na crítica literária que se debruça sobre as personagens do texto como amálgamas de elementos sociais, históricos e psicológicos atuando dentro da economia narrativa de cada obra. Após territorializarmos nossa discussão nos termos expostos, dedicamos os capítulos finais deste trabalho à análise aprofundada das duas personagens feitiçadeiras mais relevantes do período: Paula, a bruxa de O Cortiço, e Bárbara, a cabocla vidente de Esaú e Jacó, tomando como princípio de análise a presença de um fármakon que, antes de ser bom ou mau, é o elemento que faz fugir às leis gerais (ROCHA, 2014, p.5).

O trabalho monográfico intitulado, *O martelo das feiticeiras: suas bases e a mentalidade medieval*, apresentado no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul Campus de Erechim, teve como principal objetivo:

Analisar buscar determinar quais foram as bases utilizadas para compilar a obra *Malleus Maleficarum*, e estabelecer a compreensão da representação do feminino da época juntamente com as características e documentos que influenciaram a sua compilação (ZIN, 2017, p.7).

Outra dissertação de Carolina Rocha Silva intitulada, *O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-58)* tiveram como pilar principal:

Depoimentos de duas escravas mestiças, Joana e Custódia de Abreu, que assumiram participar de encontros noturnos firmados por pactos diabólicos no Piauí colonial. O documento foi escrito e enviado ao Tribunal do Santo Ofício de Lisboa pelo jesuíta Manuel da Silva e possui descrições muito semelhantes com os elementos que definem o complexo sabático europeu. O texto foi resultado da confluência de várias crenças mágico-religiosas, a descrição dos encontros noturnos com o diabo se aproximou ora da magia popular, ora dos calundus coloniais e ora do sabá europeu. As intenções do padre ao enviar as confissões para a Inquisição parecem vir da vontade de denunciar o estado de “abandono religioso” dos sertões e de destacar a importância da Ordem do qual fazia parte. As fontes também funcionaram como indícios que levaram a compreensão de um cenário mais amplo e multifacetado, no qual foi possível investigar: o amplo uso de práticas mágicas no reino e na América Portuguesa; o papel da Companhia de Jesus no processo de colonização e catequização dos ameríndios, e as adaptações que a Instituição sofreu no Brasil; a ocupação dos sertões através da “Guerra dos Bárbaros”; e a formação cultural e religiosa do Piauí no século XVIII (SILVA, 2013, p.12).

O artigo intitulado: *As bruxas retornaram... Cacem as bruxas! Um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina*, publicado pela Revista Espaço Acadêmica publicado pelo número ISSN: 1519-6186. Esse artigo versa:

Sobre as possíveis raízes do processo histórico de subalternização das mulheres nas sociedades patriarcais, processo esse que parece ser assegurado pelo controle da sexualidade feminina. Partindo-se do pressuposto de que na sexualidade, a mulher tem a matriz do poder da procriação, da continuidade ou não da gestação de mulheres e homens, e de que, desse poder, os homens, biologicamente, não podem se desvencilhar, mas procura superar através de métodos históricos de opressão, um deles, o monopólio da propriedade, o presente argumento tenta demonstrar que, na medida em que a mulher, também, passa a deter direitos de propriedade e cidadania, a opressão diminui, as relações de gênero tendem a ser mais isonômicas e a mulher se reapodera de seu próprio corpo e de sua sexualidade (CAMPOS, 2010, p.64).

Finalizamos apresentando uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Presbiteriana Mackenzie, intitulada, *Feitiçarias e magias: mulheres negras e as visitas pastorais na Capitania de São Paulo – séc XVIII*. Essa pesquisa se dedica:

Ao estudo de feitiçaria, no Brasil Colônia em meados dos setecentos, pelo Brasil Colonial, tendo como fontes principais a documentação inquisitorial referente ao período colonial. Foi analisado de casos de práticas mágicas e de feitiçaria protagonizadas por mulheres negras e nosso enfoque temático se concentra em crenças e práticas mágicas especificamente portuguesas, tendo como aporte teórico os relatos a história das mentalidades e suas representações culturais. Registra ainda casos de práticas mágicas e de feitiçaria protagonizadas por mulheres negras (SOUZA, 2016, p.8).

O quadro de número 3 explicita o levantamento feito no Google Acadêmico ora mencionado e registrado os dez trabalhos que mais se aproximaram do nosso objeto de estudo.

Quadro 3 - Levantamento no Google Acadêmico

TÍTULO	AUTOR	ANO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
Bruxas e contos de fadas: mito e representações	Eliana Alda de Freitas Calado	2003	ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História ARTIGO
As bruxas retornam... Cacem as bruxas! (um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina)	Andrea Almeida Campos	2010	Revista Espaço Acadêmico ARTIGO
Misoginia & bruxaria: mulher e estereótipos na colônia americana.	Eliane Cahon Leopoldo	2012	UNIABEU ARTIGO
O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-58).	Georgina Silva dos Santos	2013	Universidade Federal Fluminense MESTRADO
A superstição e a magia na religião cristã da idade média.	Azzurra Rinaldi	2014	Universidade de Coimbra ARTIGO

Queimem a bruxa – caça às feiticeiras na transição da idade média para a idade moderna.	Waldir Imbroisi Rocha	2014	Universidade Federal de Juiz de Fora MESTRADO
Feitiçarias e magias: mulheres negras e as visitas pastorais na capitania de São Paulo – séc XVIII.	Alexandre Bueno Salomé de Souza	2016	Universidade Presbiteriana Mackenzie MESTRADO
Para onde foram as bruxas? Os estudos históricos sobre a bruxaria tardo Medieval.	Roni Tomazelli	2016	Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST ARTIGO
“Os pilares da fogueira”: a construção do discurso cristão contra a bruxaria na idade média (séc. Xiv).	Ludmila Noeme Santos Portela	2017	PPGHIS / UFES ARTIGO
Malleus Maleficarum: a imagem da mulher no manual da caça às bruxas.	Bárbara Lemos Corrêa Gomes	2017	Universidade de Brasília MONOGRAFIA
O martelo das feiticeiras: suas bases e a mentalidade medieval.	Jean Carlos Zin	2017	Universidade Federal da Fronteira do Sul MONOGRAFIA

Fonte: Dados da Pesquisa (RESENDE, 2018)

Chegamos à conclusão que nos portais supracitados e pesquisados no período de 15 (quinze) anos, há uma variedade de produções acadêmicas e científicas que ora expõem as mulheres tipificadamente intituladas de bruxas e que foram retratadas mediante uma iconografia forte associada à degradação diabólica, sexual e misógina. Outros trabalhos enfocam desde suas reuniões noturnas até os contos³⁰ que mostra a ligação da bruxa aos poderes das trevas. No próximo tópico será enfocado o tributo de Gilbert Durand e Mircea Eliade para a construção da teoria do mito e do imaginário coletivo.

³⁰ Branca de Neve (1817), João e Maria (1927) e Rapunzel (1812).

2.3 O contributo de Gilbert Durand e de Mircea Eliade para a teoria do mito e do imaginário coletivo

Independentemente do contexto cronológico, geográfico ou étnico, existem elos comuns que estão atrelados ao homem no decorrer das gerações; um deles se funda na sua espiritualidade carregada por um universo mitológico. Há então uma diversidade de ritos, símbolos, objetos religiosos, crenças, orações, que foram preservadas desde tempos inimagináveis onde a tradição oral perpetuou esse conhecimento até a chegada da escrita e o estudo da historiografia possibilita esta visualização acurada.

A história é “filha de seu tempo” e quando tenta se reconstruir o passado podemos e devemos recorrer não somente à obra de historiadores individualizados, mas também ao registro coletivo e anônimo que chamados de mito (FRANCO JÚNIOR, 2010, p. 21). Portanto, nessa perspectiva que é recorrente a utilização da palavra “mito”, seja no sentido mais genérico, seja no sentido específico, como Carlos Ginzburg se remete a expressão “[...] os mitos das novas gerações” (GINZBURG, 2001, p. 42).

Para Filoramo Prandi (1999) é difícil separar o religioso do mágico, de práticas que são indicadoras de um comportamento que transcende a vida que em si são carregadas de uma simbologia rica, como encontradas nas grutas de Lascaux, onde é um complexo de cavernas ao sul da França na qual se tornou famosa pelas pinturas rupestres. Mesmo desprovidas de uma escrita, caracterizam-se e se destacam por uma mensagem que marcará toda a tradição religiosa seguinte.

Estudiosos das religiões pré-históricas como J. Maringer, A. Leroi-Gourhan, e F. Fedele estão de acordo em captar uma atividade “religiosa” (e mágica) em torno das várias formas de funeral (culto dos mortos) e também, como se conclui das figuras pintadas em muitas cavernas europeias e asiáticas, em relação aos animais (o urso, o bisão), cuja caça era essencial para a sobrevivência do grupo (PRANDI, 1999, p. 276).

Deparamo-nos com uma Europa que teve sua cultura pré-cristã marcada, influenciada por suas tradições e que agora, substituída pela dogmática religiosa do cristianismo, porém, percebe-se um encantamento no retorno do mito e dos ressurgimentos das visões que gravitavam em torno do símbolo. A esse núcleo mítico ligam-se também a temas folclóricos tais como o voo noturno e as metamorfoses animais, onde houve fusão desses temas como imagem de uma seita hostil ao credo Romano, pouco a pouco fora projetada sobre os judeus, leprosos e bruxas.

A possibilidade de identificar uma classe específica de contos denominados “mitos” foi posta em dúvida. Os mitos, sustentou-se, não existiam; o que existiu foi a mitologia, um discurso agressivo feito em nome da razão contra um saber tradicional indeterminado (GINZBURG, 2001, p. 42).

Para Durand a imagem, não mais do que a superestrutura, é o adorno de uma história dada como objetiva. O mito se configura como um relato que possui personagens, situações e cenários geralmente não naturais (divinos e utópicos). O mito aparece, assim, como discurso último ou primordial de constituição. G. Durand mostrara (1959) que o imaginário e as grandes imagens arquetípicas³¹, lugar onde o mito haure seu arsenal simbólico, em si mesmo é formado por, no mínimo, três séries de esquemas estruturais, isomorfos e entre si irreduzíveis (DURAND, 1977). Contudo, uma vez que o sentido da história se torna mais importante do que o sentido da Revelação:

O pensamento simbólico, o mito, possui uma “lógica” coerente e sistemática, além das singularizações históricas. Eliade retoma o fio condutor da “prenhez simbólica” que coordena o inconsciente, a consciência perceptiva, a consciência conceitual e semiológica, mas que as coordena em nome do “superconsciente”. Porque a missão do símbolo é unificar planos heterogêneos de consciência e ação, sem confundi-los. Pela potência simbólica, permite ao mesmo tempo a individuação extrema, autêntica, da pessoa e seu relacionamento total com um Cosmo simbólico – uma “terra celeste” – muito mais do que qualquer imperativo categórico racional que proíbe ao homem toda alienação e assim se torna Doador do Sentido (DURAND, 1984, p. 39).

Ao trabalhar o caráter “mítico”, citando Eliade, o teórico francês Gilbert Durand vai apontar para a coerência sistêmica que possui o pensamento simbólico, sendo esse discurso, importante na obra de Cavalcanti (2004), que entende o mito como:

O arremate de todo o processo da imaginação, liberando energia biológica e psíquica para os indivíduos e as sociedades resolverem seus impasses existenciais diante do tempo e da finitude da vida. Espelhos desta conclusão existencial estão em todas as culturas e grupos sociais. (CAVALCANTI, 2004, p. 37).

Gilbert Durand forja uma noção para significar o emprego da crítica literária, em sentido estrito ou ampliado da crítica do discurso mítico. A mitocrítica pretende ser um método de crítica que seja a síntese construtiva das diversas críticas, novas e antigas, que até

³¹ São Imagens primordiais mais profundas, de caráter coletivo e inato (elas não são construídas, como é o caso dos símbolos, são espontâneas e incontrolladas). E, ainda: estado preliminar e zona matricial da ideia. Ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais.

então se defrontam de modo estéril. Podemos resumir as diferentes intenções “críticas” numa espécie de “triângulo” do saber, que, inicialmente, seriam constituídas pelas “antigas” críticas que, do positivismo de Taine ao marxismo de Lukács fazem a explicação discorrer sobre “a raça”, o meio e o momento; seriam seguidas pelas críticas psicológicas e psicanalítica (DURAND, 1977, p. 252).

Já na leitura de Franco Júnior consegue-se perceber como é delineada a imagem como expressão plástica e não exclusivamente como literatura, ela possibilita elucidar as estruturas sócias, culturais, religiosas e políticas que as influenciaram.

Ora, a imagem é expressão plástica não apenas do literário, mas de todo o enquadramento sociocultural que engendra o literário. Inclusive, é claro, da oralidade, que desempenhava papel fundamental na Idade Média. (FRANCO JÚNIOR, 2010, p.174).

Isso deslocou o enfoque da história religiosa tradicional, centrada nas instituições e personalidades eclesiásticas, passando-se a considerar mais o sentimento religioso que a religião. Para minimizar a polarização erudito/popular, que, contudo adora, Manselli lembra a “unidade do fato religioso”. (FRANCO JÚNIOR, 2010, p. 29).

A figura mítica da bruxa representa o regime noturno³² que é uma proposta em Antropologia feita por Durand, que vislumbra o exame das imagens mentais e suas traduções e especificações simbólicas que permitiram gerar códigos de criação cultural na história, além dos sentidos das imagens e seu efeito nas reações dos seres humanos diante ao perigo e dos vários tipos de morte. A noite pode ser entendida, sobretudo pelas trevas nefastas, que pode ser verificada sobre as tenebrosas faces do tempo, a tendência progressiva para a eufemização dos terrores brutais e mortais em simples temores eróticos e carnavais (DURAND, 1992, p. 1). Cavalcanti percebe o processo de desmitologização³³ da feiticeira, que já não impõe o medo, é a mesma que se tornaria apenas “bode expiatório” de interesses alheios. Duas citações de R.

³² “O regime noturno é a tendência à homogeneidade. Noite repousante, reparadora, intimista e solidária [...] Construção da harmonia. Expulsão da morte. Inversões simbólicas. Angústia eufemizada” (CAVALCANTI, 2015, p. 42-43).

³³ “Entendemos que a Desmitologização de Valores é uma das faces do percurso histórico que transformou a cultura ocidental num ente secularizador e, como diria Weber (1992, p. 439), desencantado. Este conceito é nossa contribuição para desvendar o processo geral de intelectualização da cultura em sua especificidade dentro dos cárceres inquisitoriais. Trata-se de conceito singular para o estudo da Inquisição Moderna, posto que, nela, - por toda parte - houve um progressivo exílio ou afastamento do imaginário, que veio a ser considerado fantasioso e ilusório. Também a nossa própria disciplina foi criada no mesmo ambiente intelectualizante que permitiu a sistematização de todas as ciências. Admitimos a validade histórica da concepção que vincula o próprio processo que engendrou o saber científico ao período que marca o advento da intolerância inquisitorial” (CAVALCANTI, 2001, p. 40).

Munchembled estão reproduzidas aqui para ilustrar o argumento (CAVALCANTI, 2015, p. 21-22):

A feiticeira sobre sua fogueira não é nem a revoltada social que imaginava Michelet nem a sacerdotisa inspirada de um culto secreto de fecundidade nem a serva consciente e devotada do diabo. Ela é somente a vítima expiatória de um afrontamento entre a modernidade conquistadora e a resistência camponesa. [...] A árvore não deve ocultar a floresta: menos religiosa que política, a caça às feiticeiras não é senão uma pedra entre outras na obra de desencravamento dos campos. A feiticeira cede seu lugar central ao padre. A vingança privada recua diante da ordem pública. Os poderes exteriores progridem em direção ao centro da aldeia (LOPES, 1997, p. 70-71).

O mito é o resultado pleno de sua exteriorização simbólica e imagética que foram extraídas das narrativas antigas e são elementos fundantes da evolução humana e sua cultura, a figura mítica da bruxa foi desmitologizada e ressignificada na contemporaneidade. Verificaremos no próximo ponto a contribuição do estudo da figura da bruxa no contexto setecentista com o viés e contribuição das Ciências das Religiões.

2.4 As Ciências das Religiões e as Fontes Inquisitoriais

Para um objeto de dimensões tão amplas e contextos tão diferenciados, é necessário que seja pensada a pluralidade das Ciências das Religiões como a área que vai ser capaz de corresponder com bases teóricas nas mais diversas ciências sociais, sobretudo ao lançar mãos dos pressupostos teóricos da antropologia, da sociologia, mas principalmente da história das religiões. As ciências das religiões (CR) não constituem uma disciplina à parte, fundada, como gostaria a tradição hermeneuticamente orientada, na unidade do objeto (a religião) e na unidade do método (a compreensão hermenêutica). Antes ela é um campo disciplinar e, como tal, uma estrutura aberta e dinâmica (FILORAMO; PRANDI, 2016, p. 13).

De tal modo, cabe à conceituação de religião, acerca do qual, nada se tem como um fechado, mas um termo que necessita de um contexto porque se remete à cultura e aos sistemas sociais. Max Weber fala que as religiões demonstraram possuir lógicas próprias; lógicas, note-se bem, não do tipo ideal, mas estrutural, que, conseqüentemente, não são dadas

uma vez por todas, mas tiradas sempre do contexto (FILORAMO; PRANDI, 2012). Sampaio (2014) vai chamar a atenção para o fato de que religião não é um consenso, afirmando que:

A lista de autores seria bastante significativa e o número de definições apresentadas seria tranquilamente inumerável. Apenas numa breve menção, pensando estes campos de estudo destacados, poderíamos citar: Max Müller, Émile Durkheim, Max Weber, Rudolf Otto, Mircea Eliade, Marcel Mauss, Clifford Geertz, Joachim Wach, Peter Berger, dentre muitos outros. [...] Embora haja inúmeras tentativas para se definir religião/religiosidade, é plenamente defensável, numa determinada perspectiva antropológica que tomamos aqui, a opção por uma não definição universal de religião, a escolha pela não busca de uma essência da religião, entendendo-as como não possíveis nem desejáveis, haja vista que a religião é uma categoria construída, forjada nos contextos históricos os mais diversos [...] (SAMPAIO, 2014, p. 58-59).

Continuemos então nessa reflexão que possibilite um entendimento do ser religioso, é propício falar sobre Ciências das Religiões, todavia deixando claro que tal discursão sobre o termo Ciência(s) da(s) Religião(ões), seja singular ou plural, já é mais que suficiente, para que enquanto campo disciplinar o seu estatuto epistemológico seja o reflexivo dos questionamentos e problemas internos (FILORAMO; PRANDI, 2012)³⁴, portanto, ciente do pluralismo metodológico e também do seu objeto há de se concordar com Filoramo e Prandi, destacando que:

Ao contrário, como estes autores, prefere falar de ciências das religiões, o faz porque está convencido tanto do pluralismo metodológico (e da impossibilidade de reduzi-lo a um mínimo denominador comum) quanto do pluralismo do objeto (e da não laicidade e até impossibilidade, no plano da investigação empírica, de construir sua unidade) (CAMURÇA, 2008, p. 21).

Deixando claro que outras perspectivas, no que diz respeito a chamar a CR como termo singular, pressupõe tanto a existência de um método científico, como a existência de um objeto (FILORAMO; PRANDI, 2012), ou seja, para esse trabalho já se tem uma incompatibilidade com a singularidade do termo, uma vez que o próprio objeto está diretamente associado ao que Teixeira (2009) chamou de “estilos culturais de “ser católico”³⁵. Portanto, nada mais coerente que para um objeto plural, uma ciência de “politeísmo metodológico”³⁶.

³⁴ FILORAMO, C.; PRANDI, C. As ciências das religiões. São Paulo: Paulus. 2012, p. 12.

³⁵ Cf. TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. Catolicismo plural. Dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 19.

³⁶ Idem

O termo Ciência da Religião não é necessariamente usado para expressar uma ciência fechada das demais áreas das humanidades, o pesquisador alemão Joachim Wach, por exemplo, referia-se ao termo não com o desejo de criar uma ciência particular, nem entendia que a mesma se constituía como um grupo de disciplinas que estudava o fenômeno de maneira isolada. A perspectiva de Wach era de que a Ciência da Religião permitiria construir como assinala Marcelo Camurça: “uma abordagem articulada entre as ciências humanas para o fenômeno religioso”³⁷. Outras abordagens na terminologia da área são percebidas e colocadas de acordo com as concepções metodológicas dos autores inseridas no debate de seu tempo e ambiente acadêmico.

O antropólogo brasileiro Marcelo Camurça (2008), por exemplo, discute a problemática partindo de seu lugar acadêmico de formação enquanto cientista social (permeando a sociologia e a antropologia), e entende “Ciências da Religião” como um campo que anda em sintonia com os debates teórico-metodológicos, em mudanças contínuas nas demais áreas das ciências humanas, e sendo assim, não há como desconhecer a possibilidade das “Ciências da Religião” ser um canal no qual novas teorias e novas contribuições se acrescentarão às demais áreas, com nas palavras de Camurça (2008): “todavia sempre em interface com as grandes disciplinas das ciências”.³⁸

Naquilo que é pertinente de uma escolha, preferencialmente adotamos a concepção plural de “Ciências das Religiões” no modelo da Escola Italiana, crendo que enquanto campo disciplinar é que entendemos a área, e analisamos nosso objeto de pesquisa, levando em conta a diversidade e extensões do saber humano, construindo um debate transdisciplinar para a compreensão do fenômeno religioso.

O papel do historiador é imperativo para os estudos inquisitoriais, cabe a ele investigar e interpretar nos acontecimento e experiências humanas vividas ao longo do espaço e tempo buscando resgatar com limpidez e imparcialidade os fenômenos ocorridos durante as gerações.

Dizem-nos que o historiador não pode, em absoluto, e por definição, observar os fatos que estuda. Nenhum egiptólogo viu Ramsés. Nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz. Das épocas que nos precederam, só poderemos falar, portanto, a partir de testemunhos. Das épocas que nos precederam, só poderemos falar, portanto, a partir de testemunhas. Estamos, em relação a elas, na mesma situação do juiz de instrução que procura reconstituir um crime a que não assistiu; na do físico que, retido em casa pela gripe, fosse conhecendo os resultados das

³⁷ CAMURÇA, Marcelo. Ciências Sociais e Ciências da Religião. São Paulo: Paulinas. 2008, p. 21.

³⁸ CAMURÇA, Marcelo. Ciências Sociais e Ciências da Religião. São Paulo: Paulinas. 2008, p. 27.

suas experiências pelos relatórios do servente de laboratório. Em suma, por contraste com o conhecimento do presente, o do passado seria forçosamente indireto (BLOCH, 1987, p. 47).

Na obra intitulada *O Deus da Idade Média* (2007) o historiador francês Jacques Le Goff propõe um diálogo que esboça as outras formas de se compreender variadas práticas religiosas e a presença de Deus a partir de sua referência e experiência religiosa, que é influenciada inclusive pela posição social do indivíduo.

A imagem de Deus numa sociedade depende sem dúvida da natureza e do lugar de quem imagina Deus. Existe um Deus dos clérigos e um Deus dos leigos; um Deus dos monges e um Deus dos seculares; um Deus dos poderosos e um Deus dos humildes; um Deus dos pobres e um Deus dos ricos. Tentamos apreender esses diferentes “Deus” em torno de alguns dados essenciais: o Deus da Igreja, Deus da religião oficial; o Deus das práticas, que na Idade Média são fundamentalmente religiosas, antes que emergjam aspectos profanos. São dogmas, as crenças, as práticas eu nos interessam, na medida em que definem e deixam entrever a atitude dos homens e das mulheres da Idade Média em relação a Deus. (LE GOFF, 2007, p. 11).

O historiador contemporâneo dos estudos Inquisitoriais passa por um grande desafio que é compreender e identificar os símbolos e as iconografias existentes no Tribunal do Santo Ofício. A Teoria do imaginário utilizada por Durand possibilita justamente fazer essa conexão entre os estudos da Inquisição e o simbolismo tão peculiar impresso pelo próprio Santo Ofício. O imaginário já foi visto como uma abstração quase que desconectada dos interesses historiográficos, um “distanciamento do real”. O termo imaginário representa outro conjunto cultural, bem mais amplo. E é também encarado de outra forma. Ao mesmo tempo, sob esta designação, tratamos do capital pensado da humanidade, noção que nos oferece Gilbert Durand e do quadro teórico-metodológico que busca abarcá-lo. (CAVALCANTI, 2011).

Estudar a religião, como Ciências das Religiões pelas lentes da história é compreender que por trás dos fatos religiosos, existem pessoas reais, que sendo assim, possuem sua espiritualidade, fé e humanidade. Cujas vidas foram marcadas pelo seu tempo. Observemos adiante como foi construída a figura mítica da bruxa analisada por meio da contribuição de Gilbert Durand no imaginário coletivo.

3. A CONTRIBUIÇÃO DE GILBERT DURAND NO IMAGINÁRIO COLETIVO

A arte católica romana é uma arte ditada pela formulação conceptual de um dogma. Não reconduz a uma iluminação, “ilustra” simplesmente as verdades da Fé dogmaticamente definidas. Dizer que a catedral gótica é uma “bíblia de pedra” não implicaria de certo, que seja feito uma interpretação livre, que a Igreja recusaria para a própria bíblia escrita. Para Durand (1995), essa expressão significa simplesmente que a cultura, o vitral, o afresco, são ilustrações da interpretação dogmática do Livro (DURAND, 1995, p. 37).

E é nessa perspectiva que a sociedade europeia do século XIV foi marcada por medos e visões escatológicas, difundidas principalmente, a partir do seio da Igreja Medieval, compondo parte do discurso teológico que justificavam muitas vezes as catástrofes anunciadas e vividas no imaginário simbólico popular, com ao exemplo da alegoria dos quatro cavaleiros do Apocalipse: a fome, a guerra, a epidemia e a morte. Das misérias terreaux às glórias do firmamento, Le Goff (2007, p. 214), vai chamar atenção:

Certamente, os homens da Alta Idade Média trabalhavam, lutavam pela vida terrestre, pelo poder terrestre, mas os valores em nome dos quais viviam ou combatiam eram valores sobrenaturais, a saber: Deus, a Cidade de Deus, o Paraíso, a Eternidade, o desprezo do mundo, a conversão, o exemplo de Jó, aniquilado diante da vontade de Deus. O horizonte cultural ideológico e existencial dos homens era o Céu.

A sociedade do Medievo foi marcada e densamente influenciada pela religiosidade e misticismo. Era habitual explicar o aparecimento de doenças, epidemias e pestes por meio de especulações atribuídas à ira divina pelos desatinos e pecados dos seres humanos. Fato é que tais pandemias provocavam altos índices de mortalidade e os homens deveriam aceitar os desígnios divinos. É notório que em alguns aspectos a medicina estava limitada. Haja vista não possuírem condições em promover um tratamento eficaz a muitas dessas enfermidades. É nesse cenário, a ação ideológica advinda de intelectuais da Igreja, reproduziram um novo pensamento, imprimindo, dominando e mantendo-os alienados.

3.1 O retrato estrutural da bruxa no aspecto sociocultural e religioso

A construção histórica da figura mítica da *bruxa* tem dentre os seus possíveis nascedouros, em primeiro lugar, a intolerância ao gênero feminino, contida do sistema patriarcal. Narrativas do mundo antigo³⁹ descrevem como as civilizações enfocavam que as mulheres estavam sempre às sombras dos homens, são raras as exceções. A bruxa foi perseguida em particular pelo cristianismo. Ao retornarmos ao século I da Era Cristã, observamos que as primeiras comunidades cristãs eram consideradas pelos judeus não messiânicos, como uma seita⁴⁰ herética⁴¹, esse entendimento foi perpassado à mentalidade dos romanos, que por sua vez, promoveram diversas perseguições em seu domínio territorial. Perseguição estas que perduraram até o século IV, que por meio do Edito de Milão em 313 d.C., o Imperador Constantino resolveu tolerar e proibir os ataques aos seguidores de Cristo. Ao término desse mesmo século o cristianismo já era a religião oficial do Império.

O cristianismo, enquanto fenômeno religioso foi influenciado diretamente por aspectos socioculturais, econômicos, políticos e religiosos dos povos que confluíam dentro da extensão territorial do Império Romano. Destacamos dentre eles: os judeus, os gregos e romanos por entender que serviram como bases no tratamento da figura feminina, haja vista que nessa sinergia houve contribuições para o desenvolvimento e consolidação do cristianismo e também como se deu a influência do patriarcalismo dentro da religião cristã. Como nos faz entender Francisco Taborda (1990, p. 313) em:

O patriarca era chamado de pater familias Feminismo e Teologia Feminista no Primeiro Mundo, tomar consciência da discriminação da mulher supõe uma análise da sociedade desde o ponto e do lugar social da própria mulher. Patriarcado, androcentrismo⁴², sexismo⁴³ são características que entram em questão nesse contexto.

³⁹ Flávio Josefo escreveu, em seu livro *Contra Apíão*: “A mulher, dia a Lei, é inferior ao homem em todas as coisas. Ela deve obedecer não para se humilhar, mas para ser dirigida, pois foi o homem que Deus deu o poder” (2,24). “Mulheres, escravos (pagãos), crianças” são quase sempre associados nas citações. Recomendava-se aos homens a seguinte prece: “Louvado seja Deus que não me criou mulher” (MORIN, 1988, p. 56).

⁴⁰ “Os primeiros cristãos não criam que pertenciam a uma nova religião. Eles eram judeus, e a principal diferença que os separava do resto do judaísmo era que criam que o Messias tinha vindo, enquanto que os demais judeus aguardavam o seu advento. Sua mensagem aos judeus não era, portanto, que tinham de deixar de serem judeus, mas ao contrário; agora a idade messiânica havia sido inaugurada, dessa forma deveriam ser melhores judeus [...] Para aqueles cristãos, o judaísmo não era uma religião rival do cristianismo, mas sim a mesma religião, muito embora os que a seguissem não entendessem que as profecias já se haviam cumprido [...] do ponto de vista dos judeus não cristãos, a situação era a mesma. O cristianismo não era uma nova religião, mas sim uma seita herética dentro do judaísmo” (GONZALES, 1990, p. 49-50).

⁴¹ “O termo grego *hairesis* denota propriamente “escolha”, e esse é o significado que sempre tem a Septuaginta; nos autores clássicos, entretanto, pode referir-se a uma escolha filosófica que um indivíduo qualquer prefere seguir” (DOUGLAS, 1981, p. 709).

⁴² Androcentrismo, designa-se toda a ação e reflexão feita na óptica do varão, estabelecendo-o como ponto de referência e paradigma do ser humano (TABORDA, 1990, p. 314).

O patriarca era autoridade inquestionável, visto como chefe da família. Ele era temido, pois cabia a ele controle dos componentes que faziam parte da esfera de seu domínio. Temido em dados momentos devido ao controle da vida e os bens de sua(s) mulher(es) e filho(s). Aquele que imprimia no coração e na mente de seus comandados, todas as virtudes e qualidades possíveis a um ser humano, o que era certo ou errado, sacro ou profano, o que poderia ou não ser feito, ou seja:

O patriarca era chamado de *pater familias*, “pai de família”, proprietário de todos os bens: esposa, filhos, escravos, animais, edifícios, terras e tudo girava em torno dele, daí derivando o patriarcado, uma instituição cujo legado está conosco até hoje, um regime social em que o pai exerce autoridade preponderante (FUNARI, 2015, p. 99).

A posição legal da mulher na sociedade hebreia era inferior ao do homem. Este poderia divorciar-se de sua esposa caso encontra-se algo indecente nela, mas o mesmo direito não era admitido à esposa. Ela não poderia divorciar-se do marido por nenhuma razão. Vejamos uma referência encontrada no Pentateuco:

Caso um homem tome uma mulher e a despose e, mais tarde, encontrando nela qualquer coisa que o envergonhe, deixe de olhá-la favoravelmente, redija para ela uma ata de repúdio e lha entregue, mandando-a embora de casa, quando, então, a mulher sai de casa, vai e se tornar mulher de um outro, se o outro deixa de quere-la, redige para ela um ato de repúdio e lho entrega, mandando-a embora de casa, ou então se o outro homem que a tomou por mulher morre, neste caso, seu primeiro marido, que a tinha despedido, não poderá retomá-la como esposa, depois que ela foi tornada impura (Deuteronômio 24:1-4)⁴³.

Tobarda (1990) enfoca que a “mitologia judeu-cristã”, não permite ajudar a conceituação de Deus. Como por exemplo, recorda que o mito de Adão e Eva é a causa do antifeminismo, pois projeta a culpa humana sobre a mulher. Essa falsa identificação do mal leva a uma falsa identificação da mulher, do varão e de Deus. Também a ideia de Deus Pai que gera um Filho divino, parece-lhe completamente inadequada para a perspectiva feminina (TABORDA, 1990, p. 324).

⁴³ “Sexismo é a atitude, mentalidade, ideologia que define as pessoas pelo sexo, impõe-lhes limites e apõe-lhes etiquetas por causa do sexo e por essa causa as discrimina. O sexismo é no âmbito do sexo o que o racismo no âmbito da raça. O sexismo apresenta um esteriótipo de mulher: a mulher ou é a moça virgem, ou a mãe sacrificada, ou a tentadora atraente. Em outras palavras: a mulher infantilizada (virgem), a mulher idealizada (mãe), a mulher demonizada (prostituta). A partir dessas categorias, cria-se uma mentalidade maniqueísta: a mulher ou é santa ou é pecadora, ou de Deus ou do diabo” (TABORDA, 1990, p. 314).

⁴⁴ BÍBLIA, Português. Bíblia: Tradução Ecumênica. Direção em Língua Portuguesa: Gabriel C. Galache. São Paulo: Loyola, 1994.

Na civilização da Grécia Clássica percebe-se a simplicidade em que as estruturas familiares se estruturavam. Eram marcadas por famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filhos, nas quais todos trabalhavam para garantir a subsistência. No tocante ao casamento podemos perceber que os jovens das camadas mais simples matrimoniavam mais cedo. Já as famílias mais abastadas casavam-se tardiamente. Pois em geral o noivo servia o exército por certo tempo antes de casar, portanto:

A mulher passava a fazer parte da família do marido e seus laços e de seus filhos davam-se pelo lado paterno, em uma relação patrilinear, centrada sempre no lado dos antepassados dos homens. O casamento, para a elite, visava à transmissão da herança e, por isso mesmo, esperava-se que da união resultasse filhos, os herdeiros: a ausência de herdeiros podia levar ao pedido de divórcio (FUNARI, 2015, p. 46).

A sociedade romana não difere do conceito patriarcal das que já foram supracitadas.

As mulheres, por séculos, foram aviltadas, estigmatizadas e reprimidas. Especificamente na baixa idade média a “caça às bruxas” refere-se a “caça às mulheres”, e essas são caçadas por serem malignas. Um segundo nascedouro mítico se funda na misoginia clerical à figura feminina. Essa aversão foi vivenciada sem precedentes na história ocidental⁴⁵.

A vida cristã ascética atraía uma variedade enorme de adeptos. O objetivo comum era combater e vencer as tentações do mundo: a gula, a avareza e, principalmente, o impulso da carne, que era uma tentação sempre recorrente em suas vidas.

Apesar da autovigilância para controlar o desejo sexual e o próprio corpo, foram frequentes os casos de deslizos, abalando muitos mosteiros. Parte dos religiosos fazia coito com as jovens que encontravam nos desertos, justificando, quase sempre, que nem o avanço da idade nem o tempo já passado em continência alteravam o desejo (BARROS, 1995, p.91).

Esses celibatários com o passar dos séculos tornar-se-iam mestres na arte da inquirição⁴⁶, súditos imprescindíveis da Inquisição. E as mulheres continuavam sendo apresentadas como fator principal de perdição para o gênero masculino e paulatinamente o

⁴⁵ A tese de Doutorado de Ruston Lemos de Barros intitulada, *Carne, moral e pecado no século XVI: O ocidente e a repressão aos “deleites” da volúpia e aos “delitos” por cópula “ilícita”*. Onde é recuperando toda uma linguagem do “pecado”, preocupando-se em resgatar as experiências dos “deleites” e dos “delitos”. Procura demonstrar, enfaticamente a falência do discurso e da prática da Igreja Católica Apostólica Romana.

⁴⁶ “O termo Inquirir visa apurar a verdade, os Inquisidores chamavam à Mesa os réus para inquiri-los. Durante esses interrogatórios o preso era convencido a confessar, ou definia-se renitente em suas negativas. Tinham três oportunidades para falar. Os Regimentos inquisitoriais prescreviam três tipos de sessões: a primeira, de Genealogia, a segunda, de gênero, e a terceira, de espécie” (SIQUEIRA, 2015, p. 575).

estigma da magia⁴⁷, heresia⁴⁸ e superstição⁴⁹ se aglutina ao mito a ela imposta. Nas lentes de Klaus Hock, percebemos que:

Termos como “seita”, “magia”, “superstição” etc. não podem ser utilizados como termos científico-religiosos, por serem fortemente marcados por sua história de proveniência cristão-teológica, onde servem, como termos de combate apologista. No entanto, às vezes não é possível evitar que tais categorias encontrem acolhida também na terminologia científico-religiosa – por exemplo, “sincretismo” ou “conversão” (HOCK, 2010, p. 32).

Sabe-se que cristianismo é uma religião prosélita, cuja mensagem direciona-se a todo o mundo. Nela não há lugar para ancestrais de um clã, tribo ou povo inteiro. Mais do que isso, esses ancestrais representam potenciais obstáculos à missão (GRESCHAT, 2005, p. 123). É nesta perspectiva evangelizadora, onde o mito da figura da bruxa deveria ser combatido e sua voz abafada.

Por fim, o último nascedouro ligado à construção mítica da figura simbólica da bruxa achava-se associada aos cultos rurais de fertilidade. Essas cerimônias estavam ligadas a terra e propiciavam uma colheita abundante para os praticantes desses ritos cerimoniais que foram interpretados erroneamente, assim. As práticas mágicas remontam à aurora dos povos e estão presentes em todas as culturas de que se tem conhecimento, integrando o universo da religião (SOUZA, 1987, p. 11). As mulheres consideradas bruxas, não eram desconhecidas ou ficavam à margem da sociedade. Igualmente, morava em aldeias e todos as conheciam.

No tocante ao “sucesso da colheita”, pode ser observados que tais ritos foram demasiadamente deformados pelos inquisidores, por sua vez inseriram um sentido um tanto quanto diabólico, pois tais cerimônias na realidade estavam intrinsecamente ligadas aos cultos pré-cristãos da fertilidade⁵⁰ presentes desde os primórdios da Antiguidade, tendo sobrevivido na Europa até a Idade Moderna.

⁴⁷ “A magia aparece como uma arte ou pré-ciência – e em uma curiosa combinação aparece como uma arte pré-científica – primitiva, entremeada ou não com elementos de fundo religioso, destinada a provocar fenômeno extraordinário junto a uma ordem natural do cosmos. Ou ainda a arte de reduzir a serviço próprio, por meio de práticas ocultas – sob uma roupagem mais ou menos religiosa –, as forças da natureza, ou captar as influências do mundo invisível” (NOGUEIRA, 2004, p. 17-18).

⁴⁸ “Trata-se de interpretações errôneas dos dogmas e dos dados da Revelação, quer de tendências morais aberrantes ou ainda de cisões provocadas por personalidades fortes mas perdidas em seu orgulho” (GONZAGA, 1994, p. 92).

⁴⁹ Refere-se à crença em presságios e sinais.

⁵⁰ “No século VIII, um pequeno número de profetas quis levar o povo a adorar exclusivamente Jeová. Mas esse não foi um movimento popular. Como guerreiro, Jeová era insuperável, mas não tinha conhecimento especializado em agricultura, de modo que, quando queria uma boa colheita, era natural que o povo de Israel e Judá recorresse ao culto do deus local da fertilidade, Baal, e sua irmã-esposa Anat, praticando o rito sexual comum para tornar os campos férteis” (ARMSTRONG, 2007, p. 13-14).

Essa guerra desenfreada da “caça as bruxas”, nada mais era que uma guerra entre o mundo masculino dominante e o feminino que representava a fertilidade. Portanto, era o efetivo combate a toda manifestação de poder matriarcal⁵¹. Os religiosos detentores da única verdade sejam eles representados por monges franciscanos e ou dominicanos, os quais eram agentes inquisitoriais e protetores do saber sagrado, eram vistos como os verdadeiros cristãos e sábios da fé, e aqui fica evidente um dos papéis que deveriam exercer de modo eficiente que consistia na identificação dos casos inerentes a bruxaria e feitiçaria. A nomeação dos inquisidores era uma tarefa em tese do Pontífice, contudo aos poderia também ser escolhidos pelas autoridades provinciais locais. Vejamos:

A nomeação dos inquisidores na península Itálica, desde o estabelecimento dos tribunais da fé até o século XVI, era relativamente confusa. Com efeito, os inquisidores eram teoricamente nomeados pelo Papa, mas pouco a pouco se verifica uma delegação desses poderes de nomeação aos superiores provinciais ou locais das ordens mendicantes [...] São esses traços originais da Inquisição medieval que se mantêm depois da reforma da Inquisição romana em 1542, embora o Papa e a congregação dos cardeais comecem, pouco a pouco, a exercer o direito de nomeação dos inquisidores, suprimindo a delegação desse poder aos superiores das ordens, continuam a nomear religiosos dominicanos e franciscanos, respeitando em geral as zonas de partilha estabelecidas ao longo dos séculos entre as ordens (BETHENCOURT, 2000, p. 125).

Na baixa Idade Média, Alexandre IV condenou qualquer tipo de práticas mágicas. Em 1320, João XXII encarregou os inquisidores de Toulouse de intervir contra os bruxos.

Em 1436, o juiz Claude Tholosan declarou que os magos e bruxas não tinham a indulgência da Igreja e considerou suspeita até práticas populares aparentemente inócuas, como a colheita das plantas durante a festa de Santo Antônio. Em 1451, Nicolau V exortou os inquisidores a punir os adivinhos mesmo quando não houvesse uma condição evidente de heresia: a Inquisição podia, assim, atingir também a superstição popular. Por volta do final do século XV, o bispo de Paris determinou a excomunhão a qualquer um que lesse as mãos (MALUCELLI; TOMAT; FO, 2007, p. 148).

Gradativamente e de uma forma tênue os monges clericais utilizaram sua influência e autoridade advinda da Igreja Católica Apostólica Romana para construir uma nova mulher,

⁵¹ “Sócio-culturalmente, o matriarcado teria precedido o patriarcado, pelo menos no âmbito mediterrâneo. Nas sociedades pré-históricas a divindade principal é do sexo feminino. A relação entre concepção feminina de Deus e ordem social faz com que feministas radicais não admitam mais unir feminismo e cristianismo. Chamam de “revisionistas” as teólogas cristãs, pois consideram impossível que as figuras masculinas de Javé e Cristo possam simbolizar a libertação da mulher. É preciso voltar à deusa, pois “being female ist divine” (“ser fêmea é divino”)) (TABORDA, 1990, p. 326).

ressignificada como bruxa. E sobre a questão conceitual do termo bruxa e seus encantamentos diabólicos o Santo Isidoro propõe uma conceituação terminológica, vale assinalar que:

Primeiro, pela descrição das bruxas feita por Santo Isidoro em seu *Etymologiae*, c. 9: as bruxas são assim chamadas pela negrura de sua culpa, quer dizer, seus atos são mais malignos que os de quaisquer outros malfeitores. E o autor continua: elas incitam e confundem os elementos com a ajuda do demônio, causando terríveis temporais de granizo e outras tempestades. E mais: enfeitiçam a mente dos homens, levando-os à loucura, ao ódio insano e à lascívia desregrada. E, prossegue o autor, pela força terrível de suas palavras mágicas, como um golpe de veneno, conseguem destruir a vida (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 74).

Existem, com efeito, feitiços, malefícios e encantamentos diabólicos, que não só fazem adoecer os homens como também os matam. Precisamos, ademais, nos empenhar em compreender claramente o que de fato acontece quando, hoje em dia, pelos poderes do Diabo, os magos e as bruxas são transformados em lobos e em outros animais selvagens (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 65).

O Pontífice Inocêncio VIII faz um endosso do ato persecutório no ano de 1484 na bula papal *Summis desiderantes affectibus*, em outras palavras, buscava por fim às práticas de feitiçaria ou bruxaria espalhadas por todo o território católico, sejam eles advindos pelas mulheres ou homens que foram acusados de tais práticas proibidas. Vejamos:

A bula papal *Summis desiderantes affectibus*, promulgada por Inocêncio VIII, em 5 de dezembro de 1484, marcou a data de início daquilo que se tornou um verdadeiro extermínio em massa de mulheres e homens acusados de bruxaria. Nesse documento, o papa, alarmado pelas notícias provenientes do norte da Alemanha, onde parecia que os cultos satânicos e a bruxaria tinham muito adeptos, dava aos inquisidores plenos poderes para extirpar o fenômeno. Dois anos depois, foi o poder leigo que interveio. O imperador Maximiliano da Áustria emanou uma ordem na qual convidava todos os bons católicos a ajudar os inquisidores em sua obra (MALUCELLI; TOMAT; FO, 2007, p. 149).

A figura feminina foi então demonizada pelos Inquisidores, de maneira tal que alguns, como os dominicanos Sprenger e Kramer, chegaram a afirmar que eram possuidoras de poderes mágicos⁵², como por exemplo: enfeitiçar e matar rebanhos e homens com o olhar. Daí a expressão que chega até nossos tempos: o chamado mau-olhado; promover a saúde ou a doença com sua influência mental; produzir a escassez de alimentos, seca, tempestades e

⁵² “As bruxas, não pelo exercício de seus poderes naturais, mas tão somente pelo intermédio do Diabo, é que são capazes de executar efeitos maléficos. E os próprios Demônios só os podem infligir por meio de objetos materiais, em forma de instrumentos – ossos, cabelos, madeira, ferro e toda sorte de objetos” (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 82).

múltiplos outros efeitos naturais; fazer adivinhações, já que invocavam o demônio de maneira expressa; poder revelar o futuro; exercer a prática da necromancia⁵³, a astromancia⁵⁴ e a oniromancia⁵⁵; poder viajar pelo ar, no corpo ou na imaginação; assumir a forma de gatos, ratos ou outro animal, pois diziam que elas eram metamorfos.

Para os inquisidores, as bruxas fizeram não só um pacto com o próprio Satanás⁵⁶, mas renunciaram da maneira mais profana a fé católica, dedicando o corpo e a alma a todos os males e por fim, oferecer crianças em sacrifícios à Satanás. Era difundido também que se dedicavam a luxúria carnal com íncubos e súcubos que respectivamente são entidades demoníacas desencarnadas masculinas e femininas.

De modo semelhante, São Isidoro, no último capítulo de seu oitavo livro, afirma: “Os sátiros são chamados de Pã pelos gregos e de íncubos pelos latinos”. E são chamados de íncubos por se deitarem sobre algo – a entregarem-se a orgias. Pois, não raro, anseiam lubrificamente pelas mulheres e com elas copulam; e os gauleses chamam-nos de dúsios, por serem diligentes nessas bestialidades. O Demônio, porém, que a gente comum chama de íncubos, denominavam-no os romanos de fauno das figueiras, caminha suavemente pelas minhas terras e pelos meus campos ensolarados (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 90-91).

O livro *Os andarilhos do bem* (2010), de Carlo Ginzburg, procura reconstruir uma religiosidade pré-cristãos entre o final do século XVI e a primeira metade do século XVII, que eram práticas de um culto celebrativo à fertilidade. Ginzburg traz várias confissões inquisitórias das quais muitas delas culminaram em morte.

Uma mulher condenada à fogueira em 1571 pelo podestá (era magistrado, autoridade responsável pela polícia e pela justiça nas cidades italianas) e pelo Conselho dos Anciões de Lucca, Margheritadi San Rocco, declara: “*fui ao sabbat, mas não pessoalmente, e sim em espírito, deixando o corpo em casa*”. E uma de suas companheiras (que tem o mesmo destino), Polissenadi San Macario: “tendo sido persuadida por uma das minhas tias, Lena da Pescaglia, a ir às assembleias de feiticeiras, um ano após a sua morte comecei a agir assim: quando era chamada e ela me dizia “vamos” (voz que

⁵³ Termo utilizado para denotar a capacidade humana em prever o futuro através do contato com os espíritos dos mortos.

⁵⁴ Expressão utilizada para designar a previsão do futuro por meio da observação dos astros (corpos celestes, estrelas e planetas).

⁵⁵ Palavra que se relaciona a capacidade do homem em prever o futuro por meio da interpretação dos sonhos.

⁵⁶ “Até aqui firmamos nossas opiniões absolutamente sem preconceitos e abstenho-nos de juízos apressados ou irrefletidos, sem nos afastarmos dos ensinamentos e dos escritos dos santos. Concluimos, portanto, que esta é a verdade católica: para realizar perversidades, tema de nossa discussão, as bruxas e o Diabo trabalham em conjunto e, dentro do que nos é dado conhecer, nada é feito por um sem o auxílio do outro” (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 80).

só podia ser ouvida por mim), eu me besuntava com o unguento que me fora dado (GINZBURG, 2010. p. 39-40).

Ao iniciar a audiência, a ré e suposta feiticeira era convidada a confessar e abjurar o demônio, caso não o fizesse, era torturada. Muitas dessas declarações apresentadas foram obtidas mediante torturas privadas, e quem estava responsável neste processo eram hábeis algozes que se deleitavam de uma forma insana a “arte da tortura”. Provocavam assim puro pânico que se espalhava rapidamente entres as pessoas. Não custava muito tempo para que ao olhar fixo de experimentados monges dominicanos presentes a todo o processo pudessem ouvir a “verdadeira” confissão, como por exemplo:

No mesmo ano de 1582, frei Felice da Montefalco indaga a respeito de uma mulher de Cividale, Caterina, chamada “a Vesga”, viúva de um certo Andrea da Orsaria, acusada de praticar “nonnullas maléficas artes” (algumas artes maléficas). Interrogada a 14 de setembro, ela declara que a sua ocupação é “costurar e tecer”, mas sabe curar as moléstias das crianças, pronunciando algumas palavras, que não considera supersticiosa. Então frei Felice lhe pergunta inesperadamente se ela é uma benandante. Catarina nega: “Eu não, senhor; eu não sou benandante. Mas o meu marido era, ele andava em procissão com os mortos” (GINZBURG, 2010. p. 63-64).

Não obstante homens e personalidades de alta posição social também foram condenados à fogueira, mas isso não impedia que a grande maioria das suas vítimas fosse composta de mulheres pobres, muitas vezes à margem da sociedade. As parteiras não tinham um destino diferente, já que tinham experiência em fazer o parto de outras gestantes. Acreditava-se que se as crianças morressem durante o processo do parto é porque tinham sido sacrificadas aos demônios e se nascessem deformadas, aleijadas ou com qualquer problema de saúde era também atribuída à bruxaria da parteira.

Era comum encontrar nas aldeias mulheres sábias que desempenhavam um papel singular no seio da sociedade, pois cabia a elas atuar como profissionais da saúde sejam por meio do conhecimento obtidos pela tradição oral ou empiricamente.

A referência frequente a todos eles, na atual literatura sobre feitiçaria, como ‘parteiras’ é enganosa e muito limitada. Só no que diz respeito às suas funções de cura, as mulheres, além de atuarem como ginecologistas praticavam também como barbeiras (principalmente com sangrias), cirurgiãs (principalmente, colocando osso no lugar), médicas (diagnosticadoras) e farmacêuticas (herboristas). Quando acrescentamos a esses papéis médicos aqueles de adivinhas, necromantes, rogadoras de pragas e praticantes de contra magia, vemos as possibilidades dinâmicas de uma mulher sábia: num mundo onde nem o curandeirismo nem a terapia eram profissionalizados no nosso sentido da palavra. Curandeira, especialista em todos os assuntos

relacionados ao sexo, e profetiza, ela podia ser chamada de ‘profissional da magia’, porque a base do seu poder em todas as áreas era ‘percebida como sendo o poder da magia’ (BARSTOW, 1995, p. 135).

A acusação era equivalente à culpa, ou seja, o processo por bruxaria aconteceria paralelamente ao de heresia e poderia ser feito por mera suspeita. Também existiam delações anônimas que eram aceitas como válidas e verdadeiras. Ao serem entregues à justiça, os acusados de feitiçaria deveriam aguentar e sustentar um logo combate, do qual raramente saíam vitoriosos. Os interrogatórios, as confrontações com os testemunhos, constituem uma prova terrível, uma vez que os juízes conhecem bem esses problemas e podem inquirir os réus sobre feitiços e malefícios, sabbats e orgias, confiantes em suas experiências e leituras oriundas dos escritos de Sprenger (MANDROU, 1979, p. 82). Há relatos sobre casos nos quais eram colocadas urnas nas Igrejas para que se pudesse facilitar a delação.

A concepção de que a mulher possuía uma natureza inclinada para o mal e a luxúria, acrescentava-se e sai à ligação com a magia e práticas curandeiras ou de parto. Tal envolvimento nos “mistérios” do saber popular provocou a representação de sua diabolização. Na verdade, as crenças e as atitudes medievais não são muito claras, quanto à distinção na magia, entre bruxa e feiticeira. Para o povo, confundiam-se os conceitos: ambas voavam após o uso de um unguento mágico e prestavam culto ao “príncipe das trevas”. Mas, segundo um dito popular “... a bruxa nasce à feiticeira faz-se”. Prova disso é que Chiara Signorini, de Módena, admitiu, em 1519, poder tirar ou lançar malefícios sobre as pessoas porque se tornou feiticeira ao receber certos poderes de Deus. Já encarcerada, afirmou que tanto falou com Nossa Senhora como lembrou ter cisto o Diabo, uma vez, em forma de um jovem adolescente (BARROS, 1995, p. 230).

Já no século XVI, constata-se algumas delas que atuavam nas suas comunidades trazendo alívio ou curando outras pessoas, por meio de encantos mágicos ou porções distintas, partos bem-sucedidos, bênçãos especiais, e manipulação de plantas milagrosas. Práticas nas quais afastavam o mal das pessoas. Tais mulheres compunham uma voz que ecoava centenas de anos de tradição não cristã, no entanto versadas nos saberes mais antigos, herdados muitas vezes pelo caráter de hereditariedade, aprendidos quase sempre através dos relatos orais. Saberes que segundo as palavras de Julio Caro Baroja (1978, p. 50-51):

Por outras palavras, a ciência mágica supõe uma transmissão de geração em geração, e não insistirei aspecto tradicional, já estudados por antropólogos de génio. As alusões mitológicas, os socorros pedidos aos deuses vêm do fato de se considerar a fórmula mágica com a herança de épocas em que o homem estava muito perto dos deuses. E, na realidade, os arquétipos das mágicas clássicas vivem na idade dos heróis e dos semi-deuses, eles próprios

filhos dos deuses ou sendo-lhes aparentados. Aí está a razão pela qual a magia maléfica se desenvolveu particularmente a Tessália, por exemplo, de que Apuleio dirá mais tarde que as suas magas tinham poder sobre a Natureza.

Então, as mulheres, tornar-se-iam referências enquanto agentes da magia, sobretudo, magia utilizada em favor da medicina. Seu conhecimento, obtido por uma oralidade advinda de gerações que se ampliaram através do empirismo aplicado às suas práticas. A aplicação de remédios com a utilização de ervas, raízes, folhas e flores é um costume que foi preservado até os dias atuais, com mais ou menos fidelidade ao receituário original. Assim podemos assinalar acerca delas e das suas práticas o que diz Barstow (1995, p. 133): “O trabalho de uma curandeira de aldeia e de sua correspondente urbana cobria o que podemos chamar de magia, bem como de medicina”.

Adiante observaremos através das lentes de Ginzburg (2012), que estas mulheres ligadas ao universo fantástico dominavam e manipulavam as forças mágicas, seriam, posteriormente, vistas, também, como bruxas, e em alguns momentos como curandeiras, que segundo o autor, em sua pesquisa em Friul assinala que:

As bruxas podem ser encontradas pelo mundo todo; elas fazem feitiços e comem crianças. [...] Circulam por toda parte e vão a todas as casas, conforme o seu desejo, sem serem vistas por ninguém; fazem encantamentos com os quais consomem as criaturas pouco a pouco, até fazê-las morrer. [...] São muitas as bruxas do Friul, são mais de cem, mas eu não posso citá-las nominalmente porque não sei os nomes delas. É verdade que eu as vejo todas as quintas-feiras à noite na congregação das bruxas [...] à qual vou também com os outros homens que são benandanti como eu; nós vamos ao prado circular dos pântanos de Malizana, onde, juntamente com as bruxas e os feiticeiros, encontra-se o demônio sob a forma de um asno, ou melhor, de um burro com chifres, mas sem as cruzes sobre as espáduas que os asnos têm. Durante a congregação, dança-se e come-se, ou melhor, tem-se a impressão de dançar e de comer, as bruxas reunidas em assembléia vão todas [...] beijar o cu do diabo e, a seguir, o diabo lhes dá poder para fazer o mal, isto é, fazer encantamentos, fazer definhar as pessoas e provocar tempestades (GINZBURG, 2012, p.133).

Ressalta-se que tanto a curandeira quanto a benzedeira estavam ligadas a uma tradição oral pré-cristã, tradição essa que trazia alívio aos que padeciam de diferentes enfermidades. Assim, a cultura que emoldura a tarefa da benzeção e as práticas de cura carrega em si traços de poder explicados pela intervenção do sobrenatural. Desta maneira, vale lembrar que no cotidiano da população das áreas de difícil acesso, seja por meios materiais seja por questões geográficas que lhe colocava fora do alcance médico tradicional, será maior e mais

abrangente o papel delas – as curandeiras e benzedadeiras. Daí o fato dessa realidade, se apresentar com dois elementos que apontam na direção contrária a elas [as benzedadeiras e as curandeiras], a medicina tradicional e os conflitos religiosos. Entretanto, é construída dentro da Igreja Cristã uma intolerância àqueles que eram agentes do bem, segundo Ginzburg (2010, p. 63-64):

Frei Felice da Montefalco indaga a respeito de uma mulher de Cividale, Caterina, chamada “a Vesga”, viúva de um certo Andrea da Orsaria, acusada de praticar “non nullas maléficas artes” (algumas artes maléficas). Interrogada a 14 de setembro, ela declara que a sua ocupação é “costurar e tecer”, mas sabe curar as moléstias das crianças, pronunciando algumas palavras, que não considera supersticiosas.

Incontestavelmente é percebido que durante o passar das gerações tais ritos praticados por essas atrizes da benevolência perpassam de um estigma à aceitação, e não obstante o fato dessa benzedeira acessar de fato as comunidades mais distantes e mais empobrecidas, nas quais os profissionais da medicina não conseguiam tocar, também centenas de milhares de mulheres tiveram seus filhos vindos ao mundo pelas suas mãos, as mãos das mulheres praticantes de benzeções e curandeirismos. O uso da tortura⁵⁷ era recomendado a todos os Inquisidores e juízes seculares⁵⁸ que queriam confissão em apoio à acusação feita de bruxaria.

A resistência ao sofrimento físico tinha sua fonte numa marca de insensibilidade, que não vertia sangue, o punctum diabolicum⁵⁹, que era preciso descobrir, picando com uma agulha o corpo da acusada⁶⁰. Com o mesmo objetivo, podia haver outras marcas e amuletos que as bruxas dissimulavam em suas vestes ou em alguma parte do corpo. Como a apuração disso, representaria uma nova prova que os juízes deveriam procurá-la com cuidado. Recomendam então Kramer e Sprenger que eles comecem seus trabalhos designando peritos, médicos ou cirurgiões-barbeiros, para despirem a ré e lhe raspem todos os cabelos e pelos do inteiro corpo. A razão, explicam, é que as bruxas, “para conservarem o poder do silêncio, têm o hábito de esconder objetos supersticiosos nas roupas e nos

⁵⁷ “Por que algumas bruxas não confessam a verdade mesmo sob as maiores torturas, enquanto outras prontamente confessam seus crimes tão logo são interrogadas? (Algumas, após terem confessado, chegam a tentar enforcar-se). A razão é a seguinte. Pode-se dizer, verdadeiramente, que quando não é por algum impulso divino – conduzido por um santo anjo – que a bruxa confessa a verdade e abandona o período de silêncio, há de ser, então, por causa do Diabo que ela ou vai se manter em silêncio ou vai confessar seus crimes. Ficarão em silêncio quando ele sabe que negaram a fé com seus lábios e com seu coração, e que também lhe prestaram sua homenagem; pois ele tem certeza de sua fidelidade. No último caso, ele retira a sua proteção, já que sabe que elas não lhe trarão mais nenhum lucro” (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 228).

⁵⁸ “Eram juízes civis que exerciam poder e autoridade a todos aos acusados que foram relaxados ao braço secular e condenados à morte” (HERCULANO, 2009, p. 509).

⁵⁹ “Era um procedimento realizado no corpo da acusada, que consistia em espetar o seu corpo com uma agulha que era uma evidência pioneira e necessária para legitimar e comprovar a existência e a etiologia do mal” (BATISTA, 2011, p. 18).

⁶⁰ Vide anexo p. 86.

cabelos, até mesmo nas partes mais secretas do corpo, cujo nome não nos atrevemos mencionar” (GONZAGA, 1994, p. 168-169).

Quem nascia de gênero feminino na Idade Média já era uma grande desvantagem no tocante a suspeita de bruxaria e isso nivelava as mulheres independentemente de suas poses. O primeiro registro de um sabbat⁶¹ é de 1330-1340, em um processo da Inquisição de Carcassonne e de Tolosa. Desde então, passaria a frequentar a imaginação aterrorizada de eclesiásticos e leigos, homens cultos e camponeses analfabetos, fundindo os mitos mais diversos da cultura ocidental (SOUZA, 1987, p. 21). Acerca dos aspectos das cerimoniais secretos das bruxas:

Além da missa negra que se realizava nos dias santos, com a imagem de satã sobre o altar, famoso foi o “sabá”, assembleia que, na meia-noite dos sábados, reunia bruxos e bruxas, sob a presidência do diabo com a forma de um bode. Começava a festança quando todos deviam beijar o traseiro desse animal. Seguiam-se comidas e bebidas fartas, em meio a imensa orgias e depravações sexuais, inclusive com os demônios presentes, e era voz corrente que também se procedia ao sacrifício ritual de crianças. Havia firme convicção de que os demônios podiam manter relações carnavais com seres humanos; tanto demônios masculinos (íncubos) com mulheres, como demônios masculinos (súcubos) com homens. Às vezes isso ocorreria quando a vítima, dormindo, se achava desprevenida. Muita angústia deveria causar, na crédula alma popular, a perspectiva de que essas uniões pudessem gerar frutos, meio humanos, meio satânicos (GONZAGA, 1994, p. 163).

Para ir ao *sabbat*, as bruxas besuntavam seus corpos com unguentos especiais oferecidos pelo Demônio ou era por elas confeccionada, segundo receitas diabólicas, expressamente arranjada para essa finalidade. Para Laura de Melo e Souza (1987) as bodas místicas e casamento diabólico, flagelação sexual e êxtase místico eram duas faces de uma mesma moeda. Esta complementariedade se mostrou de forma acabada, exemplar, nos casos de possessão coletiva que sacudiram os conventos franceses na primeira metade de século XVII. O momento era conturbado: guerras religiosas fratricidas ensanguentavam o solo da França, sucediam-se os levantes populares contra a cobrança de impostos.

Mandrou detectou [...] nesses três episódios⁶², o que chamou de “elementos do escândalo”, comuns a todos: o meio urbano, as freiras originárias de

⁶¹ “O sabbat era uma grande assembleia demoníaca realizada numa clareira e frequentada por homens e mulheres das mais diversas condições sociais. Presidia-o Demônio ou então um dos demônios auxiliares, que sempre se achavam presentes em número considerável a forma, demoníaca variada: ora humana, ora animal, como um grande bode negro, o mais comum, entretanto, é que congregasse elementos humanos e zoomórficos, somando-se num todo disparatado e desarmonioso, próprio daquele que era o Macaco de Deus” (SOUZA, 1987, p. 21).

⁶² “Três desses episódios merecem destaque especial, dadas às dimensões que alcançaram. Robert Mandrou, o historiador que melhor os estudou, chamou-os de “processos escandalosos” e os viu como “três fases sucessivas

famílias burguesas ou de pequena nobreza, a presença de uma padre feiticeiro, os conventos à mercê dos demônios, a exploração de rivalidades entre diferentes clérigos, a ocorrência de exorcismos públicos, que funcionavam como elementos reiteradores da fé e da religião católica, aparentando-se das fogueiras, dos enforcamentos, dos Autos de Fé e, como eles, expressando a exacerbada sensibilidade barroca (SOUZA, 1987, p. 248).

Tradicionalmente, a bruxa, era vista ainda com aparência de uma mulher idosa, esquelética e solitária. Inspirando maldade que estava a serviço da maldade.

A precariedade da vida na época, a miséria, a incidência de doenças provocaram grande mortalidade infantil. Tanto no meio rural quando no urbano a bruxa funcionou como espécie de bode expiatório, como aliviador de tensões geradas por esta conjuntura cruel. Um bebê nascera são, roliço, corado e, repentinamente, abandonara o peito materno, recusando alimento, definhando? Uma bruxa o chupara, matando-o, como fazia com as colheitas, a bruxa tinha especial inclinação em destruir o fruto das uniões entre os homens. No sul da França, acreditava-se que enforcava ou sufocava recém-nascidos em seus berços (SOUZA, 1987, p.18).

Percebe-se que esse ambiente de intolerância foi sendo delineados sentimentos de medo e com isso construído e amalgamado uma teia dogmática extremista à mulher. Ao debruçarmos sobre os inquéritos e interrogatórios entre o final do século XVI e a primeira metade do XVII, das supostas confissões dos acusados de “artes mágicas” que foram obtidos por fruto da tortura e interrogatórios sugestivos, observou que muitos destes “rituais” estavam ligados à fertilidade da raça humana como também o da terra. É certo que essa guerra desenfreada a “caça às bruxas”, era também uma guerra e violência⁶³ de gênero: masculino X

de um mesmo escândalo”, que envolveu freiras e diretores de consciência, ou seja, os seus confessores. O primeiro deles teve lugar em Aix-em-Provence, em 1611, e envolveu a ursulina Madeleine Demandols e o confessor Gaufridy, que acabou sendo queimado como bruxo. O segundo, ocorrido em Loudun, entre 1632 e 1634, foi o mais célebre, inspirando romances e filmes – *Os demônios da loucura*, de Huxley, *Madre Joana dos Anjos*, de Jerzy Kawalerowicz, *Os demônios*, de Ken Russell. Os principais protagonistas desse episódio foram a superiora de um pequeno convento de ursulinas, Joana dos Anjos, e o cônego do lugar, muito apreciado como pregador, Urbain Grandier. Por fim, o terceiro se desenrolou durante anos, entre 1633 e 1647, num convento de hospitalárias normandas, em Louviers, e teve como atores Madeleine Barent e dois eclesiásticos, Picard e Boulé. Este último e Grandier tiveram sorte a igual à de Gaufridy; Picard já se achava morto por ocasião do processo, mas, mesmo assim, seu cadáver foi queimado. Além das freiras citadas, muitas outras se disseram possuídas pelo Diabo e sofreram exorcismos públicos assistidos por multidões” (SOUZA, 1987, p. 23-24).

⁶³ “A violência pode ser percebida pela identificação do sujeito violento e do sujeito-objeto violentado, bem como corpo mutilado, o sangue derramado, a morte, a destruição do ser, a dor e o sofrimento. Pode, envolver também, ações e sujeitos invisíveis. Gênero é como “elemento constitutivo das relações sociais e históricas fundadas sobre diferenças percebidas entre os dois sexos, mas que não são consequência direta nem da biologia, nem da filosofia e que explicam persistentes desigualdades de todos os tipos entre mulheres e homens”, segundo Grossi e Werba” (UNSIR, 2009, p. 20-21).

feminino, então era o combate às últimas formas do matriarcado⁶⁴, certo é que para Cavalcanti:

Quando a fé tem inspiração mística, mas o clero alega ser a intermediação divina, torna-se difícil impor hierarquias mundanas rígidas em um cotidiano que pode tornar-se pouco disciplináveis. Um exemplo destes saltos desmistificadores está na própria descrença inquisitorial em bruxas no último século e meio da Inquisição. A bruxa é uma inversão do culto mariano: é a Virgem Maria às avessas! De forma semelhante, o *sabbat* é a Missa invertida (CAVALCANTI, 2015. p. 155).

Através da revisão bibliográfica dos teóricos já aqui assinalados, e levantamentos de documentos que dizem respeito ao contexto da perseguição e intolerância dessas mulheres, bruxas e curandeiras, cuidando da observância dentro da temática os motivos pelos quais as mulheres se transfiguram em bruxas ressignificando novos valores e símbolos, que por sua vez são inseridos no imaginário coletivo Medieval e Moderno, dessa figura enigmática.

Tais mulheres que eram classificadas como bruxas, feiticeiras, parteiras e ou curandeiras são estigmatizadas por uma mentalidade que rejeitava não apenas o discurso da sabedoria oral pré-cristã, mas em toda a sua plenitude do gênero feminino. Ocorria esta indizível retaliação pelo simples fato de agirem e atuarem em suas comunidades como agentes de cura. Mesmo com a referência de uma utilização dos valores “mágicos”, os ditos agentes da verdade continuavam e insistiam no combate tenaz as curandeiras. Saber a causa desses males, não era o motivo pelo qual eram movidas, mas sim prover os meios que os livrariam desse mal.

Não obstante, no Brasil setecentista, serviu também como palco para a exibição da figura mítica da bruxa que foi aderindo ao imaginário coletivo local. Reiteramos que o “novo mundo”, fruto do empreendimento das Grandes Navegações, propuseram e fortaleceram aos nativos a catequização oriunda das vozes missionárias e evangelizadoras da Companhia de Jesus.

⁶⁴ “Matriarcado é originalmente um conceito mais político-jurídico que designa certas formas de organização social determinadas não pela linha do pai, mas da mãe (matrilinearidade de herança e sucessão, atribuição do nome conforme a mãe, matrilocidade do matrimônio etc.)” (SCHOTTROFF; SCHOROER; WACKER, 2008, p. 50).

3.2 A figura mítica da bruxa no imaginário coletivo

Em 1551, A jurisdição do Tribunal de Lisboa é estendida às ilhas atlânticas Portuguesas (Açores e Madeira), a Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné e São Tomé (GREEN, 2011). Nas terras brasileiras o Tribunal do Santo Ofício nunca foi instaurado, todavia houve algumas visitas⁶⁵ do Santo Ofício que tiveram como objetivo averiguar algum tipo de acusação. Estes estiveram nas capitanias mais prósperas da época. Grão-Pará, Pernambuco e Bahia⁶⁶. A colônia portuguesa na América era um mundo inusitado, desde suas primeiras expedições de reconhecimento era envolta a mistérios onde o perigo estava presente a espreita entre os rios, riachos, pantanais, florestas e montanhas. Para o Português o clima causava estranheza. Tão ignoto quanto a terra e o clima, surgiu um novo homem, o índio, portador de uma cultura totalmente singular. Não demoraria a religião oficial e catequética identificasse o misticismo religioso embrenhado nas costas do nordeste brasileiro.

Relacionavam-se interinfluenciavam-se mitos e religiões. Através da mitologia indígena transparece com nitidez que possuíam os selvícolas a consciência de terem sidos criados, da existência do Bem e do Mal antagonizando-se dos bons e dos maus espíritos que coabitavam com os homens protegendo-os ou atormentando-os conforme conseguissem ou não estes concitá-los para o bem. Por isso, aceitavam temores à mediação dos

⁶⁵ “Da tradição medieval, tanto no plano da jurisdição eclesiástica dos prelados quanto no plano da jurisdição régia, provinha à prática, associada em certo momento à ideia de correição jurídica e administrativa, de uma justiça ambulante. Se não vinham os povos buscar seus juízes, devia estes sair ao encontro deles, para acudir ao bem de cada súdito. A progressiva centralização do poder da cúria régia, transferindo a justiça maior para a corte dos reis, em lugar das justiças senhoriais dos castelos vizinhos, aumentava a distancia entre os juízes e os que precisavam deles. Comunicações difíceis, transportes impraticáveis para os pobres sem meios, caminhos inseguros, pressões dos poderosos, obstavam os deslocamentos. Para coibir abusos, distribuindo justiça, e resolvendo questões de vária ordem, viajavam os próprios reis ou delegados seus pelo país a fora, muitas vezes desafiando as jurisdições senhoriais. Da mesma forma procediam aos mais altos dignitários da Igreja, a proteger suas ovelhas distantes, a proceder contra pastores prepotentes ou negligentes [...] A prática das visitas foi, no século XVI, adotada pela Companhia de Jesus, que enviava às províncias distantes seus visitantes – um dos quais foi Fernão Cardim, ao Brasil, de cuja viagem resultou informações tão preciosas sobre os primeiros tempos da vida colonial” (SIQUEIRA, 2016, p. 157).

⁶⁶ “Em 1591 e em 1618, Visitadores do Santo Ofício percorreram as terras da Bahia e de Pernambuco. Dois momentos da mesma conjuntura política e espiritual da Metrópole diferenciada apenas por nuances [...] Os fatos conhecidos atestam a presença dos Inquisidores em fim do século XVI e início do XVII. O que teria precipitado sua vinda? Informações dos agentes do Tribunal aqui radicados, contendo denúncias tão graves que exigiram investigações de autoridades vinda especialmente para isso? Improvável. Os homens que detinham o poder no mundo colonial eram bastante ciosos de suas prerrogativas e preeminências – e, porque não dizer, de suas liberdades – para se agradarem de ver estabelecida autoridade superior e gerir negócios de sua alçada e competência. De mais a mais, outras vezes em que o Tribunal de Lisboa sentiu necessidade de inquirir especificamente em certos casos, ordenou aos seus agentes, ou determinados eclesiásticos radicados no Brasil, que procedessem em seu nome. A comissão passada aos padres do Colégio Jesuíta na Bahia em 1645 é um dos exemplos. De outro lado, a impressão de benignidade que resulta da análise dos procedimentos dos Visitadores afasta a suspeita de necessidade de um rigor mais escrito” (SIQUEIRA, 2016, p. 158).

pajés, que por terem relações com os espíritos podiam pô-los ao próprio serviço (SIQUEIRA, 2016, p. 46).

Com o processo de catequese advindo pela Companhia de Jesus, nota-se que os índios continuavam com suas práticas religiosas e culturais que paulatinamente foi sendo sincretizada à religião cristã⁶⁷. Cabia aos evangelizadores da nova fé combater alguns modelos de arranjos familiares que os indígenas faziam como é o caso da poligamia e em algumas tribos. Era comum o ritual ou prática da antropofagia pelos tupinambás.

Em Piratininga, da Capitania de São Vicente, Caiubi, velho de muitos anos, deixou uma [mulher] de sua nação, também muito velha, da qual tinha um filho homem muito principal, e muitas filhas casadas, segundo seu modo, com índios principais de toda a aldeia de Jeribatiba [...], e sem embargo disso casou com outra [...], sua escrava tomada em guerra, a qual tinha por mulher, e dela tinha quatro filhos, e esta trazia consigo, e com ela estava e conversava, e depois recebeu in lege gratiae, sem a primeira mulher nem os filhos e genros fazerem por isso sentimento algum (ANCHIETA, 1988, p. 354).

A doutrinação era aceita epidermicamente tanto pelos indígenas como também pelos negros⁶⁸ africanos, haja vista sua espiritualidade e ritualística eram praticadas em sigilo. No Brasil colônia percebia-se uma variedade de religiosidades que se complementavam e

⁶⁷ “Ainda no primeiro século de vida, a colônia veria proliferar em seu solo as Santidades sincréticas, misturas de práticas indígenas e católicas. A mais famosa delas foi relatada pela Primeira Visitação do Santo Offício ao Brasil: a de Fernão Cabral de Tapide, senhor do engenho Jaguaripe. Este senhor permitia em suas terras um culto sincrético realizado por índios em que se destacavam uma índia a que chamavam Santa Maria e um índio que ora aparece como “Santinho”, ora como “Filho de Santa Maria”. Os devotos tinham um templo com ídolos, que reverenciavam. Alguns depoentes aludem a um papa que vivia no sertão, que “dizia que ficara do dilúvio de Noé e escapara metido no olho de uma palmeira”. Os adeptos da Santidade diziam “que vinham emendar a lei dos cristãos”, e, ao fazer sua cerimônia “davam gritos e alaridos que soavam muito longe” “arremedando e contrafazendo os usos e cerimônias que se costumavam fazer nas igrejas dos cristãos, mas tudo contrafeito a seu modo gentílico e despropositado”. “Santa Maria”, ou “Mãe de Deus”, batizava neófitos, tendo nisso a permissão de Fernão Cabral e de sua mulher, Dona Margarida” (SOUZA, 1986, p. 94-95).

⁶⁸ “Através das pesquisas se sabe que os primeiros negros a chegar ao Brasil foram os Congos, trazendo consigo suas tradições, mitos e cultura, que viriam no futuro alterar a influência cultural colonialista. Com o decorrer dos anos, houve a penetração dos portugueses na África Ocidental, melhor dizendo, na Costa do Ouro (ELMINA), Dahomey, Ouidah e outros mais, grupos estes que começaram a se associar sob pressão dos brancos, sendo trazidas para o Brasil [...] A origem da confusão de deuses e nomes e até mesmo a mistura de dialeto, deu-se a partir daí. Pois o que se sabe pelos antigos, é que quando esses negros estavam sob o poder dos “brancos”, como se intitulavam os senhores, eram colocados nos navios negreiros africanos de várias procedências e dialetos diferentes, de modo que não pudessem se comunicar uns com os outros e não fugissem, pois se fossem de um só grupo, poderiam facilitar a fuga e até mesmo armadilhas para liquidar com seus mercadores. Contudo, essa coisa foi tão absurda que os índios, judeus e africanos eram obrigados a adotar novos nomes, submetidos ao batismo católico. Essa formalidade acabou gerando uma união entre africanos, índios e brancos, os africanos não podendo se manter totalmente fiéis às suas origens. Alguns, por falta de sacerdotes da mesma tribo, submeteram-se à cultura de outros, e tal era a repressão, que os negros praticavam seus rituais de forma que não despertasse em seus senhores a menor suspeita” (FERREIRA, 1990, p. 29-30).

confluíam entre si. O paganismo não foi combatido, e sim, superado pelo sincretismo religioso e a aceitação de costumes que estavam preñes a moral.

A defesa moral é mais fácil para o herdeiro espiritual dos missionários. De Pauw imputa quatro vícios aos indígenas: gula, embriaguez, ingratidão e pederastia. Clavigero nega o primeiro e o terceiro; reconhece o segundo, porém diz que difundiu com a vinda dos espanhóis; e se escandaliza com a quarta acusação como sendo uma calúnia infame, quando aquele vício é tão comum na Ásia e Europa. Admite, no entanto, que nas relações familiares “o amor que os maridos consagram a suas mulheres é menor que aquele que as mulheres dedicam aos seus maridos”. Mas, sublinha este jesuíta singular: “É comum, se não generalizado nos homens, serem menos dedicados a suas mulheres que às dos outros” (GERBI, 1996, p. 166).

O objetivo da Igreja Tridentina no Brasil era montar uma unidade de fé cristã sólida. Promover a evangelização do novo mundo e consolidar a dogmática católica. Posteriormente, percebem-se algumas vicissitudes que influenciou as visitas inquisitoriais ao Brasil. A Inquisição nas terras brasileiras exerceu uma tônica diferenciada das que já tinham ocorrido na Europa, pois a colônia possuía uma dinâmica peculiar. Nisto a atuação do Santo Ofício atuou com certa brandura, mesmo porque era extremamente difícil para o Visitador⁶⁹ julgar a maldade intencional ou deslizes dos habitantes na colônia possuindo a mentalidade europeia.

Aceito o sincretismo – consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntariamente – dispunham-se os espíritos para a tolerância. Os brancos tinham se adaptado às novas necessidades. No mundo brasileiro a Inquisição estava desarmada. Pior ainda: foi incapaz de obturar as frinchas que as manifestações sincréticas escavavam no edifício da ortodoxia. Nele o hibridismo espiritual do Brasil tornara impossível a unidade das consciências em termos idênticos aos europeus. Esse hibridismo de crenças era tão fatal quanto o de raças. A mestiçagem era a resposta do grande desafio que as terras brasileiras lançaram ao branco. Era a sua grande possibilidade de subsistência. E ele – o branco – tinha-se decidido resistir. (SIQUEIRA, 2016, p. 61-62).

⁶⁹ “Os Visitadores viajavam para cumprir suas missões. Expunham-se a todos os desconfortos que os deslocamentos então acarretavam. Mau estado dos caminhos, onde nem sempre encontravam casas religiosas para se abrigarem. Inclemência do tempo. Inseguranças pessoais, num tempo em que a miséria e a fome faziam proliferar os delinquentes e os salteadores, emboscando-os ao longo das estradas [...] O Visitador fazia, quando possível, anunciar sua chegada, a fim de encontrar à sua espera as pessoas mais gradas, civis e sotainas. Esperavam-se homenagens, decorrências fatais de sua dignidade. No momento de sua chegada o Visitador passava a ser a maior autoridade eclesiástica do lugar. Juravam-lhe colaboração e obediência funcionários do Rei e membros da Igreja, desde o momento em que exibisse sua dupla credencial – patente do Rei e delegação do Santo Ofício” (SIQUEIRA, 2016, p. 223-224).

A sociedade colonial brasileira era composta por índios pagãos ou semipaganizados, negros e mamelucos. Foram ainda importados do velho mundo para a América Portuguesa cristãos-velhos, cristãos-novos⁷⁰ e criptojuudeus⁷¹. Nessa mistura racial, a religiosidade cristã é abalada e a sexualidade imprimia profundas marcas na mente evangelizadora e colonizadora. Os deslizes que os colonos cometiam e quando perdoados pela Igreja Católica e Tribunal do Santo Ofício, muitas vezes, tais indivíduos ao retornarem ao sertão, culminavam em reincidir nos pecados de outrora.

Para o judeu o que antes era lugar de degredo, agora começara a tornar-se uma terra de oportunidades⁷². Os cristãos novos chegam gradativamente, proporcionando um movimento migratório iniciado em princípios do século XVI, e que a partir da segunda metade se tornou mais intenso. (NOVINSKY, 1992, p. 57-58).

O cristão novo no Brasil apresenta algumas características extremamente interessantes e que o distinguem nitidamente dos cristãos novos que emigraram para os países do norte da Europa ou para o Levante. Miscigenou-se com a população nativa, criou raízes profundas na nova terra, integrando-se plenamente na organização social e política local. Esta organização, ao mesmo tempo que permitiu a integração a acomodação do cristão novo, sofreu reciprocamente, deste, profunda influência.

A sociedade colonial brasileira se torna sincrética, estava prenhe de diversos elementos simbólicos, religiosos e míticos. Sua atmosfera trazia contida também uma cultura sensual bem atenuada que se confluía nesta mistura racial que foi se adensando com o decorrer das gerações. A Igreja Católica se via impotente, pois até seus próprios ministros sucumbiam às tentações e acabava achando natural todo esse erotismo.

Se dentro da Igreja os padres exerciam o papel de porta-vozes da pregação moralizante, a distância entre seus sermões e as práticas heterodoxas de suas ovelhas fazia com que fora da mesma igreja, pastores e ovelhas abandonassem as máscaras. Se dentro do templo, os clérigos pareciam estar

⁷⁰ “D. Manuel, pressionado pela nação vizinha, concorda em expulsar de Portugal seus súditos judeus, mostrando entretanto que não queria perde-los: proíbe-lhes a saída e ordena que todos se convertam ao Catolicismo pela força (NOVINSKY, 1992, p. 30); O cristão novo, batizado à força, torna-se sinônimo de desordem pela persistência sempre possível de sua judaicidade e pelo supranacionalismo” (SIQUEIRA, 2016, p. 134).

⁷¹ “Os conversos eram elementos de desordem não por deixarem de ser portugueses ou católicos. Eram causas de desequilíbrio porque a maioria não lhes permitia serem portugueses se não fossem católicos. A incompreensão do tempo em que a nacionalidade e o cristianismo eram termos equivalentes gerava tensões. Urgia que se procedesse a uma assimilação real e total. A simulação era o maior perigo. O povo tinha percebido esse pseudo-sincretismo e sentindo-se enganado abrigava ressentimentos” (SIQUEIRA, 2016, p. 151).

⁷² “A vinda para o Brasil quase sempre alçava o cristão novo a um *status* mais elevado. Contudo, o fato de um elemento conhecido por toda nação como inferior vir a ocupar posição igual à do fidalgo ou do clérigo, que se consideravam tradicionalmente herdeiros legítimos e únicos de todos os privilégios, não foi recebido sem reação, mesmo numa atmosfera niveladora como a da Colônia” (NOVINSKY, 1992, p. 59).

acima do bem e do mal isolados no púlpito, nas ruas e estradas que levavam para fora das pequenas cidades coloniais, eles se misturavam às mulheres que desempenhavam ofícios cotidianos extra-lar. Vendeiras, negras de tabuleiros, lavadeiras, costureiras e comerciantes de retalhos, viviam o agitado dia-a-dia de seus ofícios, cruzando com padres que, para sobreviver, com seus poucos rendimentos, também precisavam trabalhar (PRIORI, 1989, p. 38-39).

Uma prática que se tornara comum no Brasil colônia era a prostituição de escravas. Que para não terem suas imagens contaminadas, nas primeiras décadas do século XIX, as senhoras tomavam o especial cuidado de esclarecer nos recenseamentos, que “viviam da honesta subsistência do jornal de seus escravos” (PRIORI, 1989, p. 24).

Quais as bruxas que as Visitações⁷³ do Tribunal do Santo Ofício encontraram ao chegar às terras brasileiras? Os Inquisidores encontraram as mesmas bruxas que cortavam os céus Europeus sentadas em suas vassouras. As bruxas que eles encontraram não diferiam em nada de sua delicadeza e simplicidade. Eram mães, esposas, filhas, irmãs, em fim, parentas próximas e ou distantes que tiveram suas vidas influenciadas pela cultura onde nasceram. Com a origem no Gênesis, a Eva é reinventada e o mito dessa mulher voluptuosa e perversa atravessa os séculos com momentos de exaltação e tem a entonação contumaz desse discurso misógino de uma voz pastoral fora da essência primordial do cristianismo.

No próximo item serão abordados e relacionados alguns processos contra as mulheres que residiam na colônia brasileira setecentista e que foram preservadas pelo tempo, estando disponíveis para consulta e análise no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa.

⁷³ “De tempos em tempos esquadriavam-se determinados ligares para se descobrirem os inimigos da Fé [...] As visitas não se enquadravam numa rotina. Faziam-se às vezes. Só um estudo a fazer-se dos livros do Conselho Geral e da correspondência dos Inquisidores poderá aclarar os motivos das Visitações. Talvez se encaixem no clima de antagonismo que estabelecia a alternância de solicitações não rítmicas ora do ideal ora da materialidade da vida. Teriam as Visitações acompanhadas ocorrências de flutuações de caráter político? Ou seriam notícias de exacerbações de pecados, reacendimento de heresias em algumas áreas por qualquer razão afetadas? O anti-marranismo sempre vivo alentaria a tendência à responsabilização dos cristãos novos por qualquer clima de desordens morais ou religiosas para o qual afinal todos contribuíram” (SIQUEIRA, 2015, p. 656).

4. AS PRERROGATIVAS PROCESSUAIS CONTRA AS MULHERES NO BRASIL

Os processos são sequências de operações, necessárias umas, eventuais outras, na dependência da gravidade da culpa e da maior ou menor cooperação do implicado. Todas visavam à descoberta e à repressão da heresia. E como o herege era considerado ameaça a segurança e fermento e anarquia no organismo social, devia ser isolada. E, às vezes, imolado⁷⁴ (SIQUIERA, 2013, p. 470).

Vejamos no Quadro 4 a seguir algumas prerrogativas processuais contra as mulheres no Brasil Colônia que foram extraídos nos registros Inquisitoriais do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. A planilha abaixo será composta pelos seguintes campos: Nome da acusada; Data do Processo Inquisitorial; Estatuto Social; Idade e Acusação.

Quadro 4 - Processos femininos no Brasil Colônia dos Arquivos da Torre do Tombo

Nome da Acusada	Data do Processo	Estatuto Social	Idade	Acusação
Sabina	-	Índia	40 anos	Feitiçaria
D. Teresa Barrera	11/10/1706	Cristã-nova	20 anos	Judaísmo
Catarina Pereira	02/11/1708	Cristã-velha	25 anos	Bigamia
Lourença Coutinho	17/02/1710	Cristã-nova	30 anos	Judaísmo
Mariana Correia	15/07/1713	Cristã-nova	20 anos	Judaísmo
Catarina Marques	16/08/1720	Parte Cristã-nova	22 anos	Perjúrio
Branca Maria	22/05/1726	Cristã-nova	17 anos	Judaísmo
Leonor Violante Rosa	07/08/1726	Cristã-nova	17 anos	Judaísmo
Isabel da Silva	13/03/1724	Cristã-nova	40 anos	Perjúrio, impedir o reto ministério do Santo Ofício.
Francisca Lopes	05/06/1727	Cristã-nova	17 anos	Impedir o reto ministério do Santo Ofício.
Ana Gomes Coutinho	25/05/1728	Cristã-nova	25 anos	Judaísmo
Guimar Nunes	24/12/1728	Cristã-nova	35 anos	Judaísmo
Branca de Figueiroa	24/12/1728	Parte de Cristã-nova	70 anos	Judaísmo

⁷⁴ “Domingos de Gusmão concebeu a ideia de uma ordem religiosa devotada somente à missão de combater a heresia e propagar a verdadeira fé católica. Conforme a ideia avançava, o papa Inocêncio III declarou uma cruzada contra os albigenses e colocou a nobreza do norte da França contra a do Sul numa sangrenta guerra civil que duraria vinte anos. No início dessa cruzada, diz-se que um enviado papal ao sul da França teria pronunciado as palavras: “Matem todos. O Senhor saberá reconhecer os que lhe pertencem”. Na esteira do combate mortal, Domingos e seu grupo engajavam os hereges em debate e procuravam reconciliá-los com a verdadeira fé” (RESTON, 2005, p. 27).

Filipa Fonseca	24/12/1728	Cristã-nova	58 anos	Judaísmo
D. Felicitas Uchoa de Gusmão	05/07/1730	Parte de Cristã-nova	48 anos	Judaísmo
Luzia Barbalha Bezerra	05/07/1730	½ Cristã-nova	50 anos	Judaísmo
Grácia Luzia	02/05/1735	Escrava preta do desembargador André Leitão de Melo	30 anos	Blasfema
Guiomar de Valença	03/10/1737	Cristã-nova	30 anos	Relapsia em judaísmo
Luzia da Silva Soares	14/01/1739	-	30 anos	Feitiçarias e superstições.
Bárbara Correia	10/01/1742	Cristã-velha	57 anos	Poliandria
Margarida Borges	22/01/1754	-	-	Feitiçaria
Gertrudes do Coração de Jesus	15/06/1753	Mulher parda		Blasfêmias heréticas
Felícia Ana	10/03/1756	Índia, escrava de Manuel Esteves da Costa	25 anos	Bigamia
Feliciano de Lira Barros	14/12/1763	Cristã-velha	36 anos	Sodomia
Joana Maria	08/05/1764	Escrava	23 anos	Superstições e feitiçarias
Maria Joana de Azevedo	13/11/1766	-	37 anos	Superstição e proposições heréticas
Apolónia Leite Gonçalves	26/11/1763	-	-	Bigamia
Inácia da Silva	04/02/1777	-	44 anos	Poliandria
Madre Jacinta Narcisa	11/03/1779	Cristã-velha	39 anos	Luxúria
Rosália Joaquina	09/09/1781	-	-	Bigamia
Francisca Rodrigues de Sá	20/10/1787	-	32 anos	Sacrilégio
Joana Leitão	10/03/1788	-	-	Poliandria
Antónia Maria	03/06/1795	Mulher parda	-	Desacatos ao Santíssimo Sacramento e feitiçaria
Rita de Nação de Minas	18/04/1796	Preta forra	-	Curandeira

Fonte: genealogiafb.blogspot.pt (2015)

O Quadro 4 alista os processos inquisitoriais ligados ao gênero feminino encontradas no Brasil Colônia Setecentista em um recorte histórico entre um período específico de 11 de novembro de 1706 a 18 de abril de 1796. Ao verificar as acusações em que as mulheres foram impostas como falhas e pecados que trouxeram sanções perante o Tribunal do Santo Ofício da

Igreja Católica⁷⁵ perceberam que nestas trinta e quatro acusações é notório que há uma grande diversidade de delitos, sejam eles: superstição, feitiçaria, pacto com o demônio, judaísmo, bigamia, blasfêmias heréticas, relapsia em judaísmo, poliandria, crença gentílica, sacrilégio, curandeira, luxúria, sodomia, perjúrio, heresia, superstições, desacatos ao Santíssimo Sacramento e impedir o reto ministério do Santo Ofício.

No aspecto do que tange as acusações de práticas ligadas ao judaísmo ou relapsia em judaísmo estão referenciadas ao pertencimento a sua linhagem judaizante, seja ela: cristã nova; parte de cristã nova e meia parte de cristã nova. Nota-se então que foi feita uma analogia em sua linhagem judaica para embasar sua denúncia. Em segundo lugar são elencadas acusações ligadas aos pecados carnis⁷⁶, a moral e a sexualidade, tais como: bigamia, poliandria, sodomia e luxúria, que eram representadas por índias⁷⁷ e cristãs-velhas.

Por fim, acusações que confluem e se hibridizam entre o desacato aos sacramentos e blasfêmias heréticas, ou ainda entre feitiçaria e misticismo são representadas por mulheres entre 25 a 44 anos sejam por escravas negras, mulheres pardas e uma identificada como preta forra. Com isso chegamos à conclusão que a figura mítica da bruxa no Brasil Colônia onde o herético, blasfemo e a feitiçaria eram refletidos por mulheres jovens negras.

Geraldo Piorine (2003) analisa em sua obra: *Banidos: A Inquisição dos cristãos novos condenados a viver no Brasil*, um quadro em que expõem acusados de judaísmo no Brasil. Estes, representam mais da metade de todos os réus punidos com o banimento para o território brasileiro chegando cerca de 52,7%. Deles, as mulheres constituem a maioria de 65%. Os homens quando foram condenados, deveria cumprir trabalhos forçados nas galés, uma punição na qual as mulheres não se enquadravam (PIORINE, 2003).

⁷⁵ Para Barros (1973), “a Igreja, com o seu extraordinário poder implantou o terror repressivo em nome da fé e da moral e manipulou sentimento de medo e de culpa nas consciências, geração após geração. Tornou-se para ela questão de princípio, interferir na existência cotidiana e estabelecer tutela sobre os indivíduos, principalmente para controlar toda e qualquer manifestação do instinto sexual, inerente ao gênero humano. Para ela, não representava uma aberração, incidir como bloqueio do plano biológico e psicológico da realização afetivo-sexual que, em última análise, sempre constitui na própria essência de realização da vida. Ela inverteu, pois, a escala de valor da naturalidade comportamental” (BARROS, 1973, p. 254).

⁷⁶ “Pecados carnis foram estudados em profundidade, pelos teólogos. Consequentemente, exigia-se que as confissões permanecessem com o espaço apropriado para averiguação de todas as circunstâncias da ocorrência do “delito”. Assim, mais que anteriormente, tornava-se necessário distinguir, de forma exata, as categorias dos pecados carne: a simples fornicção diferia do estupro e do adultério; o incesto não se confundia mais com o estupro, nem a sodomia com molície ou autopoliuição [...] Portanto, cada prática pecaminosa não poderia receber uma penitência equivocada” (BARROS, 1973, p. 259).

⁷⁷ “Em relação à poligamia indígena, sabe-se que [...] algumas mulheres (podiam abandonar) o antigo lar e contraírem novas núpcias, ao perderem o papel de parceira sexual. Mesmo assim era comum que muitas mulheres idosas persistissem conservando o status de esposa (mesmo) sem desempenharem os papéis correlativos de parceiras sexuais [...] Indiscutivelmente, para justificar o combate à liberdade sexual indígena, divulgou-se, inclusive, a teoria da sensualidade exacerbada e sem freios, sobretudo da parte das mulheres. Dizia-se, com frequência, que as índias não podiam ver um homem “branco” que não viessem oferecer-se lascivamente, quando e verdade, quase sempre, era bem outra” (BARROS, 1973, p. 299-300).

Quadro 5 - Degredo para o Brasil

Crimes	Cifras	Porcentagem
Judaísmo	311	52,7%
Bigamia	88	14,9%
Falsidade	55	9,3%
Feitiçaria	43	7,3%
Sodomia	25	4,2%
Revelações de segredo	18	3,1%
Visões	14	2,4%
Blasfêmias	10	1,7%
Solicitações	7	1,2%
Diversos	19	3,2%

Fonte: PIORANI (2003)

A maioria dos cristãos-novos condenados ao degredo para o Brasil foi do sexo feminino. A mulher cristã-nova se fosse judaizante, além de desempenhar o papel de esposa e cuidadora dos afazeres domésticos, desempenhava um papel importante que consistia em ensinar a manter viva a fé e os costumes judaicos. Caía-lhe, entre outras coisas, saber preservar em intimidade de sua família os olhares curiosos dos vizinhos que pudessem observar o dia-a-dia da família, tais como: varrer a cozinha todas as sextas-feiras; o vestir camisa lavada no Shabbat (sábado), as escolhas dos alimentos que seriam ingeridos nesse dia, cuja preparação deveria respeitar acuradamente as rígidas regras da tradição, os jejuns e as obtenções dos alimentos, como o porco, a lebre, o peixe sem escamas (PIORINE, 2003, p. 52).

No próximo item será abordada como se dava as práticas religiosas das mulheres no contexto das visitas no Brasil Setecentista.

4.1 As práticas religiosas das mulheres no contexto das visitas

A maior parte das rés vitimizadas pelo Santo Ofício oriundas no Brasil tiveram variados castigos. Caso sua acusação não fosse tão grave, eram adotadas penas leves e já

outras eram degredadas⁷⁸ para África. O ultraje de terem suas sentenças lidas nos Autos de Fé em Lisboa. Dezenas de mulheres cristãs novas além de abjurar suas práticas, pagavam as penitências espirituais como também pagavam à custa do processo inquisitorial. Muitas judias tiveram a perda de seus bens; outras ainda recebiam os açoites pelas ruas; algumas ainda eram aprisionadas por longos anos e em alguns casos chegavam ao óbito no cárcere. Muitas foram relaxadas à justiça secular.

As mulheres que recebiam as acusações de feitiçaria, curandeirismo, blasfêmias heréticas e superstições geralmente eram compostas por escravas, mulheres pardas, mameluca ou pretas forras. Já denúncias ligadas ao pecado carnal: bigamia, poliandria, luxúria e sodomia, geralmente estão relacionadas às indígenas e cristãs velhas, como já mencionado.

Um caso peculiar ocorrido no Brasil Colônia é o processo da Madre Jacinta Narcisa, de 39 (trinta e nove) anos de idade que era religiosa professa no Mosteiro de Jesus da cidade da Praia, Ilha Terceira do Açores. Madre Jacinta morava no Rio de Janeiro e foi acusada de luxúria. Sua sentença foi proferida pelo Bispo de Angra em 10 de Abril de 1779 e decretou a prisão perpétua no cárcere do mosteiro por ter violado o voto de clausura. O que nos deixa perplexos nessa sentença é que houve relatos de padres que cometeram pecados semelhantes e tiveram suas sentenças brandas. Citemos o caso do Padre José Rodrigues Pontes.

O Padre José Rodrigues Pontes, tinha 48 (quarenta e oito anos) anos, era presbítero secular do hábito de São Pedro do bispado de Mariana, residia na freguesia de Santo António da vila de São José, comarca da vila de São João Del Rei, Rio das Mortes, capitania das Minas Gerais. Ele foi preso no dia 03 de Junho de 1799, chegou a fugir e retornou a se apresentar em 07 de Outubro de 1806. Sua sentença foi não voltar mais ao sítio onde se encontre a residir a sua figura consorte, levantando-se lhe o sequestro dos seus bens.

O processo do Padre Francisco Lopes Lima, era um sacerdote secular, residia vila de Santo António do Recife, Pernambuco e foi acusado de violar os seus votos. Foi preso no dia 20 de setembro de 1757 e o seu Auto de Fé foi realizado em 20 de setembro de 1760, teve abjuração de leve, penitências espirituais e foi de fato, suspenso dos seus trabalhos eclesiásticos, perdendo em si seu ordenamento. Por fim efetivou o referido pagamento de custas inquisitoriais.

É notório que a religiosidade no Brasil Colônia sofreu influências diversas, dentre elas pelo Cristianismo, mesmo com os esforços da Igreja Católica Apostólica Romana na tentativa

⁷⁸ “Degredados eram muitas vezes os réus, por determinado espaço de tempo. Eram afastados de suas vilas ou cidades, até o limite de seus termos. Outras vezes, mandados para pontos extremos do país” (SIQUEIRA, 2013, p. 633).

de integrar a religiosidade de tantos povos desde indígenas, negros africanos, judeus e lusitanos, a verdade é que houve de certo uma resistência por serem crenças dos seis ancestrais que por uma oralidade e tradição perpassou as gerações. Por isso que houve uma mescla dos costumes locais e culturas que trouxe uma perspectiva estranha que os Visitadores perceberam com facilidade. O próximo item será analisado o poder existente no clericalismo e a pedagogia do medo: o discurso inquisitorial.

4.2 O poder clerical e a pedagogia do medo: o discurso da inquisição

A Igreja Católica Apostólica Romana desde sua oficialização no final do quarto século pelo Imperador Teodósio, o Grande, era o baluarte da apologia e evangelização cristã. A mensagem do crucificado foi se proliferando proselitamente. Com o passar do tempo suas homilias evangelizadoras ganharam uma tônica peculiar, cultivara a produção de muitas narrativas pedagógicas que estavam prenhes de medo e intolerância. Sermões que se materializaram e encarnados agora percorriam pelos rincões do mundo Medieval e Moderno do Ocidente. O mito simbólico da figura da bruxa estava amalgamado e vivo devido à indução dessas prédicas pastorais⁷⁹. Barstow (1995) enfoca que o fato de as mulheres europeias terem adquirido sua plena maturidade legal “como feiticeira”, que primeiro tenham recebido o status de independência legal para serem julgadas por feitiçaria indica ao mesmo tempo sua vulnerabilidade e o nível de antifeminismo na sociedade europeia moderna (Barstow, 1995, p. 61).

A mente religiosa dos clérigos medievais e modernos não tolerava nenhum símbolo, rito, mito ou espiritualidade que remontassem a qualquer outra cultura pré-cristã. Todavia, sobreviveram ao tempo e permanecia presente na cultura popular, saberes de um misticismo e ritualística profunda que perpassou gerações. A imaginação popular teria que ser ressignificada, formatada e instalada um novo sistema simbólico.

O mito é o arremate de todo o processo da imaginação, liberando energia biológica e psíquica para os indivíduos e as sociedades resolverem seus impasses existenciais diante do tempo e da finitude da vida [...] são todas narrativas pedagógicas, fundantes, ricas de instruções, ensinando através da repetição uma proposta de organização do mundo e da sociedade (CAVALCANTI, 2015. p. 37).

O papel da Igreja Católica durante a Idade Média foi decisivo no processo de consolidação simbólica de um novo arquétipo a figura feminina. Os arautos da pseudoverdade

⁷⁹ “A crença na impotência por malefícios e encantamentos e a histeria coletiva ante as feiticeiras recebeu uma orientação autoritária, vinda de cima. Tomás atacara os livre-pensadores que negavam ser a impotência o resultado de bruxaria e que questionavam o papel do demônio do ato sexual. De forma semelhante, a “Bula das feiticeiras” do papa se voltava contra as muitas pessoas, “de qualquer categoria, estado, posição, proeminência, dignidade ou de qualquer condição que seja – não importando o privilégio de que disponha” – e também contra “clérigos e leigos que procuram curiosamente saber mais do que se lhes opuserem” no julgamento de feiticeiras promovidas pelos inquisidores (a quem o papa chama de “meus queridos filhos”). As penas contra os sabe-tudo – parecia haver muitos deles na Alemanha naquele tempo – deveriam ser as mais rigorosas” (HEINEMANN, 1996, p. 244-245).

cunhadas no Evangelho ágape propuseram o cultivo do medo em todas as esferas possíveis e imagináveis. É notório que o medo é inerente ao *homo sapiens*, fato que levou a sua proteção contra os perigos de seu tempo. Temores foram atenuados e ligados ao desconhecido. Medo do escuro, do mar, das estrelas cadentes, dos trovões, da chuva, das corujas, dos maus presságios, das pestes, dos deformados ou aleijados, dos fantasmas, do inferno, dos demônios, do diabo e por fim, das bruxas. Nas lentes de Jean Delumeau em sua obra: *História do medo no Ocidente* descreve:

Os símbolos que exprimem e povoam esse “país do medo” são ora de caráter cósmico (cataclismos), ora tirados do bestiário (lobos, dragões, corujas, etc.), ora extraídos do arsenal dos objetos do malefícios (instrumentos de suplício, ataúdes, cemitérios), ora oriundos do universo dos seres agressivos (torturadores, diabos, espectros). (DELUMEAU, 1989. p. 29).

Serão analisados na sequência alguns aspectos e abordagens que foram utilizados no cultivo da pedagogia do medo. A construção clerical do mito da bruxa foi lenta, gradativa e meticulosamente costurada na mentalidade coletiva, imprimindo assim uma nova simbologia. Primeiramente, através da elaboração consciente de um discurso extremamente hostil. Num segundo momento, houve a necessidade de se estabelecer um “novo credo” para sustentar tais teorias. E por último, a materialização do símbolo iconográfico⁸⁰ como resultado final do discurso que por vezes se faz entender por misógino.

Como consequência do desenvolvimento e expansão geográfica do cristianismo, a autoridade da Igreja Católica cresceu exponencialmente e as vozes dos Padres da Igreja concebia sistematicamente o que era sacro ou profano, os eleitos ao paraíso ou aqueles condenados à danação do inferno. O Livro Sagrado que deveria trazer alento ao aflito, em contrapartida infligia desespero e temor. A comunicação dos líderes era relevante na consolidação do pensamento dogmático. Acerca disso Mandrou (1968, p. 73) vai afirmar que “basta recordar sucintamente: quem quer que possua uma Bíblia em sua biblioteca reencontra Satã e seus sortilégios a todo instante; e os demonólogos não se cansam de citações peremptórias”.

⁸⁰ “Tudo o que se poderia chamar de símbolo iconográfico, constitui múltiplas redundâncias (cópias) redundante de um sítio, de uma cara, de um modelo decerto, mas também representação pelo espectador daquilo que o pintor já representou tecnicamente. Nos casos dos ícones religiosos existe como cópia em vários exemplares de um mesmo modelo [...] Mas, mesmo no caso de uma simples pintura profana, a Gioconda [...] cada espectador que visita o Luvre repete sem saber o acto redundante de Da Vinci e a Gioconda surge-lhe concretamente numa inesgotável epifania. É certo que existem variações na intensidade simbólica de uma imagem pintada e na intensidade significativa do sistema de redundâncias iconográficas. A imagem veicula mais ou menos sentido” (DURAND, 1995, p. 18).

O uso da retórica certamente potencializou o discurso ofensivo. Não foram apenas palavras fazias lançadas ao ar, e sim, vocábulos estrategicamente impelidos que lhes permitiu a maximização persuasiva, possibilitando assim a aceitação e tomada de decisão a favor do comunicador. Já no século IV, santo Agostinho em sua obra, *Confissões* (1984), relata sua experiência pessoal ao encontrar com o bispo Ambrósio⁸¹ de Milão, renomado professor da retórica e posteriormente em que Agostinho tanto admirava.

Assim que cheguei a Milão, encontrei o bispo Ambrósio, conhecido no mundo inteiro como um dos melhores, e teu servo. Suas palavras ministravam constantemente ao povo a substância do teu trigo, a alegria do teu óleo e a embriaguez sóbria do teu vinho. Tu me conduziás a ele sem que eu o soubesse, para que eu fosse por ele conduzido conscientemente a ti. (AGOSTINHO, 1984. p. 125).

Mesmo sendo um ícone em seu tempo, Agostino foi o grande criador da imagem cristã de Deus, do mundo e da humanidade que é ainda amplamente aceita hoje em dia, utilizando de uma retórica a frente dos discursos do seu tempo, proporcionou falas que provia o desprezo pelo sexo que satura a obra dos Padres da Igreja, tanto quanto em seus dias, e a ele acrescenta um novo fator: uma ansiedade sexual pessoal e teológica. Para a teóloga Uta Ranke Heinemann (1996), discorre:

Associou a transmissão do pecado original, que desempenha enorme papel em seu sistema de redenção, com o prazer da relação sexual. Para ele, o pecado original significa a morte eterna, a condenação para todos os que não forem remidos pela graça de Deus da massa domnata, à qual todas as pessoas pertencem [...] Há outro ensinamento de Agostinho que também teve consequências devastadoras, a saber, a doutrina da maneira pela qual o pecado original é transmitido às criancinhas, ou seja, a todos. Agostinho ensinava que Adão e Eva desobedeceram a Deus e comeram o fruto proibido no paraíso. “Sentiram vergonha e cobriram o sexo com folhas de figueira”. Conclui dessa passagem que “eis de onde vem” (*ecce unde*). Quer ele dizer que o que ambos tentavam ocultar era o lugar em que o primeiro pecado foi transmitido (*Sermons*, 151, 8). Assim, segundo Agostinho, a relação sexual, ou mais precisamente o prazer sexual, é o que transmite o pecado original continuamente, de geração em geração. “Cristo foi gerado e concebido sem qualquer prazer carnal e por isso permaneceu livre de qualquer espécie de profanação pelo pecado original” (HEINEMANN, 1996, p. 89-90).

⁸¹ “Ambrósio, porém, nunca ficou sabendo do seu triunfo mais importante. Entre seus ouvintes na catedral em Milão estava um jovem intelectual que tinha seguido uma longa peregrinação espiritual. Agora os sermões de Ambrósio foram um dos instrumentos que Deus usou para sua conversão. Aquele jovem se chamava Agostinho, e mesmo tendo sido Ambrósio quem o batizou, o bispo de Milão não parece ter notado os dotes excepcionais do seu novo convertido, que depois viria ser o mais famoso de todos os “gigantes” da sua época” (GONZALES, 1995, p. 142).

Textos oriundos do Antigo Testamento (A.T.) descritos nas passagens bíblicas dos livros de Deuteronômio, Levítico e Isaías, são exemplos de como foram utilizados em larga escala pelos demonólogos como referências fundantes da existência e a atuação do mal por intermédio da bruxa. Tais alusões míticas veterotestamentárias estimulavam suas prédicas e causava um frenesi a todos que foram expostos a essa homilia. Nisso, o poder do discurso era usado para imprimir uma visão que suscitava o medo.

Não haverá no meio de ti ninguém que faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, que interroge os oráculos, pratique sortilégios, magia, encantamento, enfeitiçamentos, recorra à adivinhação ou consulte os mortos. Todo o home que assim proceder é uma abominação para o Senhor, teu Deus, desapossa as nações diante de ti. Serás perfeito na adesão ao Senhor, teu Deus (Deuteronômio 18:10-13)⁸².

Não pratiqueis a adivinhação; não a procureis, pois tornar-vos-ia impuros. (Levítico 19:31)⁸³.

E se vos disserem: “Consultais os que praticam a adivinhação, os que assobiam e murmuram. Não deve o povo consultar os seus deuses, os mortos em favor dos vivos?” À instrução e à atestação! Se eles não se exprimirem segundo esta palavra, para eles não há aurora. Atravessarão a terra, acabrunhados e esfomeados. Sob o efeito da fome, irritar-se-ão e amaldiçoarão o seu rei e o seu Deus. Voltar-se-ão para o alto, depois olharão para a terra e eis: angústia e trevas, escuridão angustiante, noite para a qual são enxotados (Isaías 8:19-22)⁸⁴.

Ministrações eloquentes e vibrantes se alicerçavam nos textos de uma religiosidade judaico-cristã, contribuiu na difusão desse estereótipo imagético da bruxa. Robert Mandrou (1968) em sua obra *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII* declara:

Essa eloquência, vibrante dos pregadores, rica de referências bíblicas, não contribuiu certamente pouco para a difusão, sob uma forma imagética ainda mais imediatamente acessível, do ensinamento da Escritura: como resistir a tal convicção expressa no púlpito, como hesitara sentir-se ameaçado, atacado por este demônio onisciente, onipresente e polimorfo, que não tem outra função senão a de consumir a ruína do gênero humano. O combate impõe-se como o devedor mesmo de todo bom cristão, que pretende viver segundo a vontade de Deus: as leis humanas que organizam a repressão não dizem outra coisa, no plano, mais prosaico, da distribuição da justiça (MANDROU, 1968. p. 76).

⁸² BÍBLIA, Português. Bíblia: Tradução Ecumênica. Direção em Língua Portuguesa: Gabriel C. Galache. São Paulo: Loyola, 1994.

⁸³ BÍBLIA, Português. Bíblia: Tradução Ecumênica. Direção em Língua Portuguesa: Gabriel C. Galache. São Paulo: Loyola, 1994.

⁸⁴ BÍBLIA, Português. Bíblia: Tradução Ecumênica. Direção em Língua Portuguesa: Gabriel C. Galache. São Paulo: Loyola, 1994.

Leituras descontextualizadas e desconectadas da existência real de outras culturas pré-cristãs possibilitaram a crescente hostilização das majorias em detrimentos das minorias. É nessa atmosfera de discrepâncias religiosas que a intolerância se assevera nas linhas de tratados como o *Malleus Maleficarum*. O *Malleus* de fato é um tratado antifeminista por um discurso eclesiástico de múltiplas facetas que propaga o medo, a extremismo, o pecado, o mau, o desconhecido e por fim, tudo foi redefinido ao medo da própria mulher.

Mal magnífico, prazer funesto, venenoso e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega, ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continham todos os males ou ao comer o fruto proibido. O homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher (DELUMEAU, 1989, p. 314).

Ao longo dos séculos a mulher que na tradição do Novo Testamento e nas narrativas dos Evangelhos era descrita como discípulas e ajudadoras do ministério de Jesus⁸⁵ passa por mudanças significativas, agora era vista como “*o diabo doméstico*” é retratada inclusive em versos que eram cânticos compostos para uso dos fiéis. No começo do século XVIII, Grignon de Montfort “declara guerra” à mulher:

Mulheres belas, rostos formosos,
Como vossos encantos são cruéis!
Como vossas belezas infieis
Fazem parecer criminosos!

Pagareis por essas almas
Que fizeste pecar
Que vossas práticas infames
Fizeram afinal cambalear

Enquanto estiver na terra,
Ídolos de vaidade,
Eu vos declaro a guerra,
Armado da verdade. (DELUMEAU, 1989, p. 331)

⁸⁵ “Pois esses relatos sobre as discípulas no seguimento de Jesus, sobre mulheres doentes e, por essa razão, marginalizadas, a quem Jesus devolve sua dignidade humana, sobre disputas teológicas de Jesus com mulheres, podem, de fato, funcionar como espinhos na carne da domesticação e marginalização eclesias de mulheres. Contudo, onde Jesus, o amigo das mulheres, ou até Jesus, o “feminista” [...] é contrastado contra um fundo escuro do judaísmo de sua época, que presumivelmente discriminava mulheres, a realidade histórica do judaísmo é desfigurada de maneira antijudaísta, e, por outro lado, a figura de Jesus é elevada a um “deus de libré” benevolente as mulheres, mas simultaneamente despojada de sua humildade concreta como judeu de seu tempo particular” (SCHOTTROFF; SCHOROER; WACKER, 2008, p. 58).

Outras literaturas misóginas registram a multiforme utilização da pregação clerical contra a mulher. A seguir leiamos trechos de um *Contemptu feminae* (em versos), redigidos no século XII por um monge de Cluny, Bernard de Morlas, cuja obra poética se divide, aliás, entre louvor a Maria, o desprezo do mundo e descrição terrificante do Juízo Final de Delumeau (1989, p. 325-326):

A mulher ignóbil, a mulher pérfida, a mulher vil
Macula o que é puro, rumina coisas ímpias estraga as ações [...].
A mulher é fera, seus pecados são como a areia.
Não vou, entretanto caluniar as boas a quem devo abençoar [...].
Que a má mulher seja agora meu escrito, que seja meu discurso [...]

Toda mulher se regozija de pensar no pecado e de vivê-lo.
Nenhuma, por certo, é boa, se acontece, no entanto que alguma seja boa.
A mulher boa é coisa má, e quase há nenhuma boa.
A mulher é coisa má, coisa malmente carnal, carne toda inteira.
Dedicada a perder, e nascida para enganar, perita em enganar,

Abismo inaudito, a pior das víboras, bela podridão,
Atalho escorregadio [...], coruja horrível, porta pública, doce veneno [...]
Ela se mostra inimiga daqueles que a amam, e se mostra amiga de seus inimigos [...]
Ela não exclui nada, concebe de seu pai e de seu neto.

Turbilhão de sexualidade, instrumento do abismo, boca dos vícios [...].
Enquanto as colheitas forem dadas aos cultivadores e confiadas aos campos,
Essa leoa rugirá, essa fera maltratará, oposto à lei.
Ela é o delírio supremo, e o inimigo íntimo, o flagelo íntimo [...].

Por suas astúcias uma só é mais hábil que todos [...].
Uma loba não é mais má, pois sua violência é menor,
Nem uma serpente, nem um leão [...].
A mulher é uma feroz serpente por seu coração, por seu rosto ou por seus atos.
Uma chama muito poderosa rasteja em seu seio como um veneno.
A mulher má se pinta e se enfeita com seus pecados,

Ela se disfarça, ela se falsifica, ele se transforma, se modifica e se tinge [...]
Enganadora por seu brilho, ardente no crime, crime ela própria [...].
O quanto pode, ela se compraz sem ser nociva [...].
Mulher fétida, ardente em enganar, flamejante de delírio,
Destruição primeira, pior das partes, ladra do pudor.
Ela arranca seus próprios rebentos do ventre [...].

Ela trucidada sua progenitura, abandona-a, mata-a, num encadeamento funesto.
Mulher víbora, não ser humano, mas fera selvagem, e infiel a si mesma.
Ela é assassina da criança e, bem mais, da sua em primeiro lugar,
Mais feroz que a áspide e mais furiosa que as furiosas [...].
Mulher pérfida, mulher fétida, mulher infecta.
Ela é o trono de Satã; o pudor está o seu cargo; foge dela, leitor.

A arte teve um papel peculiar na representação simbólica e imagética da mentalidade popular. O “mundo” pós-reformista que tacitamente foi influenciado pelo renascimento cultural via a figura feminina ser retratada multifacetadamente, haja vista seu papel na sociedade perpassa de mulheres recatadas e de família às mulheres demonologizadas que possuem amores ilícitos e sua sexualidade pecaminosa era mostrada abertamente nos banhos públicos que funcionavam como bordéis, ou ainda em casas privadas. Não obstante nas festas e feiras era comum a circulação das meretrizes, levianas e “vagabundas”. Assim:

Certo número de mulheres era levado à vagabundagem, tinham que viver na miséria, de esmolas cotidianas, e conhecer os farrapos, o hospital e a morte. Mas a maioria delas tinha, por volta dos trinta anos, boas possibilidades de reinserção social. Já não receavam as violências dos rapazes e ainda tinham idade para casar. Não eram objeto de repulsão social e, ligadas intimamente a sacerdotes e a homens da lei, encontravam facilmente uma colocação como criada ou esposa. Para muitos cidadãos, a prostituição pública representava uma etapa na redenção de uma conduta desonesta (ROSSIAUD, 1991, p. 43).

É notório que a preleção da Igreja Católica caminhou através de múltiplos canais, seja do discurso oral ou escrito, não poderia de reforçar na justificação da caça as feiticeiras. A mulher de certo, foi diabolizada em prosa e verso, agora estava lado a lado com a sexualidade que para os clérigos propunha perigo tangível para os santos homens da Igreja. Vejamos a seguir a retratação mitológica da bruxa no aspecto da obra de arte.

4.3 A retratação mitológica da bruxa na obra de arte

Com o objetivo em mostrar que o imaginário coletivo vai influenciar a arte, e a arte por sua vez vai buscar no imaginário popular campesino uma retratação simbólica do seu cotidiano e ao mesmo tempo alimenta-o. Era comum para os artistas renascentistas dedicarem-se a temas corriqueiros do seu dia a dia, muito deles estavam ligados à sexualidade, violência, morte e a religiosidade. A figura da bruxa ganha um papel singular e sua retratação foram explorados por vezes ilustrados a forma como foi condensado ao pensamento da coletividade.

As mulheres foram durante muito tempo identificadas com o seu próprio corpo. Quer sejam consideradas como “machos imperfeitos” ou “úteros ambulantes”, reflexos terrenos da beleza divina ou tentações lascivas ao serviço de Satanás, o seu viver social é dominado tanto pela atitude cultural face ao corpo, em geral, como pelas suas mais específicas definições de gênero. Para se compreenderem quer as dimensões sociais quer do imaginário da vida das mulheres entre os séculos XVI e XVIII, é por isso indispensável compreender como era entendido e tratado o corpo (DUBY; PERROT, 1991, p. 71).

Ao selecionar três telas pintadas entre os séculos XVI e XIX possibilita-nos a visualização de como houve a personificação mitológica que punia e degradava a mulher. É proposital tão seleção, pois é possível enxergar que a figura da bruxa não apenas foi representada por discursos nos discursos eloquentes dos caçadores de bruxas⁸⁶, em sua literatura, poesias e também pelas mãos de artistas como, Hans Baldung (1484-1545), Francisco de Goya (1746-1828) e Antoine Joseph Wiertz (1806-1865), mesmo em períodos históricos diferentes ilustram características similares em suas telas que enfocavam uma mulher antropomorfosiada em bruxa, nada mais era que o resultado final de um entendimento popular no qual perpassou por décadas sendo resignificadas com a mesma tônica inventada e mantida pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Hans Baldung foi famoso artista renascentista Alemão do século XVI. Pintor versátil que ficou conhecido pelo fascínio que tinha por temas macabros e geralmente relacionado à morte. Muitas telas de sua autoria demonstram esse sentimento peculiar. Fez uso ainda em suas obras temas ligado à religiosidade e a sexualidade.

A tela *bruxas* de Hans⁸⁷ é uma obra Renascentista, provavelmente datada de 1508, ilustra a temática do sabbat das bruxas. Possuidora de forte representatividade simbólica que faz alusão à mística dos encontros noturnos⁸⁸. Nota-se dentre os componentes visuais a atmosfera mágica e diabólica, uma floresta contendo um ar sombrio que lembra mais a

⁸⁶ Citemos o monge Dominicano Heinrich Kramer (1430-1505) foi um religioso e Inquisidor alemão. Juntou-se à Ordem dos Pregadores Negros (Dominicanos) ainda jovem e foi indicado para a posição de inquisidor por volta de 1474, e ainda, James Sprenger (1435-1495) foi também admitido como noviço da Ordem dos Pregadores e tornou-se posteriormente mestre e deão da faculdade de teologia da Universidade de Colônia, e então foi indicado como inquisidor das províncias de Mainz, Trier e Colônia. Esses foram os responsáveis para a criação do *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras).

⁸⁷ Vide anexo p. 91.

⁸⁸ “Bruxas e feiticeiros reuniram-se à noite, geralmente em lugares solitários, no campo ou na montanha. Às vezes, chegavam voando, depois de ter untado o corpo com unguentos, montando bastões ou cabos de vassouras; em outras ocasiões, apareciam em garupas de animais ou então transformados eles próprios em bichos. Os que vinham pela primeira vez deviam renunciar à fé cristã, profanar os sacramentos e render homenagem ao diabo, presente sob forma humana ou (mais frequentemente) como animal ou semianimal. Seguiam-se banquetes, danças, orgias sexuais. Antes de voltar para casa, bruxas e feiticeiros recebiam unguentos maléficos, produzidos com gordura de crianças e outros ingredientes” (GINZBURG, 2012, p. 9).

pântanos; também, é notório unguentos mágicos; o voos das bruxas; gatos; ossadas; sacrifícios e por fim a própria figura do demônio⁸⁹ transfigurado no bode e no centro da tela.

A tela de Hans Baldung é excepcionalmente rica, notamos no primeiro plano, duas mulheres decrepitas e nuas com fisionomia grotescas sentadas e outra no centro, estando de joelhos e com seus braços erguidos aos céus segura um tecido e também um prato contendo sobre ele duas aves, conotando a apresentação de um ato sacrificial. Uma quarta mulher está voando montada ao contrário sob um bode, que geralmente é a alusão às forças das trevas que foram encarnadas. Ela utiliza uma vara para segurar um jarro contendo algum tipo poção. Por fim, uma quinta mulher surge por trás de todas as outras segurando com uma de suas mãos um tipo de tocha e com a outra destampa um jarro que sai dele uma fumaça marrom que sobe até o céu. Notamos por derradeiro, a presença de mais uma bruxa que adentra aquela fumaça e deixa a mostra apenas sua canela. É visível que os lábios de todas as mulheres estão avermelhados que pode significar a ingestão de sangue naquele banquete sacrificial noturno.

Em frente às duas mulheres, encontram-se espalhados pelo chão, uma ossada de animal e um crânio de um ser humano e de animais. No canto inferior direito visualizamos um chapéu feminino de cor azul com marrom. Notamos ainda a presença de um gato de costas e três varas que são utilizadas para sustentar os vasos de jarro.

Na ritualística do sabbat expressa por Hans Baldung, percebe-se ainda que as bruxas envelhecidas produzissem possivelmente unguento. Uma delas segura uma colher de pau com a mão direita e ao destampar o reservatório mágico, sai uma fumaça azul. Por trás da fumaça encontramos mais um bode com o ar sarcástico.

Propomos ainda a análise simbólica da tela produzida pelo pintor Espanhol Francisco de Goya⁹⁰. Francisco de Goya vivenciou os atos Inquisitoriais na Espanha, inclusive em 1821 foi aberto um processo considerando suas obras obscenas, as suas “*Majas*”, pois retratava uma belíssima mulher trajada, enquanto outra “*Maja*” mesmo que nas mesmas posições a diferença que se encontrava era que uma se encontrava completamente despida. Goya consegue livrar-se do processo inquisitorial e sua condição de pintor foi restituída. A tela *voo das bruxas*⁹¹ é

⁸⁹ “Nas aldeias, a divindade, era representada por uma personagem cornudo que presidia a assembleia das “bruxas”, o que levou observadores hostis, como os homens da Igreja, a interpretarem esta personagem como sendo, ou pelo menos representando, o Demônio, transformando o culto diânico num culto ao Diabo” (NOGUEIRA, 2004, p. 97).

⁹⁰ O pintor Francisco de Goya nasceu em Aragão (Espanha) em 1746. Depois de ter sido recusado por diversas vezes na Academia de Belas Artes, teve seu trabalho reconhecido em um concurso de arte em Madri. Francisco de Goya adquiriu uma grave enfermidade que lhe paralisou deixando-o surdo temporariamente, mas foi este fato que fez suas obras ganharem dramaticidade e expor as realidades pelas quais passou a ser admirado.

⁹¹ Vide anexo p. 92.

considerada uma das mais belas e poderosas obras do artista. Sua datação provavelmente é o ano de 1798.

Na tela de Goya é possível notar a presença de cinco mulheres seminuas utilizando uma coroa de penitente, levando em seus braços outra figura nua e aparentemente contorcida de dor. Percebe-se também que as bruxas estão com seus lábios a tocar no corpo da vítima, talvez denote o ato da antropofagia. Abaixo das bruxas notam-se três outros personagens. O primeiro vestido de trajes humildes se joga ao chão por causa do terror que está vivenciando, seu rosto quase que tocando a terra e com suas mãos cobriam suas orelhas para não ouvir o som sinistro que está sendo emitido naquele fenômeno demoníaco. No centro encontra-se outro homem tentando escapar aterrorizado com um cobertor, enquanto que suas mãos estão a fazer a fíga na tentativa de afastar o mau olhado. Ao lado direito da tela, observamos um asno que aparentemente alheio ao resto ao que esta acontecendo.

Podemos propor uma releitura na obra de Francisco de Goya, haja vista que o pintor foi contemporâneo à atuação da Santa Inquisição na Espanha. A tela é extremamente significativa e mostra três mulheres ao centro que estão a usar um chapéu (mitra) que de regra geral era uma indumentária utilizada pelos inquisitóriados. Por estarem no ar lembra-nos a forma que alguns réus foram mortos pela fogueira. Nos braços das bruxas encontra-se outro indivíduo que retrata pelo desnudo do seu corpo nenhuma acusação plausível de morte, o horror em sua face mostra a incredulidade do martirizado por tal sentença. O indivíduo que está deitado no chão denota o descaso da população, inerte de um lado pela credulidade da presença real do mau encarnado na mulher e do outro, o próprio medo em pensar na possibilidade de ser a próxima a alimentar a fogueira da Santa Inquisição. O homem que cobriu a cabeça com o lençol pode ser entendido como participantes de classe social diferenciada, possivelmente da nobreza que faz descaso da intolerância religiosa, pois tem o conhecimento de fato que os acusados não têm culpa para sofre tal suplício. Os dedos em forma de fíga explica tentativa de crer naquela farsa. Por fim encontramos um asno alheio a todo o processo. Entendemos ser o papel fundante dos clérigos da Igreja Católica Apostólica Romana, que mesmo poderosa e autoritária está alheia às questões mais fundantes de sua própria religião, valores que levaram o seu fundador (Jesus Cristo) à morte, pois Ele promovia a justiça aos injustiçados, piedade aos que foi negada a clemência e esperança a todos aqueles que não tinham expectativa alguma. O asno pode denotar a uma paródia do crucificado que teve como comentário, *Alexamenos adora a Deus*⁹², que sugere uma chacota de um romano

⁹² “Foi descoberta em Roma esta inscrição popular, em que aparece um personagem em atitude de adoração ante um homem crucificado com cabeça de asno. A inscrição diz, em grego, “Alexâmeno adora a Deus”. Trata-se de

convertido ao cristianismo. Sendo que para Goya o asno de fato nunca foi o crucificado e sim o poder clerical vigente.

Por fim, Antoine Wiertz foi um pintor e escultor romântico da Belga. Registra em suas telas temas de cunho históricos, religioso e mitológicos. A tela a seguir imprime uma cena mitológica comum que retrata ritualística do *sabbat das bruxas*. A tela *bruxas* de Antoine Wiertz ⁹³ é uma obra Renascentista, provavelmente datada de 1508, ilustra a temática do *sabbat* das bruxas.

A fascinação exercida pelas mulheres jovens sobre os anciões alimentou o imaginário erótico. No entanto, os textos médicos começam a alertar sobre os perigos das uniões desiguais em que não está contemplado o entendimento físico e afetivo. Complicados penteados, vestidos e cintos contribuem para “reter” o homem (DUBY; PERROT, 1991, p. 107).

A tela de Antoine Wiertz possui uma luminosidade peculiar, onde parte da figura central encontra-se numa luminosidade intensa e ao seu redor vai escurecendo. Provavelmente porque a jovem na tela denota uma pureza prestes a ser maculada por um sentimento misógino. Nota-se o quanto é usual para a época, a exploração da temática ligada à sexualidade feminina. Nesta obra em particular foi explorado em toda sua inteireza.

Alguns detalhes chamam-nos a atenção. Em primeiro plano estão duas grandes figuras humanas. A primeira uma jovem ruiva foi encarnada e demonizada como bruxa, possuía entre suas pernas uma vassoura, que faz alusão aos voos noturnos e as suas reuniões *sabáticas*. Destaca-se ainda o desconforto da jovem, tal tortura foi capturada em suas feições, tem uma mistura de medo e pânico. Essa mescla de sentimentos brotou de seu olhar, que, diga-se de passagem, outrora tinham sido cobertos. Nota-se ainda que essa moça estivesse profundamente envergonhada, em primeiro lugar porque estava nua e em seguida por perceber a presença de olhares masculinos. O desconforto pode ser percebido por sua vez na forma que segura suas roupas tentando cobrir seus seios e também o ventre e a outra mão segurando a vassoura.

Os rostos masculinos pintados na tela foram construídos para lembrar que esses que espectadores eram religiosos. Primeiramente por possuírem a tonsura de seus cabelos e a cores escuras em suas fisionomias exprimem sentimentos de desejo carnal, lascivo e luxúria.

uma inscrição do século segundo, que mostra o que os pagãos pensavam acerca do cristianismo” (GONZALES, 1978, p. 81).

⁹³ Vide anexo p. 93.

Três fisionomias peculiares, três representações de monges, três pecados carnavais que faziam parte do universo culposos do monge.

Um quarto homem está em pé atrás da jovem garota. Este indivíduo está usando um capuz roxo e em seu peito fora pintado em amarelo uma lua e treze estrelas. Em uma de suas mãos tenta puxar a roupa da *pseudo* bruxa. O homem está curvado e tem uma aparência de velho olhando para as partes íntimas da jovem⁹⁴, provavelmente Antoine queria registrar o poder clerical, caduco em contra partida o desejo incontrolável da sexualidade incontinente.

É aparente nessa tela a presença de um gato preto que na mitologia das lendas noturnas está ligada ao sombrio e também a bruxa. Somando-se as três figuras masculinas aparecem outras duas, uma ao lado por trás do gato e de cabeça para baixo, denotando a inversão de valores e ressignificação do que seria contraditório para a Igreja Católica Apostólica Romana. Do outro lado e por último mais uma figura difusa séria que faz menção a seriedade contumaz do poder clerical.

Note que a construção da figura da bruxa teve seu gênese com a participação indubitável do homem, em particular do clérigo. São essa mensagem de caça “as bruxas” com um forte amparo mítico da Idade Média que chega ao Brasil setecentista, todavia não foi bem isso que encontraram os visitantes do Santo Ofício ao desembarcarem no Brasil Colônia. Houve sim processos de feitiçaria identificados nas terras brasileiras, como a de Joana Maria (presa no Pará em 1764 e apenas no dia 30 de Maio de 1768 houve o Auto de Fé); Luzia da Silva Soares (presa em 18 de Dezembro de 1742 e sua sentença foi em 31 de Maio de 1745); Ludovina Ferreira, que de forma peculiar foi denunciada por três vezes e por pessoas diferentes.

4.4 Os processos inquisitoriais contra mulheres acusadas de feitiçarias nas visitasões do Santo Ofício ao Brasil

Sabe-se que para a Igreja Católica Apostólica Romana toda e qualquer crença ou ritualística pré-cristã colidia com a dogmática oficial da metrópole. Toda a divindade pagã era

⁹⁴ “A sexualidade, origem da queda do homem, é, para o cristianismo, o pecado por excelência, e, para a mentalidade eclesiástica, a luxúria compunha o cenário privilegiado onde se desenvolvia o drama demoníaco. Fascinados pelo conteúdo de lubricidade e devassidão das confissões registradas nos processos de bruxaria e feitiçaria, alguns autores, ainda nas pegadas de Michelet, vão buscar no erotismo, oriundo de uma feminilidade reprimida e aviltada pelo misoginismo medieval, um dos fatores do aparecimento de bruxas e feiticeiras” (NOGUEIRA, 2004, p. 165).

considerada demoníaca e seus devotos teriam que abandonar sua fé e se converter ao cristianismo irremediavelmente. Verdade que as visitasões do Santo Ofício na colônia portuguesa encontraram mulheres que foram acusadas desde superstição e feitiçaria até judaísmo e sodomia. Vejamos alguns casos em de feitiçaria no Brasil.

Outro processo de se deu na freguesia de Nossa Senhora do Rosário, bairro de Campina, bispado do Pará. Joana Maria tinha 23 anos de idade, era escrava de Gonçalo José da Costa e foi acusada de superstição e feitiçaria. Foi presa no Pará em 1764 e apenas no dia 30 de Maio de 1768 houve o Auto de Fé. A ré teve como sentença a abjuração leve, instrução na fé católica, irá se submeter a penitências espirituais e de praxe teve que pagar à custa.

Em 14 de Janeiro de 1739 foi instaurado o processo de Luzia da Silva Soares, mulher preta e escrava de Domingos de Carvalho, possuía 30 anos de idade e era natural de Pernambuco. Luzia foi acusada de feitiçarias e superstições. Foi presa em 18 de Dezembro de 1742 e sua sentença foi em 31 de Maio de 1745. Após três anos de prisão foi em fim liberada. Note que Luzia era mulher preta, nisto, percebe-se uma pena mais severa, pois a acusação era a mesma de Joana Maria.

Não foram apenas jovens a ser acusado de feitiçaria, o processo de Ludovina Ferreira, foi delatada de feitiçaria aos 70 anos de idade. Ela morava em Belém do Pará e foi denunciada por três pessoas diferentes. A primeira denúncia foi realizada em 14 de Outubro de 1763, por Inês Maria de Jesus, mulata, solteira, filha de Inácio de Andrade, advogado. Ludovina ainda foi denunciada a segunda vez no dia 22 de Outubro de 1763, por Valéria Barreta, solteira e cativa de D. Mariana Barreta e por fim ainda foi denunciada por Inácio Coelho Brandão em 28 de Abril de 1764. Todas essas denúncias foram feitas a Mesa da Visita na cidade do Pará, umas no Hospício de São Boaventura e outras no Colégio. No processo não mostra o desfecho do processo.

Se reduzíssemos os processos incriminatórios de bruxas, feiticeiras e mágicos a uma mera encenação absolutista deixaríamos de lado toda a crença que existia, de forma difusa, nas sociedades modernas em torno do poder da magia. Somente no século XVIII é que se pode garantir que tal crença tornou-se realmente frágil e foi questionada amplamente (CAVALCANTI, 2015, p. 20).

Percebemos que as bruxas encontradas pelas Visitasões da Santa Inquisição na Colônia Brasileira não foi muito diferente das que encontraram na Europa, as acusações se baseavam em especulações fundadas em praticas ligadas a uma tradição oral de um saber popular pré-cristão no Brasil. Sabe-se que era comum a utilização dos recursos da natureza

para o tratamento e cura de enfermidades e doenças mais variadas para os nativos e posteriormente aos colonos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como gênese a curiosidade de como se deu o nascimento da figura da bruxa na sociedade moderna, para tal, fez-se necessário analisar qual foi o papel da Igreja Católica Apostólica Romana nesse processo. Percebe-se que com o tempo a simbologia mítica da bruxa estava presente no mundo moderno em múltiplos aspectos, desde sua comercialização na indústria comercial, seja por intermédio de bonecos, filmes, desenhos animados e até revistas em quadrinhos. A bruxa que outrora foi alimentada pela pedagogia do medo, ganha uma tônica moderna e contemporânea que despertava o interesse a todas as pessoas de diferentes idades. Não distante da curiosidade que nascera há séculos atrás na Europa.

Uma forma que foi utilizada no estudo analítico na construção clerical da figura da bruxa no contexto das visitações no Brasil setecentista foi à utilização da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand, utilizando o emprego de um método de crítica literária (ou artística), em sentido estrito ou, em sentido ampliado, de crítica do discurso que centra o processo de compreensão no relato de caráter “mítico” inerente à significação de todo e qualquer relato (DURAND, 1977, p. 252). Não como ferramenta de recorte histórico de um fenômeno real que foi vivenciado por dezenas de pessoas sejam elas na baixa Idade Média⁹⁵ ou na Modernidade⁹⁶. As ditas bruxas ou aqueles que por ela foram seduzidas, mesmo que por meio da curiosidade. A teoria facilitou-nos compreender outro caminho que se podem analisar os símbolos extraídos de uma mitologia sincrética judaico-cristã.

Por meio das Ciências das Religiões possibilitou um entendimento claro sobre o choque entre a religiosidade cristã e as manifestações ritualísticas de um passado bárbaro. É por meio de seu empoderamento intolerante e religioso que os clérigos fizeram aparecer um novo ser místico que agora estava agregada a uma cultura entendida por eles como pagã. A natureza da relação de fé instaurada pelo cristianismo entre o nível humano e o nível divino. Tanto o *religio* ao *religando* significava purificar o termo latino das escórias do ritualismo

⁹⁵ “Foram executadas no Norte da França entre 1371-1783, 49% das execuções em relação ao número dos incriminados” (DELUMEAU, 1978, p. 366).

⁹⁶ “Em Genebra, por ocasião da epidemia de 1545, 43 “fomentadores de peste” foram julgados, dos quais 39 foram executados. Em Chillon, no Léman, 27 pessoas acusadas de feitiçaria foram queimadas em quatro meses, no ano de 1613. Em Ellwangen (sudeste da Alemanha), mais de 300 condenado(a)s pereceram em quarenta fogueiras em 1611-1613. Em 1645, em Essex, então atingido por uma onda persecutória, 36 suspeitas foram aprisionadas: 19 foram sentenciadas à morte pelos Assizes; nove morreram nos calabouços; seis ainda estavam na prisão em 1648; só havia sido absolvida. Mas essas multiplicações súbitas de condenações à morte não devem fazer esquecer a longa continuidade da repressão. Genebra, durante o período que vai de 1573 a 1662, conhecia entre um e quatro processos de feitiçaria por ano” (DELUMEAU, 1978, p. 366).

pagão para fazê-lo assumir a dignidade de representar o aspecto de dependência que caracterizava, segundo a nova religião, a relação entre a criatura e o Criador, fundada no *vinculum pietatis* (FILORAMO; PRANDI, 2016, p. 256).

O discurso do medo utilizado pela Inquisição por meio de uma prédica intolerante dos religiosos medievais expressava tacitamente a repulsa ao universo cosmogônico diferente do seu. Nenhum símbolo, rito, mito ou espiritualidade que remontassem a qualquer outra cultura seria aceito. A imaginação popular teria que ser ressignificada, formatada e instalado um novo sistema simbólico pelas mãos pias dos homens santos da Igreja Católica Apostólica Romana. Não apenas o discurso trouxe uma sedimentação do mítico, mas posteriormente outros meios de propagação desse discurso foram utilizados para divulgar esse novo símbolo. Várias poesias foram produzidas para aviltar a figura da mulher. Manuais como o *Malleus Maleficarum* (Heirinch Kramer e James Sprenger) e também o *Directorium Inquisitoprimum* (Nicolau Eymerich). Dezenas de pinturas de autores renascentistas e modernos propuseram um olhar da encarnação mítica da bruxa que norteava o pensamento coletivo europeu.

As bruxas em que os Inquisidores procuraram foram concebidas pelo próprio poder clerical. A figura da bruxa perpassa desde uma visão inflexível e misógina do papel da mulher na sociedade cristianizada até sua incorporação mítica como ser sobrenatural presente não apenas na mentalidade coletiva, mas de carne e osso. As artes mágicas no que tange ao uso de poções por partes de certos grupos para o mal ou para o bem é característica da antiguidade e da alta Idade Média que trouxe de culturas herdadas por um conhecimento pré-cristianizadas que estavam bem enraizadas na mentalidade do grupal social. Essa bruxa foi difundida por numerosos rincões da Europa, mas o que nos importa aqui é deixar sucinto que antes do pensamento popular das feiticeiras se mesclarem com a mentalidade de perseguição herética promovida pela Inquisição, existiam algumas representações que podem ter alguma influência, no sentido de herança até, as representações das bruxas da baixa Idade Média e Modernidade.

Foi nessa perspectiva de entendimento sobre a bruxa europeia que trouxeram em suas bagagens nas primeiras visitas do Tribunal da Inquisição na América Portuguesa. Que se verificou que tipo de ser foi encontrado aqui no Brasil. É bem verdade que em um tempo em que se enfrentava a doença e enfermidades a utilização de chás e poções também faziam eram praticadas pelas mulheres indígenas, mamelucas, negras, muita delas conhecidas também curandeiras, mulheres estas que possuíam um conhecimento oral e empírico que possibilitava o alívio e a cura de seus males. Muitas delas atuavam como parteiras nas vilas do território tupiniquim. A Inquisição não era mais a mesma de séculos posteriores, mesmo abrindo

processos que os réis foram taxados de feiticeiras, as punições foram brandas, diferentes das realizadas outrora.

Nas visitas do Tribunal do Santo Ofício no Brasil, muitas mulheres foram denunciadas, vários processos foram abertos para que a Igreja pudessem analisar acuradamente pelas mãos dos Inquisidores. Muitas incriminações eram distribuídas ao que parece por raça. Ora, acusações de feitiçaria, curandeirismo, blasfêmias heréticas e superstições geralmente eram compostas por indígenas, escravas, mulheres pardas, mamelucas ou pretas forras. Já denúncias ligadas ao pecado carnal: bigamia, poliandria, luxúria e sodomia, geralmente estavam relacionadas às indígenas e cristãs velhas. Fato peculiar era que a indígena também foi acusada de bigamia. Algumas outras acusações foram atribuídas às práticas judaicas. Contudo, a bruxa como era entendida no Velho Mundo tacitamente não foi encontrada no Brasil colônia setecentista.

Por fim, assistimos um combate que transbordou da esfera do sagrado ao profano, pautando condutas e comportamentos cotidianos, servindo de explicação para a realidade e as desventuras vividas, na tentativa de se explicar os impulsos incontroláveis da carne na tentativa de controlar os habitantes residentes na colônia Brasileira, e nisto, encontrar os agentes do Satã transfigurados nas bruxas. Decerto, foram exemplificados três casos processuais em particular localizadas durante as visitas do Santo Ofício na colônia portuguesa no período setecentista, todavia nenhuma deles pode ser enxergado com toda vivacidade maléfica da figura mítica da bruxa.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.
- ANCHIETA, Joseph de. **Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1988.
- BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Editora Vega, 1978.
- BARROS, Ruston Lemos de. **Carne, moral e pecado no século XVI: O ocidente e a repressão aos “deleites” da volúpia e aos “delitos” por cópula “ilícita”**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1995.
- BARSTOW, Anne Llewellyn. **Chacina de feiticeiras: uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução crítica à criminologia crítica**. Rio de Janeiro: Revan. 2011.
- BAYONA, Yobenj Aucardo Chicangana; SAWCZUK, Susana Inés Gonzáles. **Bruxas e índias filhas de Saturno: arte, bruxaria e canibalismo**. Publicado na Revista Estudos Feministas, versão impressa de código do ISSN 0104-026X e versão *online* ISSN 1806-9584. Florianópolis. 2009.
- BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália séculos XV-XIX**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia: Tradução Ecumênica**. Direção em Língua Portuguesa: Gabriel C. Galache. São Paulo: Loyola, 1994.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. São Paulo: Publicações Europa. 1987.
- BOFF, Leonardo. Prefácio. In: EYMERICH, Nicolau. **Manual dos Inquisidores**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1993.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CALADO, Eliana Alda de Freitas. **Bruxas e contos de fadas: mito e representações**. [Artigo publicado na ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História]. 2003.
- CAMPOS, Andrea Almeida. **As bruxas retornaram... Cacem as bruxas! Um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina**. [Artigo publicado pela Revista Espaço Acadêmico publicado pelo número ISSN: 1519-6186]. 2010.
- CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião**. São Paulo: Paulinas. 2008.

CAVALCANTI, Carlos André. **Inquisidores e Inquisitoriados**: os santos mártires, o maçom e o mandingueiro. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

CAVALCANTI, Carlos André. **A Teoria do Imaginário na pesquisa de símbolos e iconografias da Inquisição**: Apoio multidisciplinar no ofício do Historiador das Religiões. 2011.

CAVALCANTI, Carlos André. **O imaginário da inquisição**: Desmitologização de valores no Tribunal do Santo Ofício, no Direito Inquisitorial e nas Narrativas do Medo da Bruxa (Portugal e Brasil, 1536-1821). Recife. 2011.

CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula. **O que é o imaginário?** Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

DOUGLAS; J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. Volume II. São Paulo: Edições Vida Nova, 1981.

DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres**: do Renascimento à Idade Moderna. São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Portugal: Lisboa. 1995.

DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1995.

DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris: Dunod. 1992.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FERREIRA, Euclides Menezes. **Candoblé**. São Luiz: Estação Produções – Ltda. 1990.

FILORAMO, C.; PRANDI, C. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 2012.

FISCHER-MIRKIN, Toby. **O código do vestir**: os significados ocultos da roupa feminina. Tradução de Angela Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Eva Barbada**: Ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo**: História de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOFF, Jacques Le. **As raízes medievais da Europa.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

GOFF, Jacques Le. **O Deus da Idade Média: Conversas com Jean-Luc Pouthier.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GOMES, Bárbara Lemos Corrêa. **Malleus Maleficarum: a imagem da mulher no manual da caça às bruxas.** Monografia de História pela Universidade de Brasília Instituto de Ciências Humanas – Departamento de História. Brasília. 2017.

GONZAGA, João Bernardino. **A Inquisição em seu mundo.** 8. ed. – São Paulo: Saraiva. 1994.

GONZALES, Justo L. **A era dos mártires.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1978.

GONZALES, Justo L. **A era dos gigantes.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

HEINEMANN, Uta Ranke. **Eunucos pelo Reino de Deus: sexualidade e a Igreja Católica.** Record: Rosa dos Tempos. 1988.

HOCK, Klaus. História da religião. **Introdução à Ciência da Religião.** São Paulo: Edições Loyola. 2010.

KAREM, Armstrong. **A Bíblia.** Rio de Janeiro: Zahar. 2007.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feitiçeras.** 1ª ed. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2015.

LEOPOLDO, Eliane Cahon. **Misoginia & bruxaria: mulher e estereótipos na colônia americana.** Artigo publicado no Recôncavo: Revista de História da UNIABEU Ano 2º Número 3, versão impressa: ISSN 2238-2127 - Agosto - Dezembro de 2012.

LUDIMILA, Noemi Santos Portela. **“Os pilares da fogueira”:** a construção do discurso cristão contra a bruxaria na Idade Média (séc. XIV). Artigo publicado pela dimensões, v. 39, jul.-dez. 2017, p. 197-219. ISSN: 2179-8869.

MALUCELLI, Laura. TOMAT, Sergio. FO, Jacopo. **O Livro negro do cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus.** Rio de Janeiro: Ediouro. 2007.

MANDROU, Roberto. **Magistrados e feitiçeiros na França do século XVII.** São Paulo: Editora Perspectiva. 1968.

MICHELET, Jules. **A feitiçeira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MORIN, E. **Jesus e as estruturas de seu tempo.** São Paulo: Paulinas, 1988.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueredo. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão**. Bauru: EDUSC. 2004.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos novos na Bahia: A Inquisição**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1992.

PAIVA, José Pedro. **Baluartes da fé e da disciplina: o enlace entre a inquisição e os bispos em Portugal. (1536-1750)**. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2011.

PRANDI, Carlo; FILORAMO, Giovanni. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

PRIORI, Mary Del. **A mulher na História do Brasil**. Raízes históricas do machismo brasileiro. A mulher no imaginário social. “Lugar de mulher é na História”. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1989.

RESTON, James Jr. **Os cães do Senhor: Colombo, a Inquisição e a derrota dos Mouros**. Rio de Janeiro: Editora Record. 2005.

RINALDI, Azzurra. **A superstição e a magia na religião cristã da idade média**. Artigo publicado Revista Labirinto, Porto Velho-RO, Ano XIV, Vol. 20, p. 5-20, 2014. ISSN: 1519-6674.

ROCHA, Waldir Imbroisi. **Queimem a bruxa – caça à feiticeiras na transição da Idade Média para a Idade Moderna**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais. 2014.

ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

SCHOTTROFF; SCHROER; WACKER; Luise, Silvia, Marie Theres. **Exegese Feminista: Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.

SILVA, Carolina Rocha. **O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e Jesuítas no Piauí Colonial (1750-58)**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em História, da Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

SIQUEIRA, Sonia. **A Inquisição Portuguesa e a sociedade colonial**. São Paulo: Fonte Editorial. 2016.

SIQUEIRA, Sonia. Sonia. **O Momento da Inquisição**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. 2013.

SOUZA, Laura de Melo e. **A feiticeira na Europa moderna**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

SOUZA, Laura de Melo e. **O Diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Alexandre Bueno Salomé de. **Feitiçarias e magias: mulheres negras e as visitas pastorais na capitania de São Paulo – séc. XVIII**. Dissertação de Mestrado do Programa de

Pós Graduação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – Centro de Educação, Filosofia e Teologia. São Paulo. 2016.

TABORDA, Francisco. **Feminismo e Teologia Feminista no Primeiro Mundo**. Perspectiva Teológica, 22 (1990) 311-337.

TEIXEIRA, F. **Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Catolicismo plural. Dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOMAZELLI, Roni. **Para onde foram as bruxas?** Os estudos históricos sobre a bruxaria no Medieval. [Artigo publicado nos Anais do V Encontro Internacional UFES/ Paris-Est]. 2016.

UNSER, Gelci Maria. **Mulher:** de vítima a discípula de Jesus. Passagem de uma condição de violência de gênero para condição de discípula e missionária cristã. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009. NF. 120.

ZIM, Jean Carlos. **O martelo das feiticeiras:** suas bases e a mentalidade medieval. Monografia apresentada no Programa de Graduação em História, da Universidade Federal Fronteira do Sul Campus de Erechim. Rio Grande do Sul. 2017.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Bruxas:** figuras de poder. Publicado na Revista Estudos Feministas, versão impressa de código do ISSN: 0104-026 e a versão *on-line* cujo código de ISSN 1806-9584. Florianópolis. 2005.

ANEXOS

Figura 1 - Quadro com ilustrações de desenhos infantis e histórias em quadrinhos - HQ, nos quais aparecem a bruxa (nas ilustrações 1, 2, 3 e 4, respectivamente assinaladas)



Fonte: Ilustração 1 - <http://valeapenarelembra.blogspot.com/2010/08/pantera-cor-de-rosa-cinderela-cor-de.html>; Ilustração 2 - http://www.casadadublagem.16mb.com/gdd_picapau.html; Ilustração 3 - http://culturapoprigror.com.br/top-listas_-1666-5-bruxas/; Ilustração 4 - <https://movetotrash.co.uk/2017/07/the-walt-vault-snow-white-and-the-seven-dwarfs/>

Figura 2 - Pintura do espanhol Francisco de Goya, o Sabbath das Bruxas ou El Aquelarre, 1798



Fonte: Museo Lázaro Galdiano. <http://www.flg.es/francisco-de-goya#.W2ziuhKjIU>

Figura 3 - Ilustração, da série popular nas décadas de 70 e 80 - A Feiticeira



Fonte: <http://moreseriesinweb.blogspot.com/2017/10/a-feiticeira.html>

Figura 4 - Fotografia na qual se vê o casal protagonista da série americana, popular na TV brasileira nos anos 70-80 - Jennie é um Gênio



Fonte: <https://cinemaclassico.com/curiosidades/16-curiosidades-sobre-jeannie-e-um-genio/>

Figura 5- Fotografia da personagem principal do filme Elvira a Rainha das Trevas



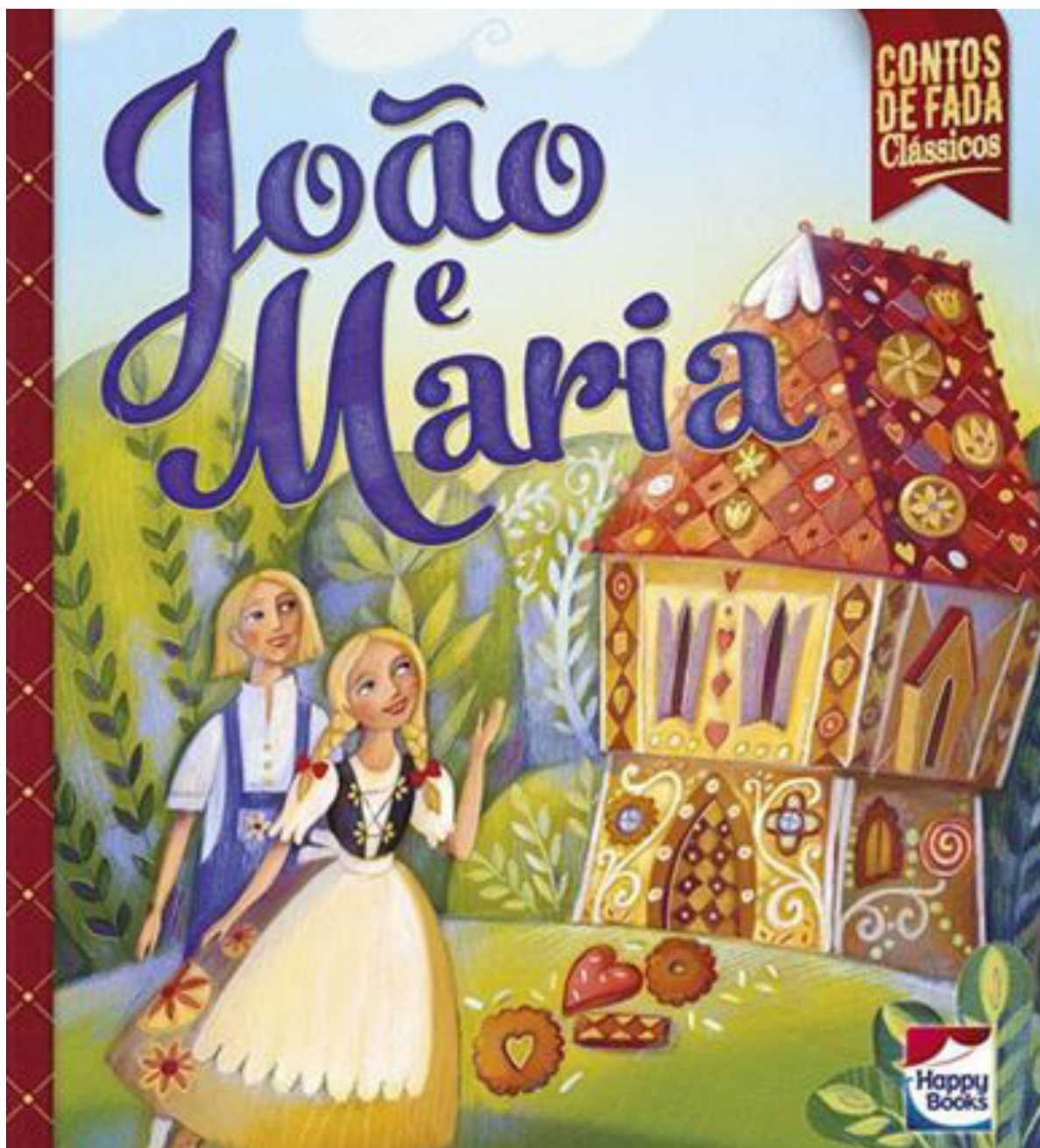
Fonte: <http://cinpop.com.br/elvira-a-rainha-das-trevas-ganhara-serie-de-tv-102108>

Figura 6 - Fotografia ilustrativa de uma cena do filme A Convenção das Bruxas



Fonte: <https://lionmovies.com.br/2015/09/27/de-volta-ao-passado-convencao-das-bruxas-1990/>

Figura 7 - Capa ilustrativa do conto clássico João e Maria, em uma das suas inúmeras versões



Fonte: <https://www.buscape.com.br/joao-e-maria-colecao-contos-de-fada-classicos-katie-hewat-8595030243>

Figura 8 - Gravura mostrando uma cena de tortura utilizado contra as mulheres com o instrumento conhecido como “fura-bruxas”.



Fonte: <http://coerenciafeminina.blogspot.com/2012/08/a-caca-as-bruxas-idade-das-trevas.html>

Figura 9 - Gravura mostra a obra Bruxas em óleo sobre tela do pintor alemão Hans Baldung



Fonte: <https://www.wikiart.org/en/hans-baldung/witches-1508>

Figura 10 - Pintura mostra o “Vôo das bruxas” em óleo sobre tela do espanhol Goya.



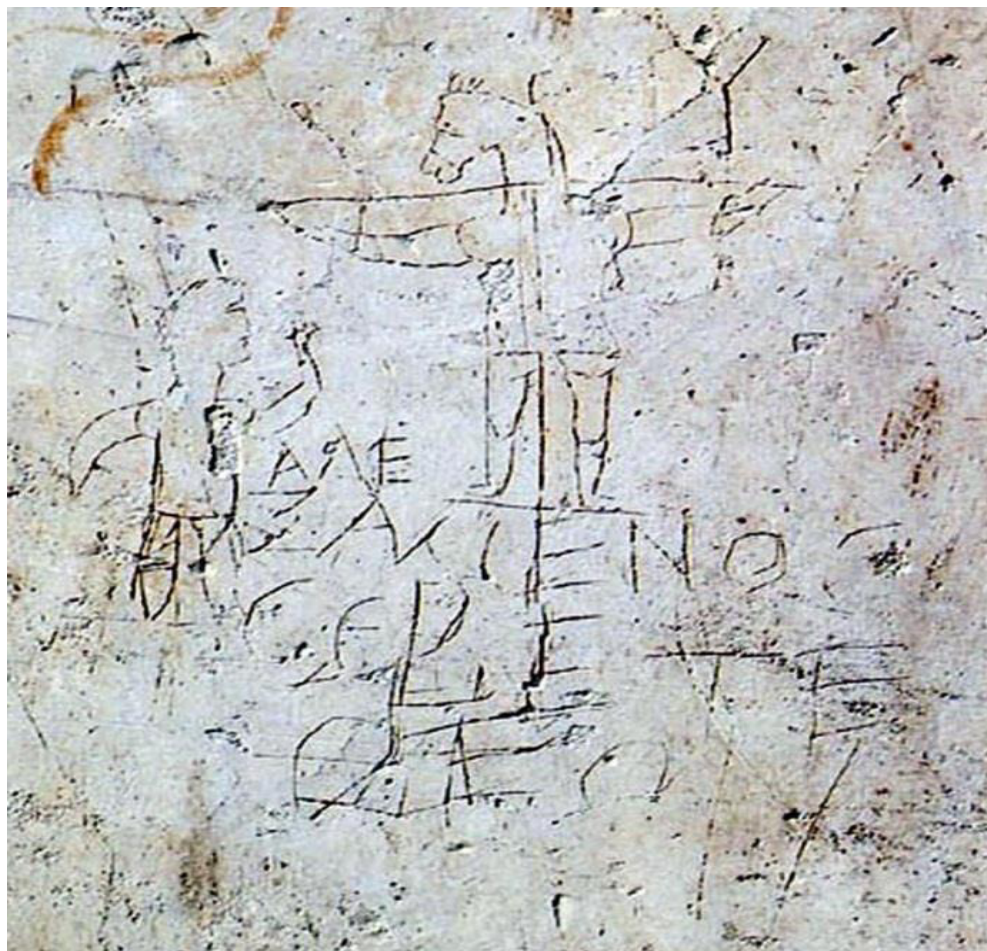
Fonte: https://www.wikidata.org/wiki/Q15728649#/media/File:Witches_Flight_Goya.jpg

Figura 11 -Pintura mostra a bruxa: Partida para o sabbat em óleo sobre tela do pintor Antoine Wiertz.



Fonte: <https://theartstack.com/artist/antoine-wiertz/la-jeune-sorciere>

Figura 12 - Gravura mostra que os cristãos adoravam a um asno crucificado



Fonte: http://arqueovox.com/images/24774890_2032216376996597_5233429859404149462_n.jpg